

**PATRÍCIA PEDROSA BOTELHO
JOSEANI ADALEMAR NETTO
THUANNY DE FÁTIMA NASCIMENTO SANTOS
ARTUR LUCINDA GONÇALVES**

**PROPOSTAS PEDAGÓGICAS PARA O ENSINO DE
LÍNGUA PORTUGUESA E DE LITERATURA NO
9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL II**



editar



**PATRICIA PEDROSA BOTELHO
JOSEANI ADALEMAR NETTO
THUANNY DE FÁTIMA NASCIMENTO SANTOS
ARTUR LUCINDA GONÇALVES**



**PROPOSTAS PEDAGÓGICAS PARA O ENSINO DE
LÍNGUA PORTUGUESA E DE LITERATURA NO
9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL II**



editar

P234 Propostas pedagógicas para o ensino de Língua Portuguesa e de Literatura no 9º ano do ensino fundamental II / Patrícia Pedrosa Botelho ... [et al.]. - Juiz de Fora: Editar, 2023.

126 p. : il. color.

ISBN: 978-65-00-75970-9 (Livro Digital)

1. Língua portuguesa - Estudo e ensino. 2. Literatura - Estudo e ensino. 3. Educação - Programas de atividades. 4. Letramento. I. Botelho, Patrícia Pedrosa. II. Adalemar Netto, Joseani. III. Santos, Thuanny de Fátima Nascimento. IV. Gonçalves, Artur Lucinda. V. Título.

CDD: 372.6



PROPOSTAS PEDAGÓGICAS PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E DE LITERATURA NO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL II

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

BOTELHO, Patrícia Pedrosa; ADALEMAR NETTO, J.; SANTOS, Thuanny de Fátima Nascimento; GONÇALVES, Artur Lucinda. *Propostas pedagógicas para o ensino de Língua Portuguesa e de Literatura no 9º ano do ensino fundamental II*. Juiz de Fora: Editora XX, 2023.

ISBN: 978-65-00-75969-3 (físico)

ISBN: 978-65-00-75970-9 (digital)

1. Ensino de Língua Portuguesa. 2. Ensino de Literatura. 3. Propostas pedagógicas. 4. Atividades para sala de aula. 5. Leitura e letramento.

Capa: Artur Lucinda Gonçalves

Diagramação: Artur Lucinda Gonçalves

Editores: Patrícia Pedrosa Botelho e Artur Lucinda Gonçalves

Revisão Linguística: Patrícia Pedrosa Botelho

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais pelo custeio das bolsas de extensão para que o projeto pudesse ter êxito.

Agradecemos à Diretoria de Extensão do IF SUDESTE MG do campus Juiz de Fora/MG pela disponibilidade em auxiliar em todas as dificuldades que tivemos ao longo do desenvolvimento do projeto que teve como resultado a obra que aqui se apresenta.

Agradecemos à Jacqueline Rodrigues Gonçalves da Costa - responsável pela Diretoria de Extensão do *campus* Juiz de Fora - e a Fabrício Tavares de Faria - responsável pela Diretoria de Administração e Planejamento do *campus* Juiz de Fora - pelo auxílio na impressão destas obras para que possam ser disponibilizadas nas escolas parceiras.

Agradecemos aos alunos do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) da Universidade Federal de Juiz de Fora por auxiliarem na descoberta das necessidades dos docentes e dos discentes para que as atividades desta obra realmente fossem efetivamente aplicadas em sala de aula para ampliação de repertório linguístico, literário e cultural.

Agradecemos aos diretores da Escola Estadual Engenheiro Henrique Dumont (Polivalente) pela parceria no projeto de extensão.

Agradecemos a todos aqueles que farão uso deste material em sala de aula, almejando que seja de grande valia para um aprendizado de língua e de linguagem.

SUMÁRIO

Apresentação.....	5-6
Sobre os autores.....	7
Sequência didática 1: <i>O Alienista</i>	8-25
Gabarito.....	26-33
Sequência didática 2: <i>O Mistério da Casa Verde & O Alienista</i>	34-59
Gabarito.....	60-64
Sequência didática 3: <i>O Mistério da Casa Verde & O Alienista</i>	65-83
Gabarito.....	84-87
Sequência didática 4: <i>O Mistério da Casa Verde & O Alienista</i>	88-119
Gabarito.....	120-125

APRESENTAÇÃO

Vivemos em um país carente de leitura. No Brasil, infelizmente, isso já é fato comprovado. Nossos alunos não leem por inúmeros motivos que não serão elencados aqui pelo fato de não ser o objetivo desta obra. Por conta desta carência que envolve inúmeros âmbitos - financeiro, social, econômico, geográfico, histórico, escolar, familiar -, tivemos como intento produzir ao longo de um projeto de extensão intitulado *Propostas pedagógicas para o ensino de língua portuguesa e de literatura no ensino fundamental e médio*, financiado pelo IF SUDESTE MG, obras para o ensino fundamental e médio que busquem ensinar a reflexividade linguística e literária com o intuito de orientar uma prática de ensino produtiva para o desenvolvimento de habilidades linguísticas e literárias, já que a realidade escolar tem demonstrado o insucesso dos alunos no momento de ler, de interpretar e de produzir textos de diversos gêneros e tipos.

Com as sequências didáticas produzidas, temos como objetivo inserir os discentes nas diversas práticas letradas que permeiam o cotidiano, levando em consideração os aspectos linguísticos, enunciativos, cognitivos, literários e sociopolíticos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem de uma língua. A criação destas propostas didático-pedagógicas para o trabalho com Língua Portuguesa e com Literatura pretende desenvolver as competências sociodiscursivas dos alunos, possibilitando-lhes uma convivência mais inclusiva no mundo letrado.

Nenhuma língua existe em função de si mesma, desvinculada do espaço físico e cultural em que vivem seus usuários ou independente de quaisquer outros fatores situacionais. As línguas estão a serviço das pessoas, de seus propósitos interativos, conforme o contexto, os eventos e os estados em que os interlocutores se encontram. O que existe é a língua concretizada em atividades, em ações e em atuações comunicativas, como modo de ação, como forma de prática social, direcionada para determinado objetivo. Assim, os autores desta obra esperam que o material produzido possa auxiliar professores de Língua Portuguesa e de Literatura do ensino fundamental a ter acesso a sequências didáticas que abarquem práticas pedagógicas advindas da confluência da experiência, da vivência, da teoria linguística e da literária por meio de atividades que podem ser aplicadas em sala de aula de modo virtual e/ou presencial. Com a elaboração destas propostas, quisemos instigar a inovação em sala de aula, trazendo à baila atividades educacionais contemporâneas, especificamente, as que envolvem práticas sociais mediadas pelas mais diferentes linguagens.

As quatro obras do ensino fundamental congregam temáticas específicas para cada ano. Para as do 9º ano, fizemos a escolha de duas obras: *O Alienista* de Machado de Assis e *O Mistério da Casa Verde* de Moacyr Scliar. Cada uma das sequências que compõe a obra do 9º ano revisita os gêneros estudados para que, assim, os alunos possam conhecer as várias faces da produção aldrábrica e consolidar os conhecimentos adquiridos.

A sequência didática I tem como foco a leitura da obra *O Alienista* de Machado de Assis trazendo discussões sobre os seguintes temas: loucura, inconsciente, razão, ciência como verdade absoluta, Lei antimanicomial etc. A intertextualidade será o fio condutor das discussões sobre preconceito e discriminações sofridas.

A sequência didática II apresenta a obra *O Mistério da Casa Verde* de Moacyr Scliar, solicita a leitura de alguns capítulos e das temáticas que se referem à alienação mental, à lobotomia, à arte terapia e à luta antimanicomial. Apresentamos Nise da Silveira como uma personalidade importante

para o direcionamento do olhar em relação ao tema exposto. Ao longo desta sequência, revisitamos os gêneros aldravia, *ex-libris* e *ex-aldraviLIBRIS* a partir de atividades que pretendem levar o aluno à produção autoral dos gêneros elencados.

A sequência didática III pretende dar continuidade à leitura de alguns capítulos da obra *O Mistério da Casa Verde* de Moacyr Scliar introduzindo a técnica de pintura chamada aldravintura, a qual pode ser usada em intervenções terapêuticas para promover o bem-estar mental de crianças, de jovens e de adultos. Trabalhamos questões que envolvem temas relacionados à saúde mental, à arteterapia, exercitando a sensibilidade para a livre criação artística aldravista, além do diálogo com a obra de Machado de Assis, *O Alienista*. Na produção textual, os alunos são desafiados a construir aldravias e a experimentar a produção artística de uma aldravintura, exercitando a sensibilidade e experienciando os efeitos sinestésicos produzidos pela mistura dos sentidos.

A sequência didática IV diz respeito à aldravipeia. Os alunos são convidados a experimentar a palavra em suas mais variadas acepções. O letramento linguístico se faz com o estudo da polifonia, da semântica e da intertextualidade como recurso dialógico na construção do texto. Buscamos aprofundar o estudo discutindo a diferença entre releitura e plágio, promovendo momentos de escrita do gênero aldravipeia para a produção autoral de uma obra de apenas uma página, mas que contivesse os elementos que poderiam caracterizá-la como um livro.

Consideramos que essas escolhas possam auxiliar os professores a ensinar um ensino mais capilarizado, ampliando o conhecimento dos alunos no que tange à Literatura. As sequências didático-pedagógicas foram confeccionadas para cada série do ensino fundamental com o objetivo de ampliar letramento e repertório linguístico e literário.

Acreditamos, também, que nenhuma obra possa abarcar de modo completo todas as necessidades do docente em sala de aula, mas, o que buscamos, foi produzir atividades que possam auxiliar nesse processo de ensino-aprendizagem. As propostas didático-pedagógicas aqui presentes podem ser utilizadas com alterações pelos docentes desde que salvaguardados os direitos autorais. Esperamos que os docentes possam fazer uso deste material e se sintam confortáveis para encaminhar aos autores sugestões de melhorias para as próximas edições.

SOBRE OS AUTORES



Patrícia Pedrosa Botelho tem pós-doutorado em Estudos Literários, tendo atuado em instituições de nível fundamental e médio. Atualmente, atua como professora efetiva de Língua Portuguesa e de Literaturas no IF SUDESTE MG e como professora colaboradora do Mestrado Profissional em Letras da UFJF. É pesquisadora e orientadora de trabalhos acadêmicos que tratam de temas sobre letramento literário, literatura, ensino e práticas pedagógicas no ensino fundamental e médio. É idealizadora e coordenadora deste projeto que resultou na publicação destas obras.



Joseani Adalemar Netto tem mestrado em Letras, especialização em Práticas Pedagógicas na Educação Contemporânea. Atualmente, atua como professora de Língua Portuguesa e de Literatura na Escola Municipal Anita Soares Dulci e no Colégio Santos Dumont na cidade de Santos Dumont, Minas Gerais. É membro efetiva da Sociedade Brasileira de Poetas Aldravianistas (SBPA) e da Academia Juiz-Forana de Letras (AJL). É colaboradora externa do projeto de extensão que resultou na publicação desta obra, co-orientando os bolsistas na construção das sequências didáticas que compõem o material final do projeto.



Thuanny de Fátima Nascimento Santos é estudante de Licenciatura em Língua Portuguesa e em Língua Espanhola pelo IF SUDESTE MG, *campus* São João del Rei. Tem graduação em Filosofia pela UFSJ. Foi voluntária no projeto *Cri(s)e na pandemia: buscando soluções para a melhoria do comércio de livros e para a ampliação dos hábitos e índices de leitura*. É ex-bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) da área de Língua Portuguesa. Atua como bolsista no projeto de extensão que resultou na publicação desta obra e participou de outros projetos cujo intuito é focar na transformação da sociedade através da leitura e da educação.



Artur Lucinda Gonçalves é estudante de Licenciatura em Língua Portuguesa e em Língua Espanhola pelo IF SUDESTE MG, *campus* São João del Rei. Atualmente, é bolsista do Programa de Residência Pedagógica na mesma Instituição de ensino. Atuou como voluntário no projeto de extensão que resultou na publicação desta obra e participou de outros projetos cujo intuito é focar na transformação da sociedade através da leitura e da educação. Fez a diagramação e a edição de todas as capas e sequências didáticas produzidas para as obras do ensino fundamental e do ensino médio.



Esta Sequência Didática I diz respeito ao gênero aldravia, poema de seis versos univoculares nascido em Mariana, Minas Gerais, em que a metonímia é a figura de linguagem mais representativa.

Objetivos da sequência: Trabalhar questões que envolvem o tema "loucura" e esse mesmo tema nas artes em geral, tendo como base o livro *O Alienista* de Machado de Assis que é o foco desta sequência didática. Preparar os alunos através da obra de Machado de Assis, *O Alienista*, para a leitura da obra *O Mistério da Casa Verde*, de Moacyr Scliar, foco das próximas sequências didáticas. Exercitar o olhar para os elementos imagéticos e sua interpretação, ampliando o repertório literário e artístico dos alunos sobre as aldravias através da escrita poética do gênero e exercitar a intertextualidade.

Dados da aula



Público alvo: Alunos do 9º ano do Ensino Fundamental II

Sequência Didática: Esta sequência didática se divide em 4 Momentos: Motivação, Introdução, Leitura/Interpretação e Produção de Texto.

Duração das atividades: 14 aulas.



1º MOMENTO



MOTIVAÇÃO

A Motivação deve ser dada em 1 aula de 50 min. O objetivo desta aula é apresentar o tema "loucura" presente no livro *O Alienista*, de Machado de Assis, refletindo sobre sanidade X insanidade, além do preconceito que perpassa as questões mentais.

AULA 1 - 50 MIN



Passo 1: A "loucura" é um tema constantemente visitado pelas artes em geral como na literatura, no cinema, nas artes plásticas e, também, na música. Muitas vezes, as artes mostram a loucura como um fio tênue entre a realidade e a utopia. Outras vezes, as artes nos levam a refletir se estamos realmente sãos ou se somos também loucos. De forma poética, bem-humorada ou filosófica, a loucura se faz tema e os artistas se expressam tentando entender nossa sociedade, nosso mundo, nosso eu. Leia a letra da música *As Flores e o Louco* de Fábio Brazza e assista ao vídeo clip através do link ou do QR code abaixo para depois responder a algumas questões.



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=-YOOjdk6cpQ&list=RD-YOOjdk6cpQ&start_radio=1.

Acesso em: 16 jan. 2023.

As Flores e o Louco

Fábio Brazza

Louco,

Dizem que ele era louco

Por acreditar demais no outro

Parava pra ouvir a história de todos

Dividia tudo mesmo tendo tão pouco

Quando sobrava um troco

Comprava flores e distribuía elas pelos cemitérios

Parecia rezar, mas pra quem ele rezava era um mistério

Louco

Fazia o bem e não batia bem, nem um pouco

Falava com quem hein?

Acreditava que a riqueza não estava no bolso

Quem passava ria

Esse mano aí chapou o coco

Tinha a mania de falar de um mundo que não existia

Que só ele via

E seu defeito era achar que o mundo tinha jeito

Tola utopia

Um belo dia ao sair da floricultura um homem questionou sua loucura

Pra que gastar dinheiro com flores que vão morrer
Com pessoas que você nem conhece do outro lado da sepultura?

E ele retrucou

Não vê que seu dinheiro é como essa flor
Um pedaço de uma árvore morta que você ainda
crê que tem valor
As flores são pra lembrar que a gente é passageiro
As flores são nosso presente derradeiro
Pra nos mostrar que mesmo depois da morte a vida
ainda deixa seu cheiro
E embaixo do caixão
As flores te acompanham, o dinheiro não
E se eu deixo flores não é só pra louvar os que se
foram
Mas pra alertar os que ficarão

Irmão, louco, louco
A cidade se juntou e resolveu atear fogo
Em todas as flores que ele botou e logo
O acusaram de demagogo
O lincharam no soco

E no chão do cemitério agonizando e quase morto
ao invés de pétalas
Atiraram pedras no seu corpo e por toda parte se
ouvia esse rogo

Louco, só mais um louco
Mentiroso
Sonhador
Seja o que for
Ele é só mais um louco louco
E depois que ele sumiu
A cidade perdeu suas cores
Não havia flores, só o cheiro da podridão
Flores são pra dizer que amamos alguém
Se o amor se for a flor também
E o amor é flor em extinção
Nos jardins da ambição
O que brota é só nota de cem
Os loucos já não mais se veem
Pois em terra de são os loucos são os que mais
veem

Quando lembro desse louco penso que o poeta é
um louco também
Querendo fazer brotar mais alguma flor no coração
morto de alguém
E isso é tudo que um louco tem
Hoje quando passo pelo cemitério
Vejo os mortos querendo me dizer
Será que só quando vocês morrerem vão perceber
Que aquele louco falava sério

Talvez esse foi um sonho que nunca aconteceu
Talvez seja delírio meu
Talvez dê lírio
Talvez dê rosas
Talvez dê risos
No fim da história quem será que enlouqueceu
E quem há de dizer que esse sonho morreu
Às vezes penso que as flores são a esperança
E que eu tenho um pouco desse louco
Mas quem matou ele também fui...

Louco, só mais um louco
Mentiroso
Sonhador
Seja o que for
Ele é só mais um louco louco.

1. Apesar de não ser possível, sintaticamente, determinar o sujeito do verso "Dizem que ele era louco", é possível a partir da leitura inferir quem é o sujeito da oração? Justifique sua resposta.
2. É possível estabelecer o gênero musical, ou seja, rap, utilizado por Fábio Brazza ao compor a letra da música. Sendo assim, determine se a linguagem utilizada é formal ou coloquial. Justifique utilizando elementos do texto.
3. Uma das regras gramaticais para a linguagem escrita diz que não se deve usar pronome oblíquo no início de frases. Há, porém, em dois versos da música um desvio dessa regra. Identifique esses dois versos e justifique esse desvio.
4. Por qual motivo chamaram o homem das flores de louco?
5. Há na letra da música um momento em que se faz uma indagação que, apesar de estar sem o sinal de interrogação, é importante e nos leva a comparar e a refletir sobre o comportamento do homem das flores e o comportamento da sociedade em relação à loucura. Retire do texto essa indagação e comente como você a entende.
6. Há um ditado popular que diz "Em terra de cego quem tem um olho é rei". Na letra da música, percebe-se que Fábio Brazza fez uma releitura desse ditado. Encontre a releitura feita pelo autor e explique tanto o ditado popular que serviu de base para a intertextualidade quanto o ditado recriado.
7. A intertextualidade pode ser definida como o diálogo entre textos. Ao recriar o ditado popular, citado na questão anterior, o autor da música *O louco e as flores* estabeleceu uma relação intertextual. Essa relação pode ser feita modificando o sentido do texto original (Paródia) ou mantendo o seu sentido (Paráfrase), porém com outras palavras. A qual tipo de intertextualidade o autor lançou mão para a releitura do ditado popular? Comente.
8. Ainda hoje, em nossa sociedade, há muito preconceito em relação às pessoas que são diferentes, principalmente àquelas que sofrem de transtornos psicológicos chamadas de loucos por muitos de nós. Busque na letra da música PELO MENOS três situações que podem caracterizar situações de preconceito e de discriminação. Registre os versos em seu caderno.
9. O que faz o autor da música pensar que o "poeta é um louco também"? Apresente seus argumentos.
10. Na música de Fábio Brazza aparece a palavra "utopia". O que esta palavra significa? Se necessário, busque seu significado em um dicionário ou converse com seus colegas.
11. A partir do significado da palavra "utopia", qual a mensagem deixada pelo homem que distribuía flores e acreditava que "a riqueza não estava no bolso"?
12. E para você? Esse mundo sonhado pelo personagem da música é uma utopia ou é possível? Comente sua resposta.

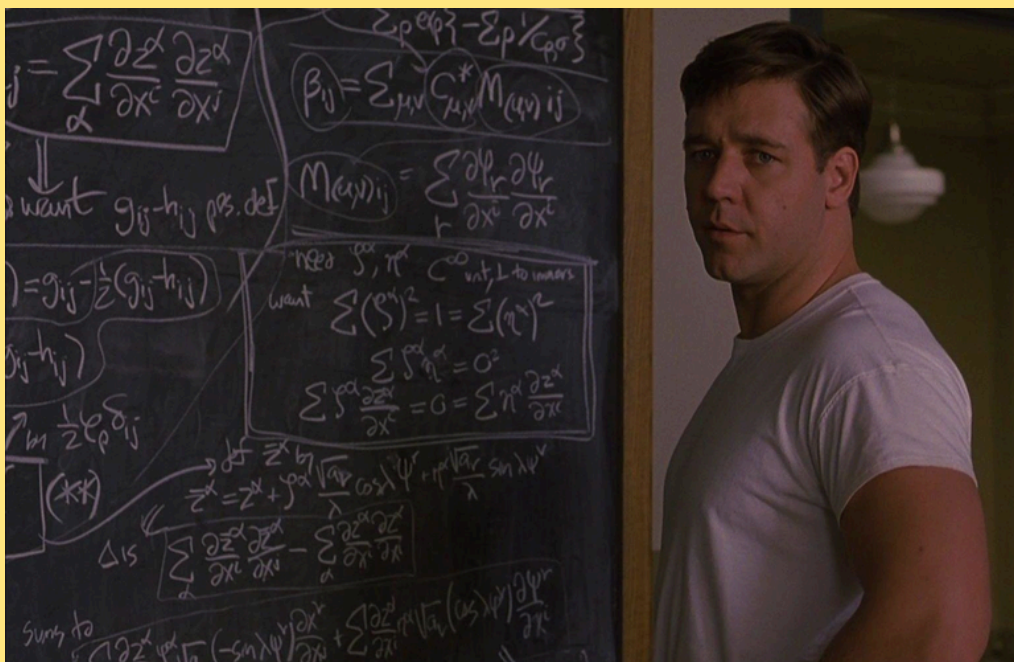


ALÉM DA SALA DE AULA



SUGESTÕES DE FILMES E DE MÚSICAS TEMA: LOUCURA

Livro: *Uma mente brilhante*



Fonte: <https://www.papodecinema.com.br/filmes/uma-mente-brilhante/> Acesso em: 15 jan. 2023.

Sinopse: John Nash (Russell Crowe) é um gênio da matemática que aos 21 anos formulou um teorema que provou sua genialidade e o tornou aclamado no meio onde atuava. Mas aos poucos o belo e arrogante John Nash se transforma em um sofrido e atormentado homem que chega até mesmo a ser diagnosticado como esquizofrênico pelos médicos que o tratam. Porém, após anos de luta para se recuperar, consegue retornar à sociedade e acaba sendo premiado com o Nobel.

TEMA: esquizofrenia; saúde mental; reabilitação.

Fonte: <https://cinemahistoriaeducacao.com/cinema-e-psicologia/uma-mente-brilhante/> Acesso em: 15 jan. 2023.

Assista ao vídeo clip de Ney Matogrosso interpretando a música *Balada do louco* através do link ou do QR code:



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=yu90Ha1Woiw>. Acesso em: 15 jan. 2023.



Uma música irreverente para ser ouvida é *De todos os loucos do mundo* de Clarice Falcão. Divirta-se lendo e ouvindo essa música irreverente e bem-humorada de Clarice Falcão através do link ou do QR code abaixo:



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=_urX_yIJMpU. Acesso em: 15 jan. 2023.



2º MOMENTO



INTRODUÇÃO

A Introdução se divide em 3 aulas de 50 min. Os objetivos dessas aulas são dar continuidade à temática da loucura presente no livro *O Alienista*, do autor Machado de Assis, trabalhar a intertextualidade e o gênero aldravia.

AULA 1 - 50 MIN



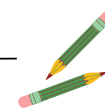
Passo 1: Provavelmente você já deve ter ouvido muitos ditados populares, como por exemplo, "há males que vêm para o bem", "olha com quem andas e te direi quem és", "a pressa é a inimiga da perfeição" etc. Pensando sobre esses ditados e outros que você conhece, responda:

- O que são os ditados populares? Para que servem?
- Que outros ditados populares você conhece?
- Escolha um dos ditados que você elencou na letra "b" e explique com suas palavras qual o ensinamento que ele quer passar.
- Leia o ditado abaixo e explique-o:

DE MÉDIDO E DE LOUCO, TODO MUNDO TEM UM POUCO.

Passo 2: Ao corrigir suas respostas com seu professor e com os colegas, conversem sobre a importância ou não dos ditados populares em nossa cultura, como são passados para as pessoas, se é possível conhecer sua origem, o seu preferido, de qual deles você já se apropriou e repassa para as pessoas, se é possível dividi-los por temas e quais seriam esses temas.

AULA 2 - 50 MIN



Passo 1: Na Aula 1, você e seus colegas discutiram sobre os ditados populares. Vocês perceberam que eles encerram uma sabedoria que pode ser compreendida também como um conselho. Porém, alguns ditados podem soar como preconceituosos, por isso é preciso refletir antes de usar uma expressão que denote preconceito ou discriminação de qualquer tipo. Leia os ditados populares abaixo e diga se eles trazem uma sabedoria ou perpetuam algum tipo de preconceito ao serem usados:

- "A mulher honrada sempre deve ser calada"
- "Um olho no burro, outro no cigano"

Passo 2: Há também em nossa sociedade o uso de frases feitas e expressões cheias de preconceitos, mas que estão enraizadas no nosso modo de falar. Quando o assunto é saúde mental, podemos elencar frases do tipo: "Isso aí é mania de doença", "Depressão é falta de fé", "Depressão é desculpa de quem não quer fazer nada, não quer trabalhar", "Isso é falta de serviço", "Você precisa se esforçar mais" e muitas outras que, ao invés de ajudar a pessoa que está passando por um transtorno emocional, mental ou psicológico, pode agravar sua condição.

A frase abaixo também considerada como um ditado popular apresenta ambiguidade dependendo do contexto em que é usada, ou seja, pode denotar sabedoria ou revelar um preconceito. Leia a frase e explique a afirmativa anterior.

CABEÇA VAZIA, OFICINA DO DIABO.

AULA 3 - 50 MIN



Passo 1: Leia a aldravia abaixo de Joseani Adalemar Netto, poeta aldravianista, membro da Sociedade Brasileira de Poetas Aldravianistas (SBPA) com sede em Mariana, Minas Gerais.

se
Ismália
enlouqueceu
?
imagina
eu

Obs.: Aldravia é um poema de seis versos univoculares criado pelos poetas Andreia Donadon Leal, Gabriel Bicalho, J. B. Donadon-Leal e J. S. Ferreira na cidade de Mariana, Minas Gerais, no ano de 2010.

Passo 2: Na aldravia lida, há um nome próprio "Ismália". Esse nome diz respeito a uma personagem de outro poema da nossa Literatura Brasileira. Converse com seu professor e com seus colegas para reconhecer o poema com o qual a aldravia dialoga, o seu autor e registre as informações em seu caderno.

Passo 3: Após reconhecer que a aldravia dialoga com o poema de Alphonsus de Guimaraens, responda às questões abaixo:

1. No poema de Alphonsus de Guimaraens, qual o principal delírio da mente de Ismália?
2. Qual a consequência da loucura de Ismália? Explique.
3. Alphonsus de Guimaraens é um poeta do Simbolismo brasileiro. O Simbolismo é um movimento literário cujas características marcam a linguagem e o estilo da escrita poética, através do uso de figuras de linguagem, como a sinestesia, por exemplo. Outras características marcantes dizem respeito ao anticientificismo, à fantasia, ao mistério, à valorização da espiritualidade, do inconsciente, da intuição sobrepondo-se à lógica e à razão. Diante dessa afirmativa, identifique as características simbolistas do poema "Quando Ismália enlouqueceu...".
4. Como interpretar o diálogo entre a aldravia de Joseani Adalemar Netto e o poema de Alphonsus de Guimarães? Faça correlações, analogias etc e faça comentários sobre esse diálogo.
5. A partir do assunto abordado e das atividades realizadas, crie uma aldravia em que a loucura seja a temática.

ALÉM DA SALA DE AULA



A obra *O Alienista* de Machado de Assis faz uma reflexão sobre a loucura como um dos temas abordados. Além da temática, o livro apresenta um conflito entre a razão e o lado humano cheio de contradições e de fragilidades. Para continuarmos nossas atividades, conheça um pouco sobre Machado de Assis e sobre o livro *O Alienista*, acessando o link ou o QR code abaixo:



O ALIENISTA

"O Alienista" - Resumo e Análise do conto de Machado de Assis
Entenda o enredo e os principais aspectos da obra

 Guia do Estudante / 17 de set. de 2012

Fonte: <https://guiadoestudante.abril.com.br/estudo/o-alienista-resumo-e-analise-do-conto-de-machado-de-assis/>. Acesso em: 15 jan. 2023.





LEITURA/INTERPRETAÇÃO

A Leitura se divide em 7 aulas de 50 minutos. O objetivo destas aulas é trabalhar a criticidade dos alunos perante os temas: "inconsciente e razão", "loucura e lucidez" e o questionamento da "ciência como verdade absoluta" dentre outros que estão presentes no livro *O Alienista*, do principal representante do Realismo brasileiro, Machado de Assis.

AULA 1 - 50 MIN



Passo 1: Uma obra literária pode ser publicada em vários formatos, o mais importante é que o texto faça jus ao texto original para que não se perca a qualidade da narrativa criada pelo autor. Para a leitura do livro *O Alienista* de Machado de Assis faremos uso de alguns capítulos ou trechos retirados da obra em formato de HQ. Leia com atenção um fragmento do primeiro capítulo para responder às questões propostas:



Fonte: <https://caminhopoetico.wordpress.com/2014/10/12/o-alienista-de-machado-de-assis-livro-e-hq-para-download/> Acesso em: 15 jan. 2023.

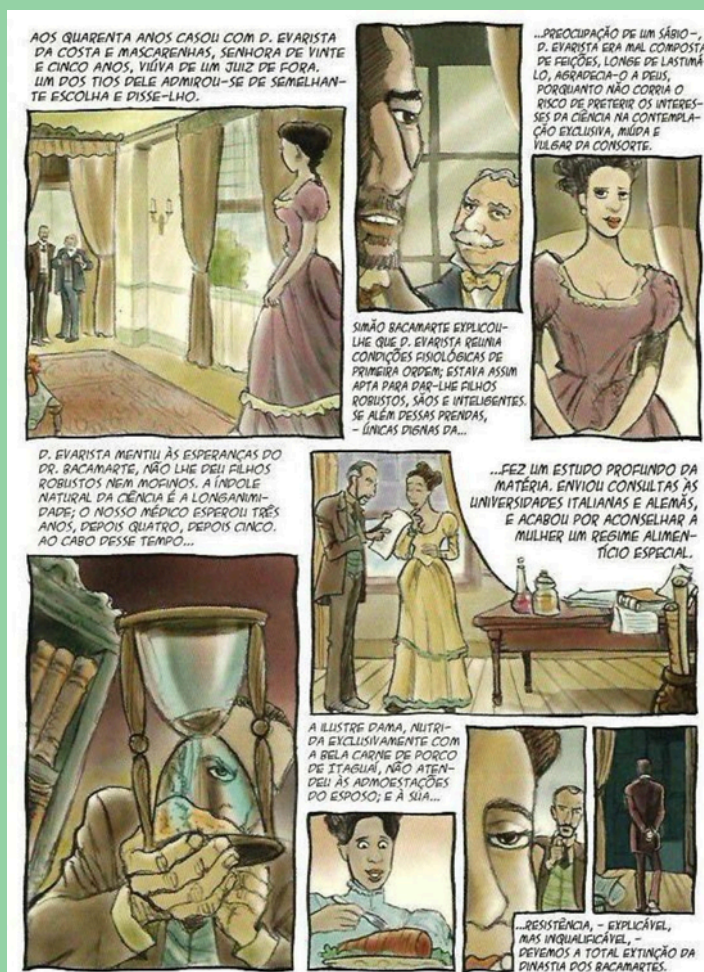
1. O título da obra de Machado de Assis adaptada para os quadrinhos é *O Alienista*. Você sabe o que significa ser um "alienista"? Acesse o link ou o QR code abaixo e descubra:



Fonte: <https://www.dicio.com.br/alienista/>.
Acesso em: 16 jan. 2023.

2. Agora que você já sabe o que é um alienista, responda tendo como base o fragmento da HQ compartilhado no Passo 1 desta atividade:
- Qual o nome do personagem alienista que fixou residência na cidade de Itaguaí e quais informações o texto dá para apresentá-lo como um médico de importância?
 - Pela fala de Simão Bacamarte no balão do segundo quadrinho, quais foram os argumentos usados por ele para não aceitar o pedido do Rei e voltar para o Brasil, mais precisamente para a cidade de Itaguaí? Retire do texto a resposta.

Passo 2: Leia mais uma parte do HQ e continue respondendo às perguntas:

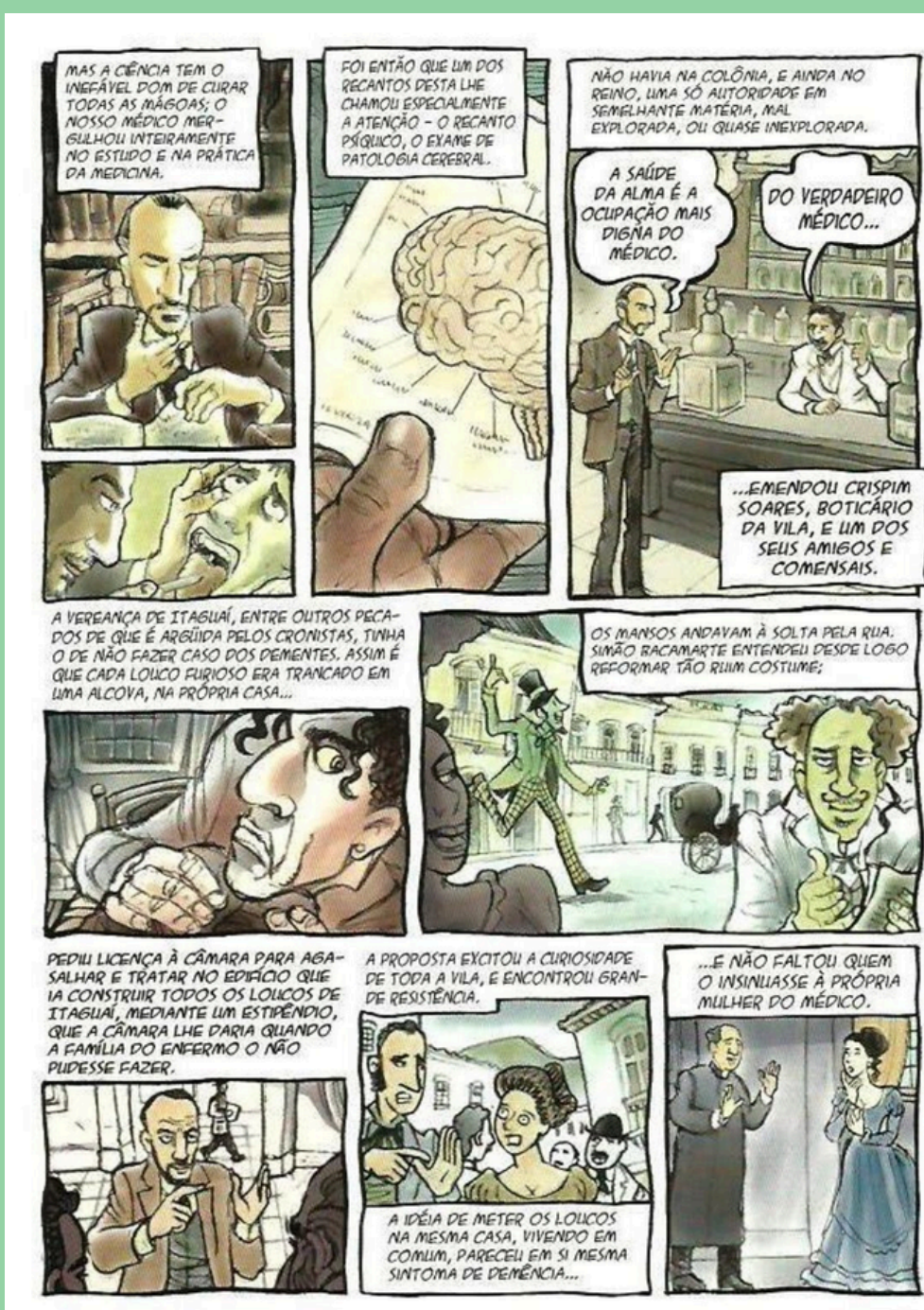


Fonte: <https://caminhopoetico.wordpress.com/2014/10/12/o-alienista-de-machado-de-assis-livro-e-hq-para-download/> Acesso em: 15 jan. 2023.

1. Leia a afirmativa: Simão Bacamarte não se casou por amor. Qual era o objetivo do alienista em se casar com D. Evarista?
2. Ao continuar lendo os quadrinhos, sabemos que D. Evarista não engravidou mesmo cumprindo as orientações nutricionais do esposo e médico. Diante da infertilidade da esposa, qual terá sido a reação de Simão Bacamarte? Pense e crie uma hipótese para como o alienista se comportou a partir desse momento.

Dica: Crie sua hipótese, compartilhe com os colegas e com o professor. Ouça as hipóteses criadas pelos colegas, eleja a hipótese mais convincente de toda a turma e registre-a em seu caderno.

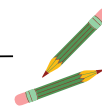
3. Confira nos quadrinhos abaixo se a hipótese eleita como a mais convincente da turma se confirma ou não:



Fonte: <https://caminhopoetico.wordpress.com/2014/10/12/o-alienista-de-machado-de-assis-livro-e-hq-para-download/> Acesso em: 15 jan. 2023.

4. Qual foi a ideia que o Doutor Simão Bacamarte teve ao se entregar totalmente aos estudos científicos, esquecendo-se por um momento do fato de a esposa não ter dado filhos a ele?
5. Mais adiante no enredo da história, Doutor Bacamarte consegue finalizar o edifício que ele idealizara para os loucos da cidade. Revisitando a primeira página do HQ compartilhada no Passo 1 da primeira aula, vê-se o título *O Alienista* e o subtítulo do capítulo 1 "De como Itaguaí ganhou uma Casa de Orates". Mesmo que você não conheça o significado da palavra "orate", é possível inferir que essa casa era justamente o edifício idealizado por Simão Bacamarte. O que se pode concluir, então, do sentido da expressão "Casa de Orates"?

AULA 2 - 50 MIN



Passo 1: Corrija as questões da aula anterior com seus colegas e com o professor.

Passo 2: Uma lei chamada Lei Antimanicomial nº 10.216 de 06 de abril de 2001 redireciona o modelo assistencial em saúde mental ordenando que, gradativamente, as instituições psiquiátricas como hospitais e manicômios sejam fechadas e somente se internem pessoas cujo tratamento não possa ser realizado em âmbito familiar ou ambulatorial. O livro *O Alienista* foi publicado em uma época em que os doentes mentais eram internados em hospitais, "casas para loucos" ou até mesmo trancados em suas próprias casas, excluídos do convívio com as pessoas ditas "normais", não necessariamente para serem tratados e reinseridos na sociedade, mas por ser um incômodo. Alguns, os mais "mansos", como diz a narrativa, viviam perambulando pelas ruas sem nenhuma assistência.

O que foi dito acima, retrata duas situações opostas. O que você e seus colegas têm a dizer sobre isso? Prepare-se para um debate. Siga as instruções abaixo:

De
ba
te

1- PLANEJAMENTO

Organize sua turma em dois grupos para debaterem sobre a Lei nº 10.216 de 6 de abril de 2001.

G1- A favor da Lei
G2- Contrário à Lei

2- TAREFAS

Pesquise a Lei Antimanicomial pelo link ou pelo QR code:

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/l10216.htm#:~:text=L10216&text=LEI%20No%2010.216%2C%20DE,modelo%20assistencial%20em%20sa%C3%BAde%20mental



3- ESTUDANDO

Leia a matéria sobre a reforma psiquiátrica no Brasil pelo link ou pelo QR code:

<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/04/06/apos-20-anos-reforma-psiquiatica-ainda-divide-opinioes>



4- ESTUDANDO

Continue se informando pelos links:

1. <https://www.epsjv.fiocruz.br/noticias/reportagem/desafios-da-reforma-psiQUIATRICA>
2. <https://jornalistaslivres.org/lei-anti-manicomial-completa-20-anos-sob-risco-de-retrocesso/>
3. <https://www.camara.leg.br/noticias/838673-integrantes-do-movimento-antimanicomial-acusam-governo-de-dificultar-realizacao-de-conferencia-de-saude-mental/>

6- ORGANIZANDO O DEBATE

Para um debate construtivo, crie regras como:

1. Sorteie qual grupo fará primeiro sua introdução do tema e estabeleça o tempo de fala.
2. Sorteie qual grupo defenderá primeiro sua opinião e estabeleça o tempo de fala.
3. Sorteie o grupo que fará primeiro sua conclusão e estabeleça o tempo de fala.
4. Convide o professor para ser o mediador do debate ou, se preferir, escolha um colega da turma.

5- ORGANIZANDO IDEIAS

- Depois de consultar os links sugeridos e de pesquisar mais sobre o assunto, organize a opinião do grupo em tópicos frasais (frases pequenas que contenham a ideia central do que se vai defender no debate).
- Estude com os colegas quais as estratégias que serão usadas para expressar suas opiniões.
- Escolham um representante do grupo para debater com o representante do outro grupo.

7- DIA DO DEBATE

1. Organize a sala: os alunos representantes dos grupos devem se colocar em lados opostos, na frente da sala. O mediador deverá ficar entre os dois debatedores e o restante da turma será o público. Organize o local onde o público ficará.
2. Crie regras de comportamento para os debatedores: eles podem interromper a fala do colega? Haverá réplica? Tréplica? Que tipo de linguagem devem usar? Peça orientação do professor.
3. Crie regras de comportamento para o público ouvinte: ele pode se manifestar? Quando? Como?

AULAS 3 E 4 - 50 MIN PARA CADA UMA



As aulas 3 e 4 deverão ser dedicadas à organização do debate. Siga as instruções dadas na aula 2, peça orientação de seu professor.

AULAS 5 E 6 - 50 MIN PARA CADA UMA



Após a organização do debate, seguindo as sugestões dadas e as orientações de seu professor, é hora de colocar em prática a atividade.

DEBATE LEI 10.216, LEI ANTIMANICOMIAL

Obs.: Peça ao seu professor para marcar o dia do debate. É interessante que o debate seja no dia em que a aula de Língua Portuguesa seja geminada para não interromper a atividade. Caso a sua turma não tenha dois horários seguidos para o desenvolvimento da tarefa, peça ao professor para negociar com outro colega de trabalho ou com a direção escolar essa possibilidade.



Passo 1: No decorrer da história contada na obra *O Alienista* de Machado de Assis, tomamos conhecimento de que o Dr. Simão Bacamarte internou quase todos os moradores da cidade em sua Casa Verde. Responda às questões abaixo depois de ler a página do HQ em que as internações acontecem de forma desmedida:



1. Quais são os motivos que levaram o Dr. Simão Bacamarte a internar os moradores de Itaguaí? Você considera esses motivos científicos? Explique.
2. As pessoas em Itaguaí, passados os momentos de euforia pela chegada de um médico tão renomado na cidade, como o Dr. Simão Bacamarte, não estavam mais satisfeitas com os métodos utilizados pelo psiquiatra. Temiam ser trancadas junto aos outros na Casa de Orates. Por isso, em um determinado momento da história, anterior à página compartilhada para leitura, houve uma revolta na cidade em que moradores comuns se juntaram a moradores mais influentes como o boticário e o barbeiro Porfírio, líder da revolta, que recebeu como nome o seu apelido Canjica. Tomando ciência dessa revolta e lendo a página compartilhada, percebe-se que a "Revolta do Canjica", como ficou conhecida, não resolveu o problema das internações e a própria esposa do médico foi internada. Como termina a história contada em *O Alienista* de Machado de Assis? Consulte o link ou o QR code abaixo e registre o final da história em seu caderno:

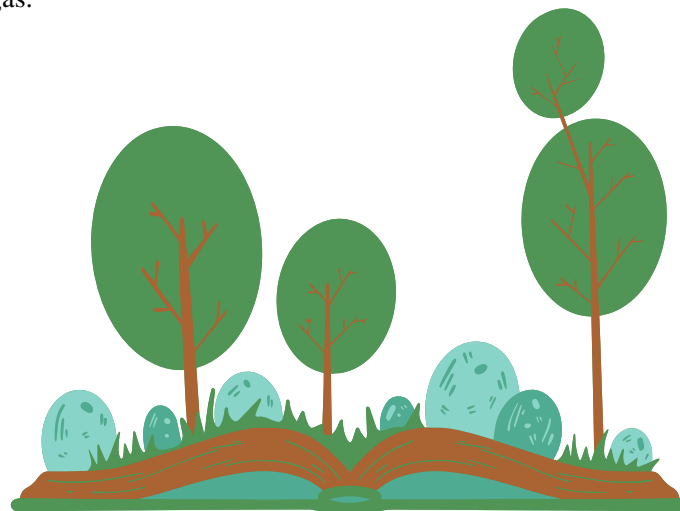


Fonte: <https://guiadoestudante.abril.com.br/estudo/o-alienista-resumo-e-analise-do-conto-de-machado-de-assis/>. Acesso em: 16 jan. 2023.



3. Pense e use sua imaginação: crie uma outra versão para o fim de *O Alienista* e registre-a em seu caderno.

Passo 2: Compartilhe suas respostas com os colegas e com o professor, corrigindo-as, se necessário. Ouça a versão criada pelos colegas.

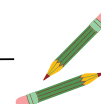




PRODUÇÃO TEXTUAL

A Produção Textual se divide em 3 aulas de 50 min. O objetivo destas aulas é exercitar a criticidade dos alunos através da escrita poética aldravista tendo como base *O Alienista* de Machado de Assis e as atividades realizadas ao longo desta Sequência Didática.

AULA 1 - 50 MIN



Passo 1: Você conheceu um pouco de *O Alienista* escrito no final do século XIX e publicado primeiramente em um livro de contos também de Machado de Assis chamado *Papéis Avulsos* em 1882. Leia a síntese abaixo:

Inicialmente, foi publicado no livro de contos *Papéis avulsos* de 1882. Trata-se da história do médico Simão Bacamarte, um homem da ciência, que constrói um hospício na vila de Itaguaí, conhecido como a Casa Verde. No entanto, aquilo que parecia ser fruto da evolução científica se transforma em motivo de medo para os habitantes da vila. Isso porque Bacamarte interna em seu hospício todas as pessoas que agem de modo não racional segundo seus próprios critérios. Dessa forma, o irônico narrador evidencia os excessos da ciência.

O tempo da narração está associado ao presente do narrador, isto é, final do século XIX, porém, o tempo da narrativa, segundo as "crônicas da vila de Itaguaí", está vinculado a 'tempos remotos' não especificados pelo narrador, mas relacionados possivelmente à época de 'El-rei Dom João V'.

O narrador da obra é onisciente, pois possui total conhecimento dos personagens (é capaz de saber até seus pensamentos mais íntimos). Essa obra publicada pela primeira vez no livro de contos *Papéis avulsos* (1882) possui a seguinte estrutura:

Capítulo I: De como Itaguaí ganhou uma casa de Orates.

Capítulo II: Torrente de loucos.

Capítulo III: Deus sabe o que faz!

Capítulo IV: Uma teoria nova.

Capítulo V: O terror.

Capítulo VI: A rebelião.

Capítulo VII: O inesperado.

Capítulo VIII: As angústias do boticário.

Capítulo IX: Dois lindos casos.

Capítulo X: A restauração.

Capítulo XI: O assombro de Itaguaí.

Capítulo XII: O final do § 40.

Capítulo XIII: Plus ultra!

Pertencente ao Realismo, essa obra apresenta uma característica marcante do autor, isto é, a ironia. Configura-se como uma narrativa cômica, crítica e sem idealizações. Afinal, o narrador machadiano zomba do cientificismo naturalista de finais do século XIX e mostra os perigos causados pelo excesso que podem fazer a ciência quase se confundir com uma crença.

Passo 2: *O Alienista* é dividido em 13 capítulos. Leia novamente o título dos capítulos II, III, V e VII. Pense nesses títulos como temas para serem desenvolvidos por você em uma produção poética aldravista e construa para cada um deles uma aldravia.

Dica: Você pode fazer a leitura do conteúdo dos capítulos sugeridos para criar suas aldravias ou usar apenas os títulos como tema para essa criação.

Passo 3: Compartilhe sua produção poética com os colegas. Corrija o que for necessário de acordo com as orientações de seu professor.

AULA 2 - 50 MIN



Passo 1: O último capítulo do livro de Machado de Assis traz como título uma expressão em latim "Capítulo XIII: Plus ultra!". Para compreendê-la melhor, leia seu significado retirado de um dicionário de latim e assista ao vídeo sugerido.

PLUS ULTRA: MAIS ALÉM. INDICA TAMBÉM O QUE HÁ DE MELHOR.

Fonte: <https://www.dicionariodelatim.com.br/nec-plus-ultra/> Acesso em: 15 jan. 2023. Adaptado.

Assista ao vídeo através do link ou do QR code:



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=4_6YMdZY-MI&t=75s. Acesso em: 16 jan. 2023.

Passo 2: A partir da compreensão da expressão "plus ultra", o que você pode inferir sobre o final da obra *O Alienista*? Explique.

Passo 3: Corrija suas respostas com os colegas e com o professor comentando-as e ouvindo as respostas dos seus colegas.

AULA 3 - 50 MIN



Passo 1: Para finalizar esta sequência de atividades, crie algumas aldravias que possam contar a história de Simão Bacamarte e o seu desfecho "plus ultra".

Passo 2: Após a redação e correção das aldravias, junte-se aos seus colegas de classe, procurem um espaço na sua escola para que vocês possam compartilhar suas produções poéticas com toda a comunidade escolar criando um mural interessante e colorido.



MOTIVAÇÃO

AULA 1 - 50 MIN

**Passo 1**

1. Sim. A partir da leitura é possível inferir que as pessoas da cidade se incomodavam com a atitude do homem que distribuía flores e o consideravam louco. É afirmado que "A cidade se juntou e resolveu atear fogo/Em todas as flores que ele botou e logo/O acusaram de demagogo/O lincharam no soco."
2. A linguagem utilizada pelo autor é informal, coloquial, típica do gênero rap, próxima à linguagem oral, com gírias, inversões sintáticas, até mesmo palavrões. Na letra desta música podemos comprovar a coloquialidade através de expressões como "troco", "distribuía elas", "não batia bem", "mano", "chapou o coco", dentre outras.
3. Os versos são: "O acusaram de demagogo/O lincharam no soco". O desvio da regra se faz por conta da linguagem coloquial utilizada na composição da letra da música. De forma natural, o pronome oblíquo "o" foi colocado no início dos versos (próclise) como se o intérprete da música estivesse contando para o público ouvinte a história do louco e das flores.
4. Chamaram-no de louco porque ele vivia de maneira diferente da maioria das pessoas. Ele acreditava nos outros, ouvia a história de todos, acreditava que a vida não devia ser movida apenas pelo dinheiro, dividia tudo o que tinha com as outras pessoas e comprava flores para colocar nos túmulos do cemitério.
5. O verso "No fim da história quem será que enlouqueceu" faz com que se questione o comportamento da cidade em relação ao homem que é visto como louco. Explicação sugerida: O homem das flores não fazia mal a ninguém, pelo contrário, espalhava generosidade por onde passava. Já as pessoas da cidade por não compreendê-lo agem de forma bárbara colocando fogo nas flores e machucando o homem que agoniza no chão do cemitério. Quem é o louco? O homem a espalhar flores ou a sociedade que não é tolerante com quem é diferente?
6. Resposta sugerida: O ditado popular "Em terra de cego quem tem um olho é rei" significa que a ignorância faz com que todos sejam "cegos", ou seja, ignorantes. Entretanto, aquele que possui maior consciência se torna superior, afinal de contas, "enxerga" melhor que os outros as possibilidades da vida. Na música, o autor escreve: "Pois em terra de são os loucos são os que mais veem", o que parece significar, com outras palavras o mesmo que o ditado popular expressa, ou seja, quando todos se acham sãos, os considerados loucos são aqueles que mais enxergam, que mais percebem a necessidade de uma vida menos dedicada às questões materiais.


7. O autor usou a paráfrase, isto é, usou outras palavras, mas manteve o sentido do ditado popular que serviu de base para a releitura.
8. O texto demonstra vários momentos em que o preconceito e a discriminação se manifestam, até mesmo o fato de chamar o homem que distribuía flores de louco por pensar e ver o mundo de forma diferente já é um tipo de preconceito. Os versos a seguir, por exemplo, deixam isso bem mais claro: "Irmão, louco, louco/A cidade se juntou e resolveu atear fogo/Em todas as flores que ele botou e logo/O acusaram de demagogo/O lincharam no soco/E no chão do cemitério agonizando e quase morto ao invés de pétalas/Atiraram pedras no seu corpo e por toda parte se ouvia esse rogo."
9. Assim como a música diz que o homem era, na visão dos outros, um louco, um sonhador, o poeta, por sua vez, é considerado louco também por criar um mundo ideal através de seus versos e viver seus sonhos através da poesia, expressando sentimentos que muitas vezes o "homem comum" não consegue expressar. Muitas pessoas acreditam que um poeta tem sua mente voltada mais para a ilusão do que para o mundo real, o que é, sem dúvida, um preconceito, pois a partir dos versos é bem possível refletir de forma profunda sobre o mundo, sobre a sociedade e não somente viver de sonhos.
10. "Situação ou local idealizado; lugar onde tudo acontece de maneira perfeita ou ideal. Local ou situação ideal onde tudo é perfeito, harmônico e feliz; refere-se especialmente a um tipo de sociedade com uma situação econômica e social ideal. O que está no âmbito do irrealizável; que tende a não se realizar, quimera, sonho, fantasia. Situações determinadas em que os indivíduos estão em estado pleno de felicidade e harmonia."

Fonte: <https://www.dicio.com.br/utopia/> Acesso em: 15 jan. 2023. Adaptado.

11. A mensagem deixada pelo personagem da narrativa musical pode ser sintetizada nos versos: "Não vê que seu dinheiro é como essa flor/Um pedaço de uma árvore morta que você ainda crê que tem valor/As flores são pra lembrar que a gente é passageiro/As flores são nosso presente derradeiro/Pra nos mostrar que mesmo depois da morte a vida ainda deixa seu cheiro/E embaixo do caixão/As flores te acompanham, o dinheiro não/E se eu deixo flores não é só pra louvar os que se foram/Mas pra alertar os que ficarão."
12. Resposta Pessoal. **Sugestão:** Seja qual for a resposta, é importante lembrar que nós vivemos em sociedade e, para que tenhamos uma vida equilibrada, é necessário ter valores que muitas vezes não se encontram nos bens materiais, é importante respeitar o próximo e as diferenças que nos unem no mundo, buscar fazer do nosso mundo um lugar melhor para se viver.

INTRODUÇÃO

AULA 1 - 50 MIN




Passo 1

- a. Ditados populares são frases prontas e expressões que levam ao conhecimento de algo, sendo muito usados nos momentos em que se quer passar uma experiência para alguém, fazer a pessoa refletir, repensar.
- b. Resposta Pessoal. **Sugestão:** "A corda sempre arrebenta do lado mais fraco", "Pobre quando não trabalha, carrega pedra", "Águas passadas não movem moinhos", "Água mole em pedra dura tanto bate até que fura", "Amigos,
Fonte: <https://brasilescola.uol.com.br/curiosidades/30-ditados-populares-seus-significados.htm>. Acesso em: 15 jan. 2023.
- c. Resposta Pessoal.
- d. Resposta Pessoal. **Sugestão:** "sinaliza que as pessoas, no geral, têm um lado mais sensato e um lado mais impulsivo."
Fonte: <https://brasilescola.uol.com.br/curiosidades/30-ditados-populares-seus-significados.htm>. Acesso em: 15 jan. 2023.

Passo 2:

Resposta Pessoal.

AULA 2 - 50 MIN



Passo 1

- a. Resposta Pessoal. **Sugestão:** Esse ditado popular diz que para ser honrada a mulher precisa se calar, ou seja, não emitir sua opinião ou expressar seus conhecimentos. A mulher que se expressa, geralmente, é discriminada e não é ouvida pelos outros. Esse é um exemplo de ditado popular machista e preconceituoso.
- b. Resposta Pessoal. **Sugestão:** Esse ditado também é preconceituoso ao dizer que se deve ter cuidado com os ciganos, pois dá a entender que os ciganos não são confiáveis, roubam, trapaceiam. As generalizações costumam revelar preconceito e discriminação.

Passo 2:

Resposta Pessoal. **Sugestão:** Se a frase "cabeça vazia, oficina do Diabo" for utilizada em uma situação em que o emissor quer aconselhar seu interlocutor a se ocupar com atividades produtivas, criativas e que o levam a se desenvolver como pessoa, a frase apenas estará dizendo que a mente sem atividade pode dar lugar para pensamentos

obscuros. Contudo, se a frase estiver sendo dita como forma de reprovar uma pessoa que não está em condições de se concentrar em alguma atividade ou não está em condições de conseguir se ocupar por conta de um transtorno mental, psicológico, a frase deixa de ser um bom conselho e mascara um preconceito em relação às condições de saúde mental do sujeito. Seja por desconhecimento ou por força do hábito, é importante não perpetuar os preconceitos, refletindo bem antes de se expressar mal.

AULA 3 - 50 MIN



Passo 2:

"Alphonsus de Guimaraens (ou Afonso Henriques da Costa Guimarães) nasceu em 24 de julho de 1870, em Ouro Preto, Minas Gerais. Além de poeta, foi promotor, juiz e jornalista. A morte de sua primeira noiva — a prima Constança — fez com que o escritor passasse a ver a realidade com os olhos da tristeza. Assim, o autor que faleceu em 15 de julho de 1921 fez parte do simbolismo brasileiro e produziu melancólicas poesias, caracterizadas por uma linguagem simples, além do uso de aliterações e sinestésias. Devido à perda de sua amada, é também recorrente, em seus textos, a presença da mulher idealizada e da temática da morte."

Fonte: <https://mundoeducacao.uol.com.br/literatura/alphonsus-de-guimaraens.htm>. Acesso em: 15 jan. 2023. Adaptado.

O poema é:

Quando Ismália enlouqueceu,	E como um anjo pendeu
Pôs-se na torre a sonhar...	As asas para voar...
Viu uma lua no céu,	Queria a lua do céu,
Viu outra lua no mar.	Queria a lua do mar...

No sonho em que se perdeu,	As asas que Deus lhe deu
Banhou-se toda em luar...	Ruflaram de par em par...
Queria subir ao céu,	Sua alma subiu ao céu,
Queria descer ao mar...	Seu corpo desceu ao mar...

E, no desvario seu,
Na torre pôs-se a cantar...
Estava perto do céu,
Estava longe do mar...

Fonte: <https://www.pensador.com/frase/ODExODY2/Acesso em: 15 jan. 2023>.

Passo 3:

1. Quando Ismália enlouqueceu, passou a ver a lua refletida nas águas do mar. Ela acreditou em seu delírio que eram duas luas, a do céu e a do mar e passou a desejá-las.
2. A loucura de Ismália que consistiu em querer a lua do céu e a lua do mar, fez com que ela se jogasse da torre em que estava para alcançar as duas luas desejadas.
3. O poema de Alphonsus de Guimaraens apresenta características simbolistas como o ritmo e a musicalidade de seus versos, valorização da fantasia, do inconsciente humano sobrepondo-se à razão.
4. Resposta Pessoal. **Sugestão:** A aldravia de Joseani Adalemar Netto faz uma pergunta não com a intenção de saber se Ismália, personagem do poema de Alphonsus de Guimaraens, realmente enlouqueceu, mas com a intenção de enfatizar a própria loucura do eu lírico. Se Ismália vive em uma sociedade em que a tecnologia e a vida não estavam em profusão tão intensa como nos dias atuais, quem dirá o eu lírico da aldravia que vive as intensidades, diversidades, contradições e tecnologias do século XXI. Ele, provavelmente, convive com a loucura deste século, todavia, seus delírios e contradições não o afetaram ao ponto de se alienar totalmente da realidade e culminar em sua morte física. Há também, na aldravia, não só a rima entre o segundo verso e o sexto, um movimento rítmico mais apressado do que o ritmo do poema de Alphonsus, talvez pelo número de apenas seis palavras/versos que sintetizam uma história que se alarga nas entrelinhas desses versos. A aldravia de Joseani pretende que o leitor complete a narrativa, a densidade temática e os elementos de uma história que podem ser identificados mais concretamente no poema de Alphonsus de Guimaraens. O sinal de interrogação na aldravia ocupa o lugar de uma palavra, funcionando como uma pausa mais longa, de reflexão, de clímax que culmina com o desfecho em que o eu lírico também se diz enlouquecido.
5. Resposta Pessoal.

LEITURA/INTERPRETAÇÃO

AULA 1 - 50 MIN



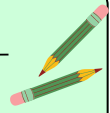
Passo 1:

2. a) O personagem é o médico Doutor Simão Bacamarte. Ao apresentar o médico aos leitores, o texto enfatiza sua formação, seus estudos. Segundo o texto, ele estudou em Coimbra e Pádua. Era também "filho da nobreza da terra e o maior dos médicos do Brasil, de Portugal e das Espanhas" e a vontade do Rei era de que ele ficasse em Coimbra para administrar a Universidade ou em Lisboa, cuidando dos negócios da monarquia.
b) "A Ciência é meu emprego único; Itaguaí é o meu universo."

Passo 2:

1. No quadrinho 2, Simão Bacamarte explica para o tio de D. Evarista que ela "reunia condições fisiológicas de primeira ordem; estava assim apta para dar-lhe filhos robustos, sãos e inteligentes [...]". Seu objetivo maior com o casamento era ter filhos.
2. Resposta Pessoal.
3. Resposta Pessoal.
4. Doutor Bacamarte teve a ideia de construir um edifício para abrigar todos os loucos da cidade e, assim, poder tratá-los e curá-los.
5. Respostas esperadas: A partir da leitura da história até o momento, é possível inferir que "Casa de Orates" é o mesmo que "manicômio", "hospital para loucos", "clínica psiquiátrica", "asilo para loucos", etc. No dicionário, a palavra "orates" significa: "Orates é o plural de orate, o mesmo que: idiotas, alienados, loucos, casa de gente desequilibrada, amalucada."

Fonte: <https://www.dicio.com.br/orates/> Acesso em: 16 jan. 2023. Adaptado.



Passo 1:

1. Os motivos para as internações foram vários: pessoas que liam a sorte, "os cultores de enigmas", as pessoas que escreviam charadas, a curiosidade, a avareza, qualquer comportamento que o alienista considerasse diferente e fora dos padrões era motivo para internação. Apesar de Simão Bacamarte ser um cientista, um psiquiatra, os motivos elencados por ele para as internações não parecem ser motivos tão relevantes para a Ciência, são comportamentos, formas de viver que não implicam, necessariamente, doenças psíquicas. Bacamarte parecia estar obcecado em determinar o que era ou não um padrão de normalidade ou de loucura, levando à Casa Verde qualquer um que considerasse louco.
2. Consulta no QR code.
3. Resposta Pessoal.

PRODUÇÃO TEXTUAL

AULA 1 - 50 MIN

Passo 2:

Resposta Pessoal.

AULA 2 - 50 MIN

Passo 2:

Resposta Pessoal. **Sugestão:** *O Alienista* termina quando Simão Bacamarte se interna na Casa Verde. Ele chega à conclusão de que é a normalidade e não as diferenças que causam a loucura das pessoas e, analisando-se, resolve ficar longe do convívio em sociedade para tentar se curar. Talvez seja por esse final irônico que Machado de Assis tenha se valido da expressão "plus ultra", pois dá a esse capítulo um desfecho irônico, tão absurdo quanto os atos desmedidos que Simão Bacamarte usou para determinar a diferença entre a normalidade e a loucura. A expressão parece resumir os absurdos que podem ser cometidos em nome de uma verdade absoluta ou ainda em nome de uma razão única, de uma Ciência que não pode ter suas falhas.

AULA 3 - 50 MIN

Passo 1:

Resposta Pessoal.

O Mistério da Casa Verde e O Alienista

Esta Sequência Didática II diz respeito aos gêneros *ex-libris*, marca de proveniência do século XIX, e *ex-AldraviLIBRIS*, gênero poético-visual em que aldravias e *ex-libris* se interligam formando um todo coerente, configurando-se como um novo gênero criado pela escritora Andreia Donadon Leal e a pesquisadora portuguesa Ana Maria Martins.

Objetivos da sequência: Trabalhar questões que envolvem os temas "luta antimanicomial", "alienação mental", "arte terapia", "lobotomia", tendo como base o livro *O Mistério da Casa Verde*, do autor Moacyr Scliar que é o foco desta sequência didática. Exercitar o olhar para os elementos imagéticos e sua interpretação, ampliando o repertório literário e artístico dos alunos sobre as aldravias, os *ex-libris* e os *ex-AldraviLIBRIS*, através da escrita poética desses gêneros. Exercitar o diálogo entre as obras de Moacyr Scliar, *O Mistério da Casa Verde*, e de Machado de Assis, *O Alienista*.

Dados da aula



Público alvo: Alunos do 9º ano do Ensino Fundamental II

Sequência Didática: Esta sequência didática se divide em 4 Momentos: Motivação, Introdução, Leitura/Interpretação e Produção de Texto.

Duração das atividades: 9 aulas.



1º MOMENTO



MOTIVAÇÃO

A Motivação terá duração de 1 aula de 50 min. O objetivo desta aula é apresentar a importância da temática "luta antimanicomial" presente no livro *O Mistério da Casa Verde* do autor Moacyr Scliar que é o foco desta sequência didática.

AULA 1 - 50 MIN



Passo 1: Observe as imagens abaixo:

Imagem 1



Fonte: <https://iconografiadahistoria.com.br/wp-content/uploads/2020/10/7-4.jpg>. Acesso em: 13 fev. 2023.

Imagem 2



Fonte: <https://mega.ibxk.com.br/2020/04/01/01204544326482.jpg?ims=610x>. Acesso em: 13 fev. 2023.

Imagem 3

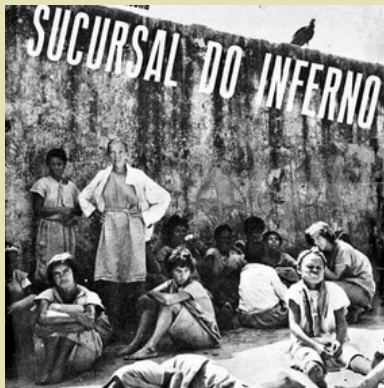


Fonte: <https://mega.ibxk.com.br/2020/04/01/01204254122480.jpg?ims=610x>. Acesso em: 13 fev. 2023.

Passo 2: Responda em seu caderno:

1. As imagens 1, 2 e 3 mostram situações que provocam incômodo em quem as observa. Reflita sobre as imagens e diga o que elas retratam?
2. Poderíamos afirmar que as pessoas que aparecem nessas três imagens compartilham o mesmo ambiente, ou seja, foram fotografadas em um mesmo lugar? Justifique.
3. Escolha uma das opções abaixo que melhor descreva o local em que possivelmente estas pessoas se encontravam:
 - a. **Campo de concentração de Auschwitz:** ficou conhecido por ser o local de extermínio dos judeus praticado pelos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial.
 - b. **Manicômio de Barbacena:** o Antigo Hospital Colônia foi um hospital psiquiátrico da década de 1930 que recebia pacientes de todo o estado. Além disso, a cidade foi apelidada de "cidade dos loucos".
 - c. **Campos de concentração da seca no sertão do Ceará:** os campos de concentração da seca eram espaços de aprisionamento para evitar que retirantes, fugindo da seca do interior, chegassem a Fortaleza.
 - d. **Prisão de segurança máxima de Kamiti, no Quênia:** além das péssimas condições como por exemplo superlotação extrema, calor e escassez de água, a prisão também é conhecida por sua violência. Tanto as brigas entre os prisioneiros quanto os espancamentos dos carcereiros são graves e o problema de estupro também era um fator alarmante.

Passo 3: Leia o texto abaixo para responder às questões propostas.



O Inferno na Terra: o dia a dia do hospital psiquiátrico de Barbacena

Coletânea de imagens mostra como era o dia a dia no Hospital Colônia de Barbacena, famoso hospício brasileiro, conhecido como a sucursal do inferno.

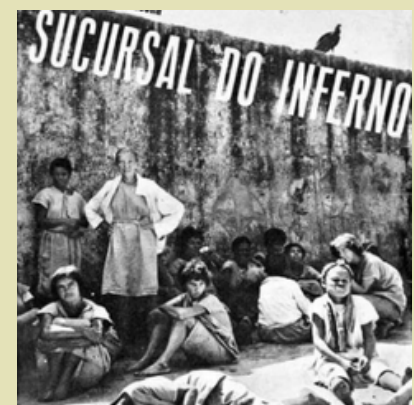
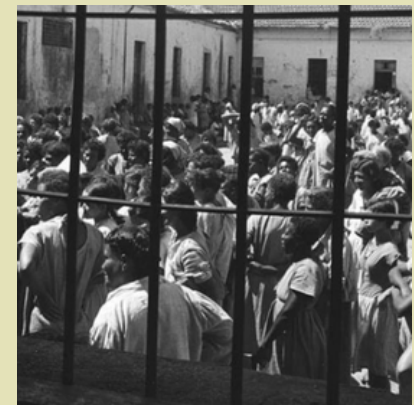
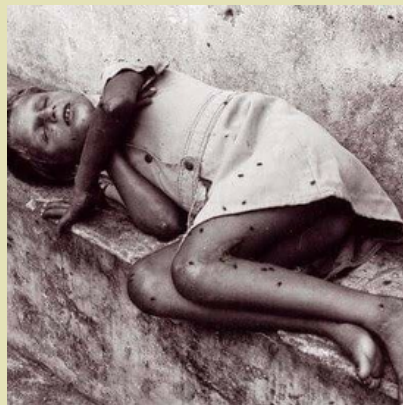
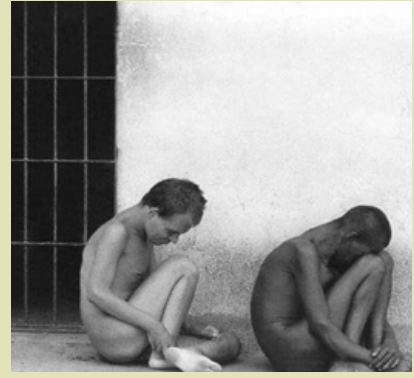
Estima-se que 60 mil pessoas tenham morrido nas dependências do Hospital Colônia de Barbacena, maior hospital psiquiátrico da história do país.

O que mais impressiona nas fotografias e na memória da instituição são as frequentes violações dos direitos humanos e a crueldade com que os internos eram tratados pelo Estado.

No livro *Holocausto Brasileiro*, da autora Daniela Arbex, há relatos e fotografias de internos tomando água de esgoto, andando nus, convivendo próximos a urubus, excrementos, mortos derretidos em ácido em frente a outros internos, crianças jogadas ao léu, venda de corpos para faculdades médicas, dentre outras barbaridades.

Também era comum encontrar, entre os internos, pessoas perseguidas socialmente como mulheres grávidas, inimigos políticos, usuários de drogas, testemunhas de crimes e todo tipo de gente das quais poderosos desejavam se livrar.

A história do Hospital Colônia de Barbacena mancha a história da psiquiatria brasileira, mas também serve de exemplo para que essas práticas não se repitam.



Fonte: <https://iconografiadahistoria.com.br/2020/10/20/o-inferno-na-terra-o-dia-a-dia-do-hospital-psiquiatrico-de-barbacena/> Acesso em: 13 fev. 2023.

- a. Como os pacientes do Hospital Colônia de Barbacena eram tratados pelo Estado?
- b. Cite três barbáries que comumente ocorriam com os pacientes do Hospital Colônia de Barbacena.
- c. Leia novamente o fragmento presente no texto em análise:

"A história do Hospital Colônia de Barbacena mancha a história da psiquiatria brasileira, mas também serve de exemplo para que essas práticas não se repitam."

Fonte: <https://iconografiadahistoria.com.br/2020/10/20/o-inferno-na-terra-o-dia-a-dia-do-hospital-psiquiatico-de-barbacena>. Acesso em: 13 fev. 2023.

Em quais dos exemplos abaixo práticas semelhantes a essas continuam se repetindo? Marque as opções corretas:

- Em toda instituição em que a prática exercida era violenta ou oprimia outras pessoas.
- Em hospitais psiquiátricos sem fiscalização.
- Em CAPS: Centro de Atenção Psicossocial.
- Em clínicas de reabilitação que operam dentro da lógica de encarceramento e da violação de direitos humanos.

Passo 4: Após responder às questões, faça a correção junto com seu professor e com os colegas.



ALÉM DA SALA DE AULA



INDICAÇÃO DE LIVRO QUE TRATA DO TEMA: "LUTA ANTIMANICOMIAL"

Livro: *Holocausto Brasileiro*



Fonte: <https://m.media-amazon.com/images/I/91GjfnZU2IL.jpg>. Acesso em: 13 fev. 2023.

Sinopse: Durante décadas, milhares de pacientes foram internados à força, sem diagnóstico de doença mental, num enorme hospício na cidade de Barbacena, em Minas Gerais. Ali foram torturados, violentados e mortos sem que ninguém se importasse com seu destino. Eram apenas epiléticos, alcoólatras, homossexuais, prostitutas, meninas grávidas pelos patrões, mulheres confinadas pelos maridos, moças que haviam perdido a virgindade antes do casamento. Ninguém ouvia seus gritos. Jornalistas famosos, nos anos 60 e 70, fizeram reportagens denunciando os maus tratos. Nenhum deles — como faz Daniela Arbex — conseguiu contar a história completa. O que se praticou no Hospício de Barbacena foi um genocídio com 60 mil mortes. Um holocausto praticado pelo Estado com a conivência de médicos, funcionários e da população.

Fonte: <https://www.amazon.com.br/Holocausto-brasileiro-Genoc%C3%ADdio-mortos-hosp%C3%ADcio/dp/8581301576>. Acesso em: 13 fev. 2023. Adaptado.

2º MOMENTO



INTRODUÇÃO

A Introdução terá duração de 1 aula de 50 min. O objetivo desta aula é apresentar a importância das temáticas "luta antimanicomial", "arteterapia" e "lobotomia" presentes no livro *O Mistério da Casa Verde* do autor Moacyr Scliar que é o foco desta sequência didática.

AULA 1 - 50 MIN



Passo 1: Leia a biografia da psiquiatra Nise da Silveira.

Nise da Silveira

Nise da Silveira foi uma importante psiquiatra brasileira, considerada pioneira na defesa de tratamentos humanizados para pacientes com transtornos mentais. Ela sempre se posicionou contra métodos violentos, como o eletrochoque, e introduziu tratamentos que colocavam os pacientes em contato com animais domésticos e expressões artísticas.

Ela se formou em Medicina na Bahia e especializou-se em psiquiatria no Rio de Janeiro.

Fonte: <https://brasilecola.uol.com.br/biografia/nise-da-silveira.htm>. Acesso em: 13 fev. 2023. Adaptado.



Fonte: <https://cdn.brasildefato.com.br/media/45efb563edaf9932e87a7864ea65f88b.jpg>. Acesso em: 13 fev. 2023.

1. De acordo com o texto acima, quem foi Nise Magalhães da Silveira?
2. Nise da Silveira não compactuava com a forma pela qual seus pacientes eram tratados, pois eram utilizados neles métodos muito agressivos, como o eletrochoque e a lobotomia. Realize uma breve pesquisa na internet e explique como ocorriam esses métodos.
 - a. Eletrochoque
 - b. Lobotomia
3. Na biografia de Nise da Silveira, vimos que ela desenvolveu e aplicou tratamentos humanos como a arteterapia e a interação com animais como uma nova forma de lidar com seus pacientes. Na imagem abaixo, temos duas esculturas feitas por um dos pacientes de Nise: Lúcio Noeman. A primeira escultura foi criada quando Lúcio estava aos cuidados de Nise e fazia da arte sua terapia. A segunda foi após Lúcio ter sido submetido à lobotomia. Analise-as e responda às questões a seguir.



- a. Vendo as duas esculturas, pode-se dizer que o procedimento de lobotomia causou impactos na produção artística de Lúcio?
- b. Analogia é uma relação de semelhança estabelecida entre duas ou mais entidades distintas. O termo tem origem na palavra grega *analogía* que significa "proporção", ou seja, é uma semelhança que podemos encontrar entre coisas, ações ou pessoas diferentes. As esculturas acima podem ser vistas como uma analogia acerca da história do próprio Lúcio Noeman? Justifique.
- c. Explique com suas palavras o que você sentiu ao ler o texto e ver as esculturas.

Passo 2: Realize uma pesquisa na internet e selecione frases de Nise da Silveira sobre o tema "loucura". Ao término da busca, anote em seu caderno e compartilhe com a turma a leitura, em voz alta, dessas citações.

Passo 3: Após corrigir as questões com seu professor e com os colegas, comentem as frases lidas no Passo 2 dando sua opinião sobre elas.

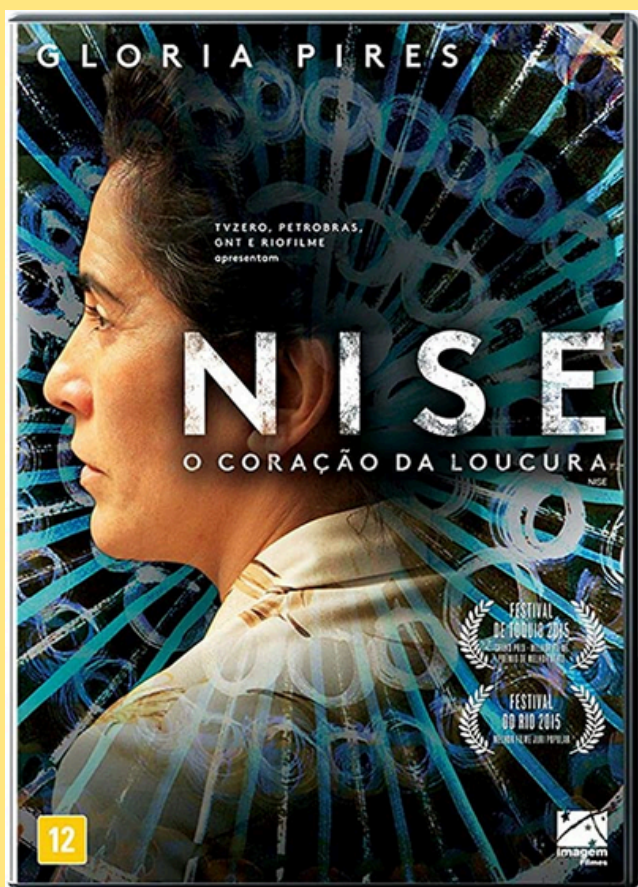


ALÉM DA SALA DE AULA



INDICAÇÃO DE FILME QUE TRATA DO TEMA:
"LUTA ANTIMANICOMIAL"

Filme: *Nise - O Coração da Loucura*



Fonte: https://m.media-amazon.com/images/I/71glXEPOcnL._AC_SX679_.jpg. Acesso em: 13 fev. 2023.

Sinopse: Ao voltar a trabalhar em um hospital psiquiátrico no subúrbio do Rio de Janeiro, após sair da prisão, a médica Nise da Silveira (Gloria Pires) propõe uma nova forma de tratamento aos pacientes que sofrem de esquizofrenia eliminando o eletrochoque e a lobotomia. Seus colegas de trabalho discordam de seu meio de tratamento e a isolam, restando a ela assumir o abandonado setor de terapia ocupacional, iniciando uma nova forma de lidar com os pacientes através do amor e da arte.

Fonte: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-240724/> Acesso em: 13 fev. 2023. Adaptado.



LEITURA/INTERPRETAÇÃO

A Leitura se divide em 4 aulas de 50 minutos. O objetivo destas aulas é apresentar a importância das temáticas "alienação mental" e "o alienista" presentes no livro *O Mistério da Casa Verde* do autor Moacyr Scliar que é o foco desta sequência didática.

AULA 1 - 50 MIN



Passo 1: Faça a leitura de um trecho do capítulo 1 da obra *O Mistério da Casa Verde* de Moacyr Scliar.

CAPÍTULO 1

*No qual Arturzinho e
seus amigos bolam um
ousado plano para
entrar na Casa Verde*

Sob muitos aspectos, Itaguaí em nada difere de outras pequenas cidades brasileiras. As mesmas disputas entre dois tradicionais times de futebol, o Itaguaiense e o Conquista, as mesmas brigas políticas entre governo e oposição, as fofocas no "Vespeiro", o largo que fica no centro, ao lado da prefeitura e que serve de ponto de reunião no fim da tarde. Contudo, há uma peculiaridade: Itaguaí é uma cidade histórica, antiga. Chegou a ser importante à época do Império e nas primeiras décadas do século XX. Aos poucos foi perdendo importância, à medida que, por causa do desmatamento acelerado, ia desaparecendo a principal fonte de riqueza da região, a exportação de madeira. Desse passado restam poucas lembranças: o chafariz da praça, em bronze, importado da Europa, o vetusto prédio da prefeitura velha (há uma nova), alguns objetos conservados no pequeno museu da cidade, pouco frequentado; as ruelas sinuosas do Lavradio, bairro antigo, onde agora funciona o pequeno comércio do centro composto de lojinhas de artigos populares.

Mas, diferente de outras pequenas cidades, Itaguaí tinha até há pouco tempo um mistério. Este mistério era representado por um lúgubre casarão situado no meio de um grande terreno, na rua Nova. Apesar do nome, a rua Nova era das mais antigas da cidade e, em outros tempos, tinha sido a mais bela. Com o tempo, porém, a rua Nova se fora deteriorando; as antigas mansões estavam em ruínas, desabitadas ou então ocupadas por mendigos.

O casarão mencionado era conhecido como Casa Verde. O nome aludia à cor das janelas – numerosas, cinquenta de cada lado –, mas a pintura de há muito se fora. Na verdade, nem janelas existiam mais: para evitar que o lugar fosse invadido, algum prefeito mandara murá-las. Murada fora também a porta de entrada, o que dava ao local um ar ainda mais fantasmagórico. Os moradores das redondezas o evitavam. Preferiam até atravessar a rua a passar na frente da casa.

Passo 2: A partir da leitura desse trecho inicial do livro, somos apresentados ao ambiente em que o enredo se desenvolve ao longo da obra. Lendo com um pouco mais de atenção, responda:

1. Neste trecho inicial da obra *O Mistério da Casa Verde*, é feita uma alusão a um casarão antigo conhecido como Casa Verde. O que há em comum entre a Casa Verde mencionada na obra e *O Alienista* de Machado de Assis?
2. O que podemos inferir sobre o mistério que envolve a Casa Verde na atual cidade de Itaguaí? Crie hipóteses.

Passo 3: Continue a leitura do capítulo e confira se as hipóteses criadas na questão 2 do Passo 2 desta atividade se confirmam ou não.

Havia razões para tal temor: em Itaguaí, todos diziam que a centenária Casa Verde era mal-assombrada. As mães, quando queriam ameaçar os filhos — porque não comiam, porque recusavam ir para a cama — recorriam a uma tradicional ameaça:

— Olha que eu vou trancar você na Casa Verde, e de lá você nunca mais sai. Era o que bastava para que as crianças imediatamente se comportassem como anjinhos.

Com a Casa Verde ninguém brincava. Apesar de ela ter sido celebrada por Machado de Assis em *O Alienista*, ou talvez até por causa disso, muitos itaguaienses achavam que era melhor evitar o assunto. Que era objeto de polêmica. A professora Isaura, por exemplo, que lecionava no segundo grau da Escola Itaguaí, era uma entusiasta defensora da obra do grande escritor. É preciso ler *O alienista*, sustentava, para entendermos o passado de nossa cidade, e para desfazer as lendas sobre a Casa Verde. Outras pessoas discordavam. Achavam que a obra havia prejudicado a imagem de Itaguaí e que o melhor era esquecê-la.

Por que se dizia que a Casa Verde era mal-assombrada? Nunca ficou bem claro: as origens da lenda perdiam-se no tempo. Sabia-se — e daí teria se originado a obra de Machado — que ali funcionara, em outros tempos, um hospício, um lugar para loucos. A tal aludia o dístico gravado sobre o frontispício: "São veneráveis os loucos: Deus tirou-lhes o juízo para não pecarem". Entre parênteses, o nome do suposto autor, o papa Benedito VIII. De fato, a frase era do Corão, o livro sagrado dos muçulmanos; a menção ao papa era para evitar conflitos com os católicos.

Um lugar para loucos, certo; mas isto não explicava o temor que nos itaguaienses despertava a Casa Verde. Antigos hospícios existem em muitas cidades, e alguns deles seguem funcionando, e apesar da aparência em geral sombria, não chegam a inspirar temor. Não, a razão forçosamente seria outra. Qualquer que fosse a causa, a má fama da Casa Verde era alimentada por constantes rumores: não faltava quem garantisse ter ouvido ali, à noite, gritos e gemidos.

Nem todo o mundo, em Itaguaí, partilhava de tais temores. Arturzinho era um deles. Conhecido como o Xereta — os amigos diziam que se metia em tudo —, sempre tivera uma enorme curiosidade em relação ao local, que conhecia desde criança: uma tia morava não longe dali, e quando o convidava para passar o fim de semana com ela o Arturzinho não se fazia de rogado. Passava horas rondando o soturno lugar. Crivava a tia de perguntas a respeito; a boa senhora persignava-se e pedia que mudassem de assunto: aquilo não era coisa sobre a qual gostasse de falar. Melhor, dizia, era deixar as assombrações em paz; que o sobrinho esquecesse a Casa e parasse de ir até lá, sob pena de criar confusão.

Esquecer, porém, não era um verbo muito usado no vocabulário de Arturzinho, que não costumava desistir facilmente das coisas. Perseguia seus objetivos com tenacidade, mesmo que envolvessem confusão. Melhor dito: principalmente se envolviam alguma confusão. Arturzinho adorava envolver-se em situações difíceis, arriscadas até — para depois sair delas, o que, felizmente, sempre conseguia. Aos dezesseis anos (mas, alto e forte, aparentava mais), já passara por muitas aventuras. Por exemplo: uma vez escondera-se no compartimento de carga de um caminhão e viajara até Porto Alegre deixando os pais, que não sabiam de seu paradeiro, quase malucos.

Quando esta história começa, Arturzinho estava às voltas com um outro projeto, não tão arrojado,

mas ainda assim complicado. Esse projeto nascera de um problema. Arturzinho, cara popular, tinha uma turma, razoavelmente grande, de rapazes e moças que gostavam de ouvir rock a todo o volume, gostavam de dançar, gostavam de tocar instrumentos musicais. Nada de especial, nada diferente de outros jovens — mas onde ouvir e fazer música, onde dançar? O pai de Arturzinho, um médico que trabalhava muito e prezava o seu descanso, proibira qualquer tipo de zoeira em casa. Os pais dos seus amigos e amigas haviam adotado a mesma atitude: barulho, não, era a palavra de ordem. Nos bares, a consumação era um obstáculo. No clube da cidade não podiam entrar: tinham batido boca com o gerente. Enfim: sentiam-se como refugiados que país nenhum quer aceitar. E era esse o problema que vinha incomodando o Arturzinho e que chegava até a lhe tirar o sono: onde se reunir com a turma? Onde encontrar um local adequado para uma diversão que, se não fosse barulhenta, não teria graça? Até que um dia, caminhando pela rua teve uma inspiração, uma ideia dessas que fazem a pessoa de respiração suspensa, pensando: que coisa genial! Correu para casa, telefonou para os amigos mais chegados dizendo que tinha algo muito importante a comunicar marcou, para aquela mesma noite, uma reunião na pizzaria do Marcolino, cujo dono, um calabrés de pitoresco sotaque, era conhecido por sua tolerância em relação à zoeira dos jovens frequentadores que às vezes até ganhavam desconto especial.

Quando Arturzinho chegou os outros já estavam lá: o Pedro, conhecido como Pedro Bola, um gordinho risonho quase tão agitado quanto Artur; André Catavento, alto, boa-pinta, igualmente safado; e Leo, o intelectual da turma, rapaz de óculos, ar melancólico, que andava sempre com um livro sob o braço. Os quatro estavam sempre juntos — sob a chefia de Arturzinho, líder nato. Uma liderança não muito pacífica: André não escondia a inveja que sentia de Arturzinho, cujo sucesso com garotas era um fato bem conhecido. E foi justamente André que interpelou o recém-chegado:

— Então? O que é que você está inventando agora? Fale logo, porque tenho um grande programa para esta noite e não posso perder tempo.

— Já conto — Arturzinho gostava de um suspense, e gostava ainda mais de incomodar o rival.

— Mas primeiro vamos comer, porque estou morrendo de fome.

E, apesar dos resmungos de André, pediu aquilo que Marcolino chamava de mega pizza — oitenta centímetros de diâmetro.

Devoraram-na até a última migalha — Pedro Bola, que fazia jus ao apelido, comendo boa parte da quota do Leo.

Quando terminaram, André voltou à carga:

— Então, Xereta, o que é que você está aprontando? Em outras circunstâncias Arturzinho teria se irritado: detestava o apelido, como André sabia muito bem. Naquele momento, contudo, optou por fingir que não tinha ouvido e foi direto ao assunto:

Fonte: SCLIAR, Moacyr. *O Mistério da Casa Verde*. São Paulo: Ática, 2019, p. 7-9. Adaptado.

1. Após conferir suas hipóteses em relação ao mistério da Casa Verde, continue respondendo:

- a. "Com a Casa Verde ninguém brincava. Apesar de ela ter sido celebrada por Machado de Assis em *O Alienista*, ou talvez até por causa disso, muitos itaguaienses achavam que era melhor evitar o assunto. Que era objeto de polêmica." Explique por que o assunto sobre a Casa Verde era objeto de polêmica?
- b. Explique por que a professora Isaura defendia a obra de Machado de Assis, retirando do texto um fragmento que ratifique sua resposta.

- c. O que significam as palavras "dístico" e "frontispício"? Recorra a um dicionário para responder à questão caso não compreenda o significado pelo contexto.
- d. Imaginando que a população da atual Itaguaí não tenha muito conhecimento sobre a obra *O Alienista* de Machado de Assis, o dístico gravado na face principal do casarão o identifica como um lugar onde, no passado, viveram pessoas da cidade consideradas loucas. Porém, o narrador da obra de Moacyr Scliar diz que os motivos para o temor das pessoas em relação à Casa Verde eram outros. Muitas pessoas diziam, inclusive, que à noite ouviam barulhos vindos de lá. Pense em um outro motivo para o medo das pessoas em relação à Casa Verde e registre sua hipótese.
- e. Além da professora Isaura, um personagem da história de Moacyr Scliar não tinha medo da Casa Verde, pelo contrário, tinha muita curiosidade sobre ela. Quem é esse personagem? Transcreva do texto o trecho que descreve esse personagem.
- f. Transcreva também a parte do enredo em que há uma descrição dos colegas de Arturzinho.
- g. Arturzinho convoca os amigos dizendo que teve uma ideia: algo muito importante que precisava compartilhar com eles. Porém, Arturzinho gostava de um suspense e não falou nada antes de comerem uma pizza. Que ideia teria tido o Xereta? O que você acha que era tão importante dizer que precisava da presença dos colegas? Crie sua(s) hipótese(s) e diga como você chegou a essa conclusão.

AULA 2 - 50 MIN



Passo 1: Continue a leitura do capítulo 1 e verifique se as hipóteses criadas por você podem ser confirmadas ou não. Depois, responda à pergunta.

— Como vocês estão carecas de saber, precisamos de um lugar para nossas reuniões — proclamou, em tom veemente. — Um lugar em que a gente possa ouvir música sem que ninguém nos incomode, um lugar para dançar, para bater papo. Enfim, o nosso próprio clube.

Fez uma pausa dramática e concluiu:

- E eu tenho esse lugar.
- É? — André Catavento, mal contendo o despeito.
- E que lugar é esse, pode-se saber?

Nova pausa. Arturzinho sorriu misterioso e superior:

- A Casa Verde.

Os outros se olharam, espantados, e Pedro Bola protestou:

— Essa não, Arturzinho. A Casa Verde é um lugar mal-assombrado, todo mundo sabe disso. Está cheio de fantasmas dos malucos que morreram lá.

- Exatamente — replicou Arturzinho.
- Exatamente o quê? — André, cada vez mais irritado.

— Exatamente: a Casa Verde tem fama de ser mal-assombrada. E é por isso que vamos tomar conta do local. Lá, ninguém nos incomodará. A gente limpa aquilo, a gente arruma, traz umas mesas, umas cadeiras, uns sofás, um som legal, e pronto, temos o nosso clube, o lugar de onde ninguém vai nos mandar embora.

- A não ser as almas penadas — riu Pedro Bola.
- É — Arturzinho, irônico. — As almas penadas. Se você acredita nessas coisas...
- Não sei — respondeu Pedro, meio desconcertado. — Tanta gente fala nisso...
- É superstição — interveio Leo. — Essa história não passa de superstição.

Leo falava pouco, mas quando afirmava algo, era definitivo. Os outros o respeitavam, porque Leo lia muito, sabia das coisas. Arturzinho, sua autoridade agora reforçada, voltou à carga:

- Além disso, a Casa Verde não tem dono. Podemos ficar lá o tempo que quisermos.
- Mas o pessoal das redondezas não vai gostar — ponderou Pedro Bola. — São capazes de criar caso.

— Criarão caso — replicou Arturzinho — se virem a gente entrar. Mas eu já pensei nisso.

Pegou um lápis e um papel e desenhou um retângulo: — Isto aqui é a Casa Verde. Aqui está a rua e a porta de entrada. Que, como sabemos, agora está murada, bem como as janelas. É o que as pessoas veem: porta murada, janelas muradas. Pensam que não há ninguém lá dentro. Agora: se nós abirmos uma outra porta, bem pequena, aqui... estão vendo?... na parede dos fundos, poderemos entrar e sair sem que ninguém perceba, mesmo porque o mato ali está muito crescido.

— Mesmo que a gente consiga entrar — André ainda não estava convencido —, como fica com o resto? Com a luz, por exemplo?

— Para que luz? Usamos velas ou lampiões. É muito mais bonito. De mais a mais, temos em casa um gerador pequeno, que posso usar quando quiser.

— Não sei — André estava mesmo a fim de contrariar. — Acho que isso tem tudo para dar errado. Porque se a gente...

— Sabe de uma coisa? — interrompeu Arturzinho. — Vamos votar. A maioria decide. Cada um escreve num pedaço de papel "sim" ou "não". E pronto: a questão estará resolvida.

Uma jogada muito hábil. Arturzinho sabia que podia contar com o voto do silencioso Leo, que sempre o apoiava. Quanto a Pedro Bola, no fundo tímido e assustadiço, respeitava os corajosos, os destemidos. Falando grosso, Arturzinho conquistava o seu respeito. De fato, quando abriram os votos, constataram: três "sim", um "não".

— Está decidido — proclamou Arturzinho, triunfante. — Amanhã vamos até lá, tomar conta do nosso clube.

Às nove da noite seguinte — uma noite escura, de céu carregado, portanto muito conveniente para uma operação secreta — encontraram-se na ruazinha ao lado da Casa Verde. Arturzinho foi o último a chegar; vinha carregando com esforço uma grande bolsa plástica.

— Já não era sem tempo — reclamou André, que não perdia ocasião para implicar com o rival.

— Desculpem. Eu me atrasei porque tive de pegar o material na casa do irmão da nossa empregada, que é pedreiro.

Abriu a bolsa e mostrou marretas e talhadeiras.

— O quê! — Pedro Bola, surpreso. — Não me diga que nós vamos ter de fazer o trabalho.

— E quem mais faria? — Arturzinho, bem-humorado — Vamos lá, gordo. Pelo menos uma vez na vida você vai dar duro.

Embrenharam-se pelo verdadeiro matagal que existia nos fundos da Casa Verde. Lanterna na mão. Arturzinho procurava um bom lugar para a futura porta, enquanto os outros, assustados, olhavam ao redor. De repente:

— Ouvi um barulho — sussurrou Pedro Bola, os olhos arregalados. — Gente, juro que ouvi um barulho aí dentro.

— Deixe de ser medroso — replicou Arturzinho. — Isso deve ser a sua imaginação.

— Ou então um rato — ponderou Leo.

— Não sei o que é pior — gemeu Pedro Bola. — Tenho pavor de ratos.

— Deixa pra lá. Olhem, acho que aqui a porta vai ficar bem. — Arturzinho abriu a bolsa, distribuiu as ferramentas.

— Vamos começar. Dois trabalham, dois descansam. Depois a gente troca.

Abrir a espessa parede não foi tão difícil quanto parecia: com o tempo, o material perdera a solidez. Antes da meia-noite a tarefa foi concluída.

— Muito bem — disse Arturzinho. Ainda ofegante. — Até aqui, tudo bem. Agora vamos entrar.

— Não sei... — Pedro Bola, numa voz trêmula. — Acho que vou embora. Já é tarde, amanhã tem aula...

— Você está é assustado — cortou Arturzinho. — Mas não tem importância: deixa que eu vou na frente, vocês me seguem. — Não sei... — Pedro Bola, numa voz trêmula. — Acho que vou embora. Já é tarde, amanhã tem aula...

— Você está é assustado — cortou Arturzinho. — Mas não tem importância: deixa que eu vou na frente, vocês me seguem.

Lanterna de mão acesa introduziu-se pela abertura. Depois de alguma hesitação, os outros foram atrás. Era realmente um lugar tétrico, aquela Casa Verde, como constataram logo ao entrar. Viam-se numa vasta sala vazia, gradeada; das paredes, pendiam velhas correntes enferrujadas, ali presas por argolas.

— Aqui decerto era onde eles prendiam os loucos furiosos — disse Arturzinho. E, querendo animar os companheiros, acrescentou:

— E aqui nós podemos fazer um lugar para dançar.

— A Danceteria Loucura — resmungou André, irônico.

— Escuta, gente, agora que já vimos como é o lugar por dentro... que tal ir embora? Eu não gosto disso aqui.

— Não, vamos explorar o resto — comandou Arturzinho. Lanterna na mão, saiu pela porta daquela espécie de grande jaula e avançou pelo corredor. À direita e à esquerda, salas gradeadas, umas menores, outras maiores.

— Estranho — murmurou Leo.

— Estranho o quê? — Pedro Bola, numa voz esganiçada que traía o medo.

— A limpeza. Isto aqui está perfeitamente limpo. Não há sujeira no chão, não há teia de aranha...

— E você queria sujeira? — Pedro Bola, assombrado. — E teias de aranha? Era só o que faltava, Leo!

— Não estou dizendo isso. Estou me perguntando é como este lugar ficou limpo depois de tantos anos de abandono.

— Sabe que você tem razão? — Pedro Bola, intrigado. — Está muito limpo, isto aqui. A não ser que o prefeito tenha mandado fazer uma faxina. Ele tem mania de limpeza, você sabe...

— E por onde entraram os faxineiros? Pergunta para a qual Pedro Bola não tinha resposta.

Que era intrigante a limpeza do local, isso era. Sala após sala todas muito limpas. Chegavam ao fim do corredor — na verdade, o início dele, o grande vestíbulo de entrada. À esquerda, havia uma sala esta não gradeada, com uma porta comum, fechada. Afixado nela, um antiquíssimo letreiro: "Director".

— Pelo jeito aqui era a sala da direção — disse Arturzinho. E, num tom de gozação:

— Este pode ser o lugar para os encontros mais reservados... Vamos entrar?

Sem esperar a resposta dos amigos, abriu a porta. E no instante seguinte estavam ali, olhos arregalados, paralisados de susto. No meio da sala, sentado em uma grande cadeira e de frente para eles, estava um homem. Um homem estranhíssimo: desgrenhada cabeleira grisalha, imensa barba, e os olhos — que olhos, aqueles! De sob as espessas sobancelhas, miravam fixo os garotos, com um brilho verdadeiramente hipnótico.

Durante um instante os quatro ficaram ali, petrificados de terror. Depois, e como que obedecendo a um comando, deram meia-volta e dispararam pelo corredor. Ao chegar ao buraco de saída, novo momento de pânico: queriam sair ao mesmo tempo, não conseguiam, embolavam-se — até que finalmente emergiram dali, Arturzinho e André na frente. Pedro Bola atrás. Leo, ainda meio atarantado, por último. Atravessaram o matagal, lanhando-se nos galhos, e correndo como malucos pela rua, chegaram finalmente a um lugar seguro — a casa de André, a mais próxima dali.

Fonte: SCLiar, Moacyr. *O Mistério da Casa Verde*. São Paulo: Ática, 2019, p. 9-12. Adaptado.

Depois de contar para os amigos a ideia de transformar a Casa Verde em um espaço de encontro da turma e de todos entrarem em um acordo, Arturzinho marcou novo encontro para que pudessem abrir uma porta que fizesse com que ninguém os visse entrando ou saindo da casa. Resumidamente, registre em seu caderno o que aconteceu de inesperado ao entrarem na Casa Verde?



Passo 1: Faça uma leitura compartilhada do capítulo 3 da obra *O Mistério da Casa Verde* intitulado "No qual eles se apresentam ao hóspede da Casa Verde" do autor Moacyr Scliar. Seu professor poderá indicar cada parágrafo para um aluno ler.

CAPÍTULO 3

No qual eles
se apresentam
ao hóspede da
Casa Verde

O dia seguinte foi difícil para os quatro. Pedro Bola foi tirado da cama à força pelo irmão mais velho, mas adormeceu de novo na mesa do café. Arturzinho cochilou três vezes nas aulas da manhã e teve de ser advertido pelos professores. André movia-se como um zumbi. Mesmo o dedicado Leo teve dificuldade em fazer o exame de inglês, no qual habitualmente se saía bem. Por tudo isso, quando se encontraram, à noite, estavam num péssimo humor. Pedro Bola queria mesmo desistir daquela história: é muito trabalho para arranjar um clube. Além disso, a ideia de enfrentar de novo o maluco — seu diagnóstico já estava feito — não lhe agradava em nada. Em vão Arturzinho tentava animar os companheiros. Leo, ainda que cansado, o acompanharia. Mas Pedro Bola e André, irritados, relutavam em entrar na casa. Por fim Arturzinho saiu-se com uma fórmula conciliadora:

— Eu e o Leo entramos, vocês esperam aqui. Se tudo der certo com o homem, chamamos vocês, continuamos com nosso plano. Se não der certo, desistimos.

Todos de acordo, Arturzinho e Leo embrenharam-se de novo no matagal. Quando chegaram aos fundos da casa, uma surpresa: a abertura que tinham feito na noite anterior estava fechada com tábuas. Colocadas sem dúvida pelo estranho morador.

— Está certo — observou Arturzinho. — O homem tem o direito de se proteger.

Experimentou as tábuas: não estavam fixas. Sem muito esforço, conseguiu afastá-las, empurrando-as junto com os tijolos que as calçavam. Leo olhava-o, sem dizer nada. Arturzinho hesitou; agora também ele estava obviamente apreensivo. Mas não era de desistir:

— Que diabos — gritou —, já que chegamos até aqui vamos em frente. E meteu-se pelo buraco na parede. Leo seguiu-o.

De novo viram-se na sala gradeada, com as correntes na parede. Detiveram-se um instante: nada. Não se ouvia um som. Avançaram cautelosamente pelo corredor, chegaram à porta do "Director". Estava entreaberta. Detiveram-se, olharam-se à luz fraca da lanterna: entramos ou não entramos? Mas então:

— Entrai — disse uma voz vinda lá de dentro, uma voz grossa, profunda. De puro susto, Arturzinho quase deixou cair a lanterna. O convite (ou a ordem?) repetiu-se:

— Entrai. Depois de uma pequena hesitação, Arturzinho finalmente abriu a porta. Entraram, ambos. E ali estava o homem, na mesma posição da noite anterior, a mirá-los, fixamente.

— Eu já vos esperava — disse por fim, numa voz grossa, rouca.

De novo, Arturzinho e Leo estremeceram. Mas agora já não sentiam tanto medo. Tendo falado, o homem parecia-lhes mais próximo do normal do que na noite anterior; esquisito, decerto, mas já não tão aterrorizante.

— Vós sois persistentes — acrescentou ele.

"Vós sois"? Arturzinho jamais ouvira alguém falando daquela maneira. Contudo, a questão era secundária. O importante era que o homem estava iniciando um diálogo. Com o que se revelava, se não amistoso, pelo menos não tão hostil. De modo que resolveu ir em frente:

— Desculpe, mas... o senhor nos conhece?

— (A rigor, deveria optar por um "Desculpai...", mas isto exigiria muito esforço em sua capacidade de conjugar verbos.) O homem esboçou um pálido e desdenhoso sorriso.

— Se vos conheço? Pessoalmente, não. Mas posso dizer tudo a vosso respeito. Posso penetrar em vossos corações, posso percorrer os sombrios corredores de vossa mente. Posso fazer tudo isto, e mais ainda, sabeis por quê? Porque sou o alienista. E o alienista reconhece de imediato os loucos. Como vós.

Arturzinho arregalou os olhos, de espanto.

— Loucos, sim — prosseguiu o homem, tranquilamente.

— Estranhais o que estou dizendo? Não é de admirar: os loucos sempre estranham o que é normal, o que é sábio. Foi o que constatei depois de estudar muitos anos a loucura. Conheço-a profundamente: os seus diversos graus, os casos em que se pode classificar. Sou um cientista, como vedes. E, baseado na ciência, posso garantir que vós sois loucos. Sorriu, desdenhoso:

— A bem da verdade, nem era preciso ser alienista para diagnosticá-lo. Vossas esquisitas vestimentas, vosso esdrúxulo penteado, as estranhas palavras que usais, tudo isto apregoa aos quatro ventos a vossa insanidade, a vossa alienação. Calou-se um instante, e continuou:

— Sei o que pretendeis: quereis refugiar-vos aqui, na Casa Verde, como muitos outros doentes mentais que vos precederam e que ocuparam estas dependências. Em verdade, todos foram por mim admitidos. Até o momento em que, pela quantidade de gente aqui confinada, dei-me conta: o lugar de loucos, como vós, é lá fora. O mundo é um hospício, o vosso hospício. A Casa Verde é o meu reduto, o reduto da ciência, coisa séria, que merece ser tratada com seriedade. Portanto, nada tendes a fazer aqui.

— Mas escute uma coisa... — começou a dizer Arturzinho.

O homem levantou-se, os olhos brilhando de fúria:

— Não me interrogueis! Não vos concedi esse privilégio! Não dou razão dos meus atos de alienista a ninguém, salvo aos mestres e a Deus! E, transtornado, apontou a porta:

— Fora! Fora daqui, insanos! Arturzinho ainda tentou acalmá-lo, que é isto, meu senhor, nós somos amigos, estamos aqui em missão de paz — mas aí o homem passou a mão numa barra de ferro. Os dois amigos precipitaram-se pelo corredor, passaram pelo buraco e se viram fora da casa, diante de Pedro Bola e André que, espantados, os olhavam. Durante uns bons minutos, ficaram ali, ofegantes, sem poder falar.

— Já sei — disse André, sem disfarçar o sorriso de triunfo. — O cara correu vocês lá de dentro. Bem-feito, Xereta. Eu disse que essa história não ia terminar bem. Ah, mas você tinha de insistir. Porque você é o espertinho, você é o cara que sabe tudo, o cara que ia convencer o maluco a fazer parte do nosso clube. Bem-feito, cara. Pena que o sujeito não te deu uma surra. Arturzinho, a respiração opressa, não ouvia.

— Deus, que cara estranho — disse, por fim. — Que cara estranho. Ainda ofegante, voltou-se para Leo:

— Hein, Leo? Que é que você diz? Não é um bicho muito louco, o sujeito?

— É — disse Leo, numa voz sumida. — Muito estranho.

— Mas afinal — Pedro Bola, agora curioso — o que aconteceu lá dentro? O cara falou com vocês, Arturzinho?

— Falou.

— E o que ele disse?

Arturzinho pensou um pouco:

— Sabe que eu não sei, cara? Falou uns negócios muito complicados. E o jeito que ele falava! Vós sois isto, vós sois aquilo. Ah, sim, nos chamou de loucos.

— Loucos? — Pedro Bola, deliciado. — Essa é ótima. Nós somos os loucos. E ele é o quê?

— O alienista — disse Leo.

— Alienista? O que é isso?

— Alienista — explicou Leo — era o nome dos doutores que tratavam malucos. Eu acho... Interrompeu-se.

— Acha o quê? — André, impaciente. — Desembucha, cara. O que é que você acha?

— Acho — continuou Leo — que temos uma pista para descobrir quem é esse homem.

— Temos uma pista, não — protestou André. — Você pode ter uma pista, cara, mas a mim não interessa. Porque eu não quero descobrir coisa alguma. Já estou com o saco cheio dessa história. E acho que o Pedro Bola também. Não é, Pedro Bola?

— Bem... — começou Pedro Bola. Ao contrário do amigo, estava obviamente interessado no assunto.

— Já sei — suspirou André —, vocês estão todos contra mim. Está bom, vamos em frente. Diga, Leo: que pista é essa que você descobriu?

— Eu acho que sei do que o homem está falando. — Uma pausa. — Mas não tenho certeza. Tenho de fazer uma pesquisa na biblioteca. Amanhã eu conto mais.

André não disse nada. Pesquisa era uma palavra que lhe dava alergia, e da qual não queria nem ouvir falar. Voltou-se para o Arturzinho:

— E você, cara? Também quer descobrir quem é o homem?

— Claro, e acho que sei por onde começar. Vejam bem: como o Leo disse, esse homem deve ter contato com alguém aqui de fora. Quem é que lhe leva a comida? Aquelas bananas, por exemplo, quem trouxe? Temos de descobrir quem é essa pessoa. Ela pode nos esclarecer quem é esse tal de alienista, e o que ele está fazendo ai dentro. Essa pessoa pode nos dizer quem ele é. E pode servir de contato também.

Ficaram todos em silêncio, pensativos.

— Uma coisa que eu não entendo — disse Pedro Bola, por fim. — É: se existe essa tal pessoa, como é que entra na casa? A porta lá na frente está murada. As janelas também. A única abertura é essa que nós fizemos...

— Quem disse que é a única? — perguntou Leo.

— Como? — Pedro Bola não estava entendendo.

— Nós achamos que a única abertura — disse Leo. — Será que é mesmo? Será que não existe uma outra? Os outros olhavam-no, surpresos. Aquela possibilidade não tinha ocorrido a ninguém.

— Só há uma maneira de saber — concluiu Arturzinho. — É procurando. Vamos procurar essa tal de abertura.

— Um momento — protestou André. — Não me digam que vocês querem mais confusão, já não chega o susto que a gente levou? Pó, gente, vamos esquecer essa tal de Casa Verde, isso aí dá azar.

— Vamos votar — propôs Arturzinho. — Quem acha que a gente deve continuar investigando, levanta a mão.

André voltou-se para Pedro Bola, fez-lhe um apelo:

— Por favor, cara. Não vai atrás do Xereta, cara, você vai se dar mal. Por favor...

Mas Pedro Bola já estava de mão levantada:

— Desculpa, cara, mas agora estou gostando da história, isso aqui já está parecendo até aqueles filmes de aventura... Me desculpa, mas eu vou em frente.

— Se você quiser cair fora, André — Arturzinho, irônico —, não se constranja: nós entendemos. Coragem não é coisa para qualquer um. Mas tudo bem, depois nós convidaremos você para fazer parte do Clube da Casa Verde.

— Está bem, está bem — resmungou André. — Eu fico. Agora, uma coisa eu vou dizer: para mim, maluco não é só aquele cara lá dentro. Eu acho que vocês pegaram a loucura dele. Pelo jeito, o único aqui com a cabeça no lugar sou eu.

Voltaram à casa e puseram-se a procurar a entrada secreta. Começaram pela própria parede dos fundos. Nada. Ali, só o buraco que haviam feito — de novo fechado com as tábuas: realmente o cara lá dentro não queria nada com aqueles que chamara de loucos. Exploraram em seguida, e sem resultado, uma das paredes laterais. Na outra parede também não havia nada, a não ser as janelas muradas.

— Estranho — disse Pedro Bola. — Parece que o cara está mesmo incomunicável aí dentro.

— Quem sabe a abertura está no telhado? — perguntou André.

— Pouco provável — disse Arturzinho. — A pessoa teria de colocar escadas, teria de subir, talvez com pacotes... Não, a abertura não deve ser no telhado.

Nesse momento, Leo, que se metera no matagal — para fazer xixi —, chamou-os:

— Venham cá ver uma coisa. Correram para lá.

Arturzinho não pôde conter uma exclamação: à luz da lanterna, o que eles viam, muito bem disfarçado pela vegetação abundante, era uma espécie de alçapão, construído em alvenaria, com uma pequena, mas muito sólida porta.

— Está aqui a resposta — disse Leo. — Aposto que este alçapão dá num túnel. E aposto que este túnel leva até a Casa Verde. Deve ser por aí que levam comida para ele.

Cuidadosamente, Arturzinho tentou abrir a porta. Não conseguiu: estava fechada — por dentro.

— Não estou entendendo — disse André. — Se é por aqui que entra a pessoa de fora, como é que ela avisa para o sujeito abrir a porta?

Leo mostrou um orifício na porta, através do qual emergia um cordel com uma argola na ponta.

— Isto aí deve estar amarrado a uma sineta lá dentro. Provavelmente na sala em que o cara está.

Pedro Bola já ia puxar o cordel, Arturzinho deteve-o:

— Está maluco, cara? Se você fizer isso, o homem saberá que conhecemos o segredo. E aí perderemos a chance de descobrir quem vem aqui.

— Verdade — disse Pedro Bola, desconcertado.

— E como vamos descobrir quem vem aqui?

— Vigiar — disse Arturzinho.

— Como, vigiar? — André, atônito. — Vamos ficar aqui, esperando que apareça alguém?

— Claro que não. A gente se reveza, compreendeu? Aí ficamos escondidos... Apontou uma árvore próxima, de grosso tronco: — Atrás daquela árvore, por exemplo. Somos quatro. Cada um faz um turno de seis horas.

— Não acredito — André, incrédulo diante daquela proposta que lhe parecia o maior dos absurdos. — Não acredito que vou ficar de guarda seis horas atrás daquela árvore. —

Qual é o problema? — Arturzinho, bem-humorado. — Você não faz nada, mesmo, pode passar umas horas vigiando. De qualquer jeito, é só até aparecer a pessoa. Não vai levar muito tempo. O cara lá dentro precisa comer, não precisa?

André limitou-se a suspirar.

Ali mesmo Arturzinho organizou a escala de plantão para as próximas vinte e quatro horas. E, para dar o exemplo, ofereceu-se para ser o primeiro. Passavam alguns minutos da meia-noite; ficaria, pois, até às seis da manhã, quando Leo, sorteado para ser o segundo, o substituiria. Foi até um orelhão próximo, ligou aos pais, disse que iria dormir na casa de André. Depois, despediu-se dos amigos, que foram para casa, e instalou-se em seu posto, atrás da árvore.

Foi uma longa noite, aquela. Com frio, com fome, Arturzinho muitas vezes pensou em desistir — será que o clube valia tanto sacrifício? Foi com alívio que viu o dia clarear: tudo o que queria era um banho e cama. Já estava se preparando para ir embora — eram cinco e meia — quando ouviu um barulho: alguém caminhava pelo matagal. Cuidadosamente, espiou. Era uma garota — quinze, dezesseis anos. Dois detalhes lhe chamaram imediatamente a atenção. O primeiro: a maneira como estava vestida. Parecia ter saído de um filme sobre o século XIX, com o seu vestido longo, severo. O segundo detalhe era mais importante: a garota era linda. Linda, não, lindíssima. Morena, longos cabelos, alta, corpo perfeito. Deus gemeu Arturzinho, de onde é que saiu esta maravilha? A jovem, que carregava várias sacolas de pano — provavelmente com alimentos ou roupas —, aproximou-se do alçapão. Tal como Arturzinho esperava, puxou a argola. Tal como imaginara, depois de alguns segundos a portinhola se abriu. A jovem desapareceu.

Arturzinho estava desnordeado. Quem seria a moça? Ele, que se gabava de conhecer todo o mundo, todas as garotas que frequentavam os bares, os cinemas, as reuniões sociais, nunca a vira. Provavelmente a jovem era, portanto, uma reclusa. Agora — qual seria a relação dela com o homem da Casa Verde? Ali estava uma coisa para ser investigada. Enquanto pensava no que fazer, a portinhola do alçapão se abriu, e a moça de lá saiu, agora sem as sacolas. Arturzinho consultou o relógio. Um quarto para as seis. Dentro em breve, Leo deveria

aparecer para substituí-lo. Mas não tinha tempo para esperar, para contar o que havia acontecido. A moça já se afastava, apressadamente. Sem hesitar, Arturzinho foi atrás dela. Seguiu-la sem ser visto, àquela hora em que as ruas ainda estavam desertas, não foi fácil, mas Arturzinho não teve de andar muito. A moça entrou numa casa modesta de um bairro próximo. Arturzinho anotou o endereço e se mandou.

Fonte: SCLIAR, Moacyr. *O Mistério da Casa Verde*. São Paulo: Ática, 2019, p. 16-21. Adaptado.

AULA 4 - 50 MIN



Passo 1: Após a leitura do capítulo 3 da obra *O Mistério da Casa Verde* intitulado "No qual eles se apresentam ao hóspede da Casa Verde" do autor Moacyr Scliar, responda:

1. Pedro Bola foi o primeiro dos quatro amigos a querer desistir de fundar o Clube. O que aconteceu para ele cogitar a ideia de tomar essa decisão?
2. O homem maluco disse para os meninos que podia dizer tudo a respeito dos dois, que podia penetrar em seus corações e percorrer os sombrios corredores de suas mentes e, ainda, que podia fazer tudo isso porque era o alienista. Realize uma pesquisa no dicionário ou na internet e responda: O que é um alienista?
3. O que foi que o homem maluco disse ter constatado depois de ter estudado muitos anos acerca da loucura?
4. Quais os motivos que levam o homem maluco a acreditar que ele é extremamente lúcido e que na realidade os dois garotos (Arturzinho e Leo) é que são os loucos?
5. Quem disse a frase: "— Você pode ter uma pista, cara, mas a mim não interessa. Porque eu não quero descobrir coisa alguma. Já estou com o saco cheio dessa história."
 - () André
 - () Arturzinho
 - () Leo
 - () Pedro Bola
 - () Velho Maluco
6. Como os quatro amigos descobriram quem levava comida para o homem maluco?
7. Arturzinho já estava se preparando para ir embora para casa quando ouviu um barulho no matagal. O que causou o barulho? Justifique com uma passagem do texto.
8. Quando Arturzinho avistou a moça pela primeira vez, houve dois detalhes que lhe chamou imediatamente a atenção. Quais foram?
9. Quem disse a frase: "[...] o lugar de loucos, como vós, é lá fora. O mundo é um hospício, o vosso hospício."
 - a. () André
 - b. () Arturzinho
 - c. () Leo
 - d. () Pedro Bola
 - e. () Velho Maluco

10. Na frase "Arturzinho estava desnorteado. Quem seria a moça? Ele, que se gabava de conhecer todo o mundo, todas as garotas que frequentavam os bares, os cinemas, as reuniões sociais, nunca a vira. Provavelmente a jovem era, portanto, uma reclusa" . O que significa a palavra "reclusa."

- a. Estranha
- b. Encarcerada
- c. Emancipada
- d. Estrangeira

Passo 3: Corrija as questões dadas com seus colegas e com o professor.



4º MOMENTO



PRODUÇÃO TEXTUAL

A Produção Textual se divide em 3 aulas de 50 min. O objetivo destas aulas é exercitar o olhar para os elementos imagéticos e sua interpretação, ampliando o repertório literário e artístico dos alunos sobre as aldravias, os *ex-libris* e os *ex-AldraviLIBRIS* através da escrita poética desses gêneros e do tema loucura presente na obra *O Mistério da Casa Verde* de Moacyr Scliar.

AULA 1 - 50 MIN



Passo 1: A foto abaixo causa incômodo em quem a observar. O fotógrafo captou o momento em que uma criança parecia descansar. Porém, o local e as condições em que ela se encontra não são uma cena bonita de se ver. Muitas vezes, um artista também capta momentos tristes, feios, que fogem à nossa expectativa, assim como um poeta nem sempre fala de elementos bonitos. A partir de um olhar atento para a foto e dos conhecimentos adquiridos nesta sequência didática sobre os assuntos discutidos, crie aldravias que sintetizem as emoções causadas pela cena que está sendo mostrada. Use sua percepção, sua criatividade e sua emoção.



Fonte: <https://mega.ibxk.com.br/2020/04/01/01204254122480.jpg?ims=610x>. Acesso em: 13 fev. 2023.

Passo 2: Em uma roda de conversa sobre a foto que serviu de base para sua escrita poética, compartilhe suas aldravias com seus colegas e com o professor.



Passo 1: Observe a imagem abaixo.



Passo 2: A foto reproduzida acima é a imagem do personagem Dom Quixote de La Mancha criado pelo autor espanhol Miguel de Cervantes. Esse personagem é tão famoso na Literatura que o sistema de Correios da Espanha o homenageou através de um selo. Leia uma síntese da história criada por Cervantes:

O livro escrito por Cervantes conta a história de um homem de meia idade que resolveu se transformar em um cavaleiro andante depois de ter lido muitos romances de cavalaria. Em sua imaginação, ele deveria lutar contra o mal para provar à sua amada Dulcineia de Toboso, inventada pelo seu imaginário, todo o seu amor. Assim, ele parte em suas aventuras tendo como fiel escudeiro Sancho Pança, a quem foi prometido uma fortuna para acompanhá-lo. Todavia, suas aventuras, embates e lutas são fruto de sua imaginação, o que leva todas as pessoas a acreditarem que Dom Quixote era um louco. No final da história, após uma derrota para o Cavaleiro da Lua, Quixote se sente humilhado, volta para casa, fica doente, deprimido e, ao recuperar sua razão, pede perdão a Sancho e à sua sobrinha. Sancho Pança, mesmo sem recompensa financeira, fica ao lado de Dom Quixote até seus os últimos dias de vida, provando sua lealdade.

Passo 3: Muitos artistas plásticos de renome pintaram cenas protagonizadas por Dom Quixote de La Mancha no livro de Cervantes, assim como escultores também já representaram o personagem em suas obras. Olhe as imagens abaixo e escolha uma delas para fazer a tarefa que consta do Passo 4 desta aula.

1



Portinari, Dom Quixote atacando um rebanho de ovelhas, 1956.
Fonte: <https://www.culturagenial.com/livro-dom-quixote-de-miguel-de-cervantes/> Acesso em: 13 jan. 2023.

2

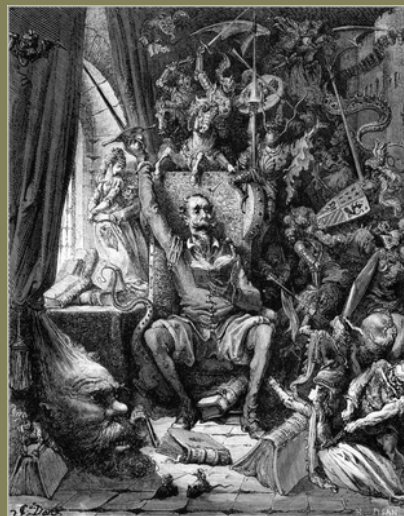


Ilustração de Gustave Doré, 1863.
Fonte: <https://www.culturagenial.com/livro-dom-quixote-de-miguel-de-cervantes/> Acesso em: 13 jan. 2023.

3



Daumier Honoré, Don Quixote, 1865 - 1870.
Fonte: <https://www.culturagenial.com/livro-dom-quixote-de-miguel-de-cervantes/> Acesso em: 13 jan. 2023.

4



Pablo Picasso, Don Quixote, 1955.
Fonte: <https://www.culturagenial.com/livro-dom-quixote-de-miguel-de-cervantes/> Acesso em: 13 jan. 2023.

Passo 4: Depois de observar o selo em homenagem a Dom Quixote, de conhecer resumidamente sua história e de ver imagens de obras de grandes artistas como Picasso e Portinari representando esse famoso personagem, que tal se você também o homenageasse através de um *ex-libris*? Lembre-se: o *ex-libris* marca a propriedade de uma pessoa sobre seus livros. Depois da tarefa completa, você terá um *ex-libris* para colar em seus livros. Siga as instruções:

1- Na parte superior de uma folha A4, escreva o primeiro elemento que identifica um *ex-libris*, ou seja, a palavra *ex-libris*. Veja:



2- No centro da folha, abaixo do nome *ex-libris*, cole a figura escolhida por você no Passo 3 desta atividade.

3- Abaixo da figura escreva seu nome e a data que você construiu o *ex-libris*. Veja:



4- Se quiser, faça uma borda em seu *ex-libris*, deixando-o mais artístico. Depois, recorte o *ex-libris* e cole-o em um livro. Veja:





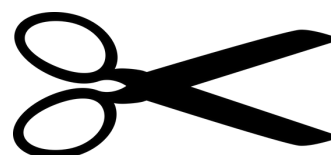
Passo 1: Você criou um *ex-libris* na aula anterior. Agora é a vez de criar um *ex-AldraviLIBRIS* através do amálgama entre o *ex-libris* e a aldravia. Para que os assuntos discutidos em toda a sequência didática não se percam, siga as instruções:

1. Pense em imagens, desenhos que possam representar um sonho que acompanha seus pensamentos. Depois, escreva palavras que possam representar assim como as imagens esse sonho.
2. Desenho e palavras pensadas, registre tudo na outra metade da folha A4 que foi usada para criar o *ex-libris*.
3. Seja criativo, pense em algo artístico que possa identificar você como alguém que sonha, que deixa a imaginação fluir.
4. Não se esqueça: na parte superior da folha deve estar escrito *ex-AldraviLIBRIS*. Abaixo da identificação do gênero, de forma centralizada, você registra seu desenho ou imagem. Logo depois do desenho, você deve colocar sua assinatura e a data de construção de seu *ex-AldraviLIBRIS*. Ao lado do desenho, deve constar a sua aldravia.

Veja o exemplo de *ex-AldraviLIBRIS* abaixo:



Passo 2: Assim que seu *ex-AldraviLIBRIS* estiver pronto, compartilhe com seus colegas e com o professor sua criação, explicando as escolhas feitas por você para criar sua obra minimalista. Recorte seu *ex-AldraviLIBRIS* e use-o em um de seus livros.





AULA 1 - 50 MIN

**Passo 2**

1. Resposta Pessoal. **Sugestão:** Pode-se inferir que há pessoas passando fome e frio em uma situação de crueldade, de tortura e de aprisionamento. As condições de vida são desumanas e há, claramente, violação dos direitos humanos básicos.
2. É possível notar pelas fotografias as péssimas condições de vida em que se encontram as pessoas. Muitas delas com roupas que mais parecem retalhos ou, ainda, pela ausência de vestimentas. Também, o acúmulo de indivíduos em um mesmo espaço, as paredes e/ou chão se assemelhando, leva-nos a pensar que todas estão "convivendo" em um mesmo lugar.
3. **Manicômio de Barbacena:** o Antigo Hospital Colônia foi um hospital psiquiátrico da década de 1930 que recebia pacientes de todo o estado. Além disso, a cidade foi apelidada de "cidade dos loucos" .

Passo 3

- a. Com crueldade, além de terem seus direitos humanos básicos violados.
- b. Internos tomando água de esgoto, convivendo próximos a urubus e venda de corpos para faculdades médicas.
- c. Em toda instituição em que a prática exercida era violenta ou oprimia outras pessoas.
- d. Em hospitais psiquiátricos sem fiscalização.
- e. Em clínicas de reabilitação que operam dentro da lógica de encarceramento e da violação de direitos humanos.

INTRODUÇÃO

AULA 1 - 50 MIN



Passo 1

1. Foi uma psiquiatra brasileira reconhecida por transformar o tratamento de saúde mental no Brasil em meados do século XX.

2. **Eletrochoque:** Técnica de tratamento de certas doenças mentais que se dá através da aplicação de uma corrente elétrica através do encéfalo durante um tempo.

Lobotomia: A lobotomia e leucotomia foram utilizadas em pacientes de instituições asilares brasileiras entre 1936 e 1956. Também chamadas de psicocirurgias, eram intervenções que consistiam em desligar os lobos frontais direito e esquerdo de todo o encéfalo, visando modificar comportamentos ou curar doenças mentais.

Fonte:

<https://www.scielo.br/j/0lobotomia%20leucotomia%20foram,comportamentos%20ou%20curar%20doen%C3%A7as%20mentais>. Acesso em: 13 fev. 2023.

3. a) Sim. Parece haver uma regressão na capacidade de criação artística do paciente causada pela lobotomia. A primeira escultura é mais detalhada com requintes de detalhes que não aparecem na segunda, sendo esta mais simples e menos criativa.

b) Sim, a partir das esculturas, antes e depois do procedimento de lobotomia, percebe-se que houve uma regressão na capacidade de criação do paciente Lúcio. A segunda escultura perdeu os contornos que são visíveis na primeira, desfigurando-se, tornando-se elementar, o que nos leva a crer que ele próprio sofreu esse processo de regressão, perdendo a capacidade mais elaborada de se expressar através da arte.

c) Resposta Pessoal.

Passo 2

Resposta Pessoal. **Sugestão:** "Os loucos veem a Deus"; "Deus para mim é a grande força universal. Deus de Spinoza. Energia infinita. A grande força universal está sempre presente"; "A psicologia de Jung está mil anos à frente do nosso tempo. Jung já afirmava desde o início do século que matéria e energia é uma só coisa"; "O inconsciente é um imenso oceano, por vezes emergem umas imagens"; "A psique humana é um fenômeno fantástico. A capacidade criadora é extraordinária."

Fonte: <http://casadaspalmeiras.blogspot.com/2016/01/casa-das-palmeiras-e-frases-de-nise-da.html>. Acesso em: 13 fev. 2023.

LEITURA/INTERPRETAÇÃO

AULA 1 - 50 MIN



Passo 2

1. Tanto no conto *O Alienista* de Machado de Assis quanto em *O Mistério da Casa Verde* de Moacyr Scliar, a Casa Verde é a mesma, também conhecida como *Casa de Orates* na obra de Machado de Assis.
2. Resposta Pessoal. Sugestão: Por ser uma casa abandonada e por ter sido um local em que foram internadas muitas pessoas consideradas loucas, é bem possível que as pessoas pensem que nesta casa vivam as almas desses pacientes, por isso preferiam atravessar a rua.

Passo 3

1. a) Provavelmente porque as opiniões dos moradores se dividiam entre defender ou não a história ou as histórias contadas sobre a Casa Verde.
2. b) "A professora Isaura, por exemplo, que lecionava no segundo grau da Escola Itaguaí era uma entusiasta defensora da obra do grande escritor. É preciso ler *O Alienista*, sustentava, para entendermos o passado de nossa cidade, e para desfazer as lendas sobre a Casa Verde."
- c) Dístico: "Inscrição com uma informação; letreiro, rótulo, divisa. Imagem ou palavra que traz a informação sobre aquilo que ilustra."

Fonte: <https://www.dicio.com.br/distico/> Acesso em: 13 fev. 2023. Adaptado.


Frontispício: "Face principal de um monumento; sinônimo de "pórtico", "portada", "fachada", "frente", "frontaria."

Fonte: <https://www.dicio.com.br/frontispicio/> Acesso em: 13 fev. 2023. Adaptado.

- d) Resposta Pessoal. **Sugestão:** As pessoas além de acharem que o casarão era mal-assombrado também podiam pensar que lá se abrigavam pessoas malfeitoras e isso seria um risco para quem passasse de forma distraída pela calçada da casa, pois poderia ser interpelado por alguém com más intenções e ser assaltado, por exemplo.
- e) O personagem é Arturzinho. Descrição: "Aos dezesseis anos (mas, alto e forte, aparentava mais), já passara por muitas aventuras. Por exemplo: uma vez escondera-se no compartimento de carga de um caminhão e viajara até Porto Alegre deixando os pais, que não sabiam de seu paradeiro, quase malucos."
- f) "[...] o Pedro, conhecido como Pedro Bola, um gordinho risonho quase tão agitado quanto Artur; André Catavento, alto, boa-pinta, igualmente safado; e Leo, o intelectual da turma, rapaz de óculos, ar melancólico, que andava sempre com um livro sob o braço."

g) Pela leitura do texto é possível inferir que Arturzinho queria dar uma solução para o projeto que estava em mente – ter um lugar para que ele e seus amigos pudessem se encontrar para ouvir música, conversar sem incomodar seus pais. Arturzinho teria tido a ideia de usar a Casa Verde como o espaço de encontro dos amigos.


AULA 2 - 50 MIN



Passo 1

Resposta Pessoal. **Sugestão:** Ao entrarem na Casa Verde, os meninos notaram que ela não estava bagunçada ou suja, o que era muito estranho, já que o casarão estava abandonado há muito tempo. Além disso, ao entrarem em uma determinada sala, cuja porta estava fechada, encontraram com a figura de um homem desconhecido de cabelos grisalhos, com barbas longas a olhar para eles. Eles jamais imaginavam encontrar alguém na casa.

AULA 4 - 50 MIN



Passo 1

1. Foram duas as razões: primeiro, Pedro achava que era muito trabalho para poder arranjar um clube. Segundo, a ideia de enfrentar de novo o maluco não lhe agradava.
2. Psiquiatra; médico que se especializou no diagnóstico e tratamento de pessoas acometidas por doenças mentais.
3. Que os loucos sempre estranham o que é normal, o que é sábio.
4. As vestimentas esquisitas dos meninos, o penteado esdrúxulo e as estranhas palavras que os dois usavam.
5. (X) André.
6. Vigiando. A cada seis horas um dos meninos ficaria escondido atrás de uma árvore e observando se alguém chegaria no alçapão solicitando a entrada.
7. Era a garota que vinha caminhando em direção ao alçapão. "Já estava se preparando para ir embora — eram cinco e meia — quando ouviu um barulho: alguém caminhava pelo matagal. Cuidadosamente, espiou. Era uma garota — quinze, dezesseis anos."
8. O primeiro: a maneira como a garota estava vestida. Parecia ter saído de um filme sobre o século XIX, com o seu vestido longo. O segundo detalhe era mais importante: a garota era linda.
9. (X) Velho Maluco.
10. b) Encarcerada.

PRODUÇÃO TEXTUAL

Todas as atividades de Produção Textual são subjetivas, ou seja, as respostas são pessoais, não havendo sugestões a serem dadas.

O Mistério da Casa Verde e *O Alienista*

Esta Sequência Didática III diz respeito à técnica de pintura criada por Andreia Donadon Leal, a aldravintura, que tem como um de seus princípios a liberdade de expressão e pode ser usada em intervenções terapêuticas para promover o bem-estar mental de crianças, jovens e adultos e na escola como uma ferramenta para a fruição estética.

Objetivos da sequência: Trabalhar questões que envolvem temas relacionados à saúde mental, a arteterapia, exercitando a sensibilidade para a livre criação artística aldravista. Trabalhar a leitura do livro *O Mistério da Casa Verde*, de Moacyr Scliar, que é o foco desta sequência didática, exercitando a intertextualidade entre ele e a obra de Machado de Assis, *O Alienista*, ampliando o repertório literário, artístico e linguístico dos alunos.

Dados da aula



Público alvo: Alunos do 9º ano do Ensino Fundamental II

Sequência Didática: Esta sequência didática se divide em 4 Momentos: Motivação, Introdução, Leitura/Interpretação e Produção de Texto.

Duração das atividades: 13 aulas.



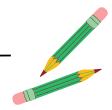
1º MOMENTO



MOTIVAÇÃO

A Motivação se divide em 5 aulas de 50 min. O objetivo destas aulas é apresentar a técnica de pintura "aldravintura", criada por Andreia Donadon Leal, propondo atividades de reflexão sobre arteterapia como técnica terapêutica não só para pessoas com transtornos mentais, como também na educação, tendo como foco principal o livro *O Mistério da Casa Verde* do autor Moacyr Scliar que dialoga com a obra de Machado de Assis, *O Alienista*, além de propor aos alunos um exercício de criação artística.

AULA 1 - 50 MIN



Passo 1: Leia o texto abaixo atentamente:

Dr. Bacamarte, personagem do livro *O Alienista*, de Machado de Assis, era um psiquiatra muito respeitado e, para a sociedade itaguaiense, a voz da ciência, da razão. Com o passar do tempo, as pessoas começaram a duvidar de seus métodos e ficavam com medo de serem consideradas loucas. Em um determinado momento da narrativa, o médico prendeu boa parte dos moradores da cidade de Itaguaí em sua clínica, conhecida como Casa de Orates, para que pudesse tratar das insanidades, aumentando ainda mais o temor entre a população. Por fim, o próprio Dr. Simão Bacamarte percebeu que seus métodos eram duvidosos e resolveu soltar todos os seus pacientes e se internar para próprio tratamento.

Esta obra de Machado de Assis discute o tema "loucura" através da ficção, mas em nossa realidade esse assunto ainda suscita discussões e polêmicas tanto entre os profissionais da saúde quanto entre as pessoas em geral.

Em um passado não muito distante, eram comuns os hospitais para pacientes psiquiátricos. Todavia, pesquisando sobre essas instituições, entramos em contato com uma realidade cruel, indigna da pessoa humana, em que os sujeitos eram colocados em quartos com grades, mal alimentados, malvestidos, sem tratamento adequado para suas condições e negligenciados pelos profissionais, pela família e pelo poder público. Alguns desses estabelecimentos pareciam mais uma prisão que um centro de reabilitação. Por isso, em 6 de abril de 2001 foi decretada a Lei 10.216 que visa proteger os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais modificando o sistema de saúde que as assiste. A partir daí, os hospitais psiquiátricos, também conhecidos de forma pejorativa como manicômios, começaram a sofrer grandes mudanças, incluindo a alta de grande parte de seus pacientes.

Uma personalidade muito importante para a área médica em relação ao tratamento de transtornos mentais foi e ainda é Nise da Silveira. Ela transformou o conceito de tratamento mental quando assumiu, em 1946, a seção de terapia ocupacional do Centro Psiquiátrico Nacional Pedro II, no Engenho de Dentro, no Rio de Janeiro. Desde o início, Nise foi contra tratamentos agressivos e inadequados como o uso de camisa de força, terapias com choque elétrico, lobotomia, dentre outras técnicas. Ela conseguia enxergar no paciente, que preferia chamar de cliente, todas as suas potencialidades e, com muita sensibilidade, revolucionou o tratamento clínico de pessoas portadoras de sofrimento mental. Usou como instrumento a música, a poesia, a pintura, a dança, o teatro, possibilitando que seus clientes se expressassem e, assim, se conectassem novamente com o mundo.

Graças à Dr^a Nise da Silveira, hoje é possível tratar uma pessoa através da afetividade, das artes em geral e os profissionais da área da psicologia e da psiquiatria estão cada vez mais conscientes de seu papel diante da pessoa que procura por seus serviços, oferecendo a eles e às suas famílias alternativas de tratamentos mais humanos, dignos e respeitosos. Infelizmente, o preconceito e a discriminação contra o portador de sofrimento mental ainda reinam em nossa sociedade e é preciso combatê-los cada vez mais.

Passo 2: Após a leitura do texto, responda às questões que seguem:

1. Como foi dito no texto lido, as artes possuem uma função muito importante no tratamento mental das pessoas. Você costuma usar as artes como forma terapêutica, ou seja, como uma maneira de reorganizar seus pensamentos? Justifique sua resposta.
2. Com que frequência você recorre, por exemplo, à música e com que objetivo?
3. Qual o tipo de arte de que você mais gosta? Por quê?
4. De que maneira você desenvolve seu potencial artístico? Comente.
5. Que dica você daria para alguém que quer usar a arte para relaxar, descansar do cotidiano apressado em que vivemos? Registre sua resposta.

Passo 3: Observe a imagem abaixo:



Fonte: LEAL, Andreia Donadon; BICALHO, Gabriel; DONADON-LEAL, J. B.; FERREIRA, J. S. (Orgs.). *Estações – O Livro IX das Aldravias*. Edição comemorativa de 21 anos. Mariana: Aldrava Letras e Artes, 2021.

Passo 3: A imagem acima ilustra a capa do livro *Estações – O Livro IX das Aldravias*. Essa imagem é uma criação de Andreia Donadon que, além de escritora, educadora e arteterapeuta é também artista plástica com quadros expostos dentro e fora do Brasil. Andreia desenvolveu uma técnica de pintura para qual deu o nome de aldravintura. Veja o que ela diz sobre essa técnica e depois responda:

Em relação ao trabalho de Arteterapia, desenvolvi a técnica ALDRAVINTURAS para possibilitar a produção de pinturas para crianças, jovens e adultos com problemas de motricidade, neurológicos, comportamentais ou que não dominam técnicas de desenho, traços bem arrematados ou noção de perspectiva. Inúmeros trabalhos foram produzidos por alunos de escolas e de outras instituições, com maior intensidade e adesão à proposta da liberdade de expressão artística através de 6 movimentos livres, aleatórios e ao mesmo tempo precisos que a técnica das aldravinturas proporciona.

Fonte: LEAL, Andreia Donadon. *FAMART - A Arteterapia das Aldravinturas na Educação*. Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Arteterapia. Mariana, jul. 2021. Adaptado.

1. O nome dado por Andreia Donadon à técnica de pintura criada por ela - "aldravintura" - tem como base para sua formação uma palavra já conhecida por você. Que palavra é essa?
2. A poesia e a pintura são artes que fazem uso de técnicas distintas para sua produção. Uma usa as palavras para criar sentidos e a outra usa as cores das tintas e lápis para criar imagens. O que há em comum entre o gênero poético "aldravias" e as "aldravinturas" além da palavra base que forma seus nomes? Busque informações no texto.
3. As aldravinturas são voltadas apenas para pessoas com transtornos mentais? Justifique a partir das informações do texto.

Passo 4: Ao corrigir suas respostas com os colegas e com o professor, faça comentários, amplie seus conhecimentos sobre o assunto interagindo com todos na sala de aula.

AULA 2 - 50 MIN



Passo 1: Preste atenção às fotos abaixo:



Passo 2: As imagens compartilhadas são a produção de M. A. F. S. durante seu tratamento terapêutico pós AVC em internação domiciliar. A paciente foi orientada por Andreia Donadon na feitura das obras. No trabalho de conclusão de curso em Arteterapia, Andreia interpreta as cores, as formas, os traços e sua intensidade nas pinturas de M. A. F. S. revelando as emoções experimentadas pela paciente. Observe novamente as imagens e responda:

Que emoções podem ser percebidas nas imagens 1, 2 e 3? Justifique com suas palavras.

Passo 3: Confira suas respostas com seus colegas e com o professor, depois compare-as com a leitura feita pela arteterapeuta Andreia Donadon sobre as obras produzidas por M. A. F. S..

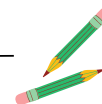
Imagem 1: Nesta Aldravintura, início de 2020, a paciente-artista representa, através de borrões com cores densas (quentes e frias), os fardos da vida cotidiana, especialmente a atual, tomada de estresse e de insegurança. Talvez a exploração de todos os espaços do papel, seja uma forma de unir cores e emoções, livrando-se de pensamentos obscuros e deprimidos. A pintura é ainda recortada de traços soltos, livres e rápidos.

Imagem 2: A atmosfera colorida à apreciação é produzida numa simbolização artística de flores e traços soltos com uso predominante de rosa e azul escuro; roxo, laranja, amarelo, sem contorno de traços pretos, esta última cor remete à falta de luz, de sua perda de luz, ou até mesmo, ausência de inibições ou repressões. A cor rosa simboliza amor e afeição, inocência e maternidade a florada, além de espontaneidade e de criatividade. Verde: fertilidade. Azul: cor fria, associada à serenidade e paz. Amarelo e laranja: cores solares. Roxo: segundo Kellogg, "capacidade de atrair atenção para si, ganhando um lugar de destaque na família" (Kellogg *apud* Arteterapia para crianças. Grupo FAMART DE EDUCAÇÃO, s/d, p. 13).

Imagem 3: A atmosfera sombria é propícia à introspecção; a liberdade da alma é criada numa simbolização artística de um pássaro de fogo com uso de vermelho, laranja, amarelo (cores solares) contornado por traços pretos. A Aldravintura de nº 2 resulta em uma reflexão sobre o caminho do paraíso após a experimentação do inferno. A expressão icônica é o jogo de cores quentes e frias, de claro e de escuro, de interior e de exterior.

Fonte: LEAL, Andreia Donadon. *FAMART - A Arteterapia das Aldravinturas na Educação*. Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Arteterapia. Mariana, jul. 2021. Adaptado.

AULA 3 - 50 MIN



Passo 1: Leia o texto abaixo:

ARTE E PSIQUIATRIA



Nise no ateliê na companhia de alguns clientes | Fotos: autores desconhecidos
Arquivo Nise da Silveira

Nise da Silveira foi uma importante psiquiatra brasileira que começou a trabalhar no Centro Psiquiátrico Pedro II em 1944. Lá teve contato com os "progressos" da medicina no campo da psiquiatria, como a lobotomia, o eletrochoque e o choque insulínico. Foi preciso um curto período para que Nise discordasse de tais tratamentos e buscasse novas formas terapêuticas. Sendo assim, em 1946 fundou a Seção de Terapêutica Ocupacional e Reabilitação (Stor), cujo principal objetivo era estimular os pacientes – que ela preferia chamar de clientes – a se expressar por meio da arte.

EMOÇÃO DE LIDAR

Com a intenção de fazer com que cada um pudesse expressar seu mundo interior, Nise foi abrindo espaço no hospital, na mente de médicos e no coração de seus clientes. Fundou setores dedicados a trabalhos manuais, como marcenaria e sapataria; oficinas de teatro, aulas de esportes variados e ateliês de desenho e de pintura, todos eles ligados pelo laço do afeto e da compreensão.



O ateliê de pintura do hospital de Engenho de Dentro foi inaugurado em 9 de setembro de 1946 e após quatro meses Nise promoveu a primeira exposição das obras. Daí em diante o reconhecimento dos trabalhos – tanto no campo de estudos da psiquiatria quanto no campo artístico – se fortaleceu, consolidando-se com o olhar atento de pessoas como o crítico Mário Pedrosa.

Fonte: [**Passo 2:** Ao propor um tratamento mais afetivo para pacientes em sofrimento mental através das artes, Nise da Silveira inspira muitos profissionais da área da saúde a olhar para seus pacientes como sujeitos capazes de produzir, de expressar suas emoções e de percorrer um caminho de autoconhecimento em busca de harmonia. Refletindo a respeito do que foi lido no texto do Passo 1 e de tudo o que até agora foi dito sobre saúde mental, escreva um texto argumentativo de até 15 linhas tendo como assunto o tema abaixo:](https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/nise-da-silveira/arte-e-psiquiatria/Acesso em: 15 fev. 2023. Adaptado.</p></div><div data-bbox=)



A importância das artes para a vida em sociedade.

Observações: Qualquer texto precisa ter um começo (introdução), um meio (desenvolvimento) e um fim (conclusão). Um texto argumentativo, além de cumprir essa estrutura, precisa deixar claro o ponto de vista do escritor a respeito da temática que se desenvolverá através de argumentos que defendem sua opinião e, ao concluir suas reflexões, deve deixar para o leitor, sugestões de como resolver as questões que foram postas ao longo do texto. Para ajudá-lo a construir um texto coerente e coeso, leia as instruções abaixo:

1- Introdução: Apresente o assunto que será discutido e responda para si mesmo: O QUE PENSO SOBRE ELE? A resposta a esta pergunta é, sem dúvida, seu ponto de vista, sua tese. Faça o registro dela no caderno e passe para a segunda dica.

2- Desenvolvimento: Após apresentar o assunto ao leitor e expressar seu ponto de vista, é hora de defender sua opinião. Responda para si mesmo: POR QUE PENSO ASSIM SOBRE ESSE ASSUNTO? Pesquise o tema em jornais, revistas físicas ou virtuais e registre, pelo menos, dois argumentos, duas defesas que corroborem sua opinião.

3- Conclusão: Depois de estruturar o parágrafo de introdução e os parágrafos de desenvolvimento no caderno, responda para si mesmo: QUE SUGESTÕES POSSO DAR PARA QUE AS QUESTÕES LEVANTADAS SEJAM MINIMAMENTE RESOLVIDAS OU AMENIZADAS? Retome o assunto e apresente as sugestões ao seu leitor encerrando o texto.

AULA 4 - 50 MIN

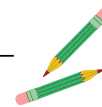


Passo 1: Retome a escrita feita na Aula 3. Faça uma primeira correção adequando todas as partes escritas para que sejam coerentes (façam sentido) e coesas (uma parte deve estar ligada à outra, apresentando uma progressão do assunto até o final). Veja abaixo uma pequena tabela que lhe ajudará nesta etapa da atividade.

Apresentei o assunto antes de expressar meu ponto de vista?	SIM	NÃO (Refaça)	PARCIALMENTE (Corrija e reescreva)
Apresentei meu ponto de vista de forma clara e objetiva?	SIM	NÃO (Refaça)	PARCIALMENTE (Corrija e reescreva)
Apresentei, pelo menos, dois argumentos que defendam minha opinião?	SIM	NÃO (Refaça)	PARCIALMENTE (Corrija e reescreva)
Usei sinais de pontuação segundo a norma padrão da Língua Portuguesa?	SIM	NÃO (Refaça)	PARCIALMENTE (Corrija e reescreva)
Usei sinais de acentuação segundo a norma padrão da Língua Portuguesa?	SIM	NÃO (Refaça)	PARCIALMENTE (Corrija e reescreva)
Finalizei o meu texto retomando o assunto?	SIM	NÃO (Refaça)	PARCIALMENTE (Corrija e reescreva)
Registrei no parágrafo de conclusão possíveis soluções para as questões discutidas ao longo do texto?	SIM	NÃO (Refaça)	PARCIALMENTE (Corrija e reescreva)

Passo 2: Depois de conferir sua redação a partir da tabela acima e fazer uma primeira reescrita, entregue seu texto para a correção de seu professor.

AULA 5 - 50 MIN



Passo 1: Receba seu texto corrigido pelo professor e faça a última reescrita, adequando-o às correções e orientações dadas.

Passo 2: Seu professor fará a seleção de um texto para ser publicado nas redes sociais de sua escola. Caso a escola não possua redes sociais, seu professor poderá providenciar a publicação em algum jornal da cidade.

Passo 3: Os textos que não foram selecionados para publicação poderão ser expostos em algum mural da escola para apreciação de toda a comunidade escolar.



2º MOMENTO



INTRODUÇÃO

A Introdução terá duração de 1 aula de 50 min. O objetivo desta aula é apresentar o diálogo intertextual entre os livros *O Mistério da Casa Verde* de Moacyr Scliar e *O Alienista* de Machado de Assis como introdução para o momento de leitura e interpretação de capítulos do livro *O Mistério da Casa Verde* que é o foco desta sequência didática.

AULA 1 - 50 MIN



Passo 1: A sinopse sobre o livro *O Mistério da Casa Verde* dá dicas ao leitor de que há um mistério que ronda a famosa Casa Verde da cidade de Itaguaí e, ao tentar decifrar esse mistério, Arturzinho e seus colegas descobrem a obra de Machado de Assis, *O Alienista*, que, em seu enredo, conta um pouco da história passada da cidade em que moram os meninos.

Leia a sinopse abaixo para responder às questões 1 e 2.

Sinopse

Na falta de outro lugar, Arturzinho resolveu criar um clube para sua turma num antigo casarão abandonado, que é lendário na pequena cidade de Itaguaí, no Rio de Janeiro. Ali, na chamada Casa Verde, cerca de dois séculos antes, havia funcionado um asilo para doentes mentais, cuja história inspirou o escritor Machado de Assis a escrever um de seus contos mais célebres: *O Alienista*.

Reunindo sua turma — Pedro Bola, André Catavento e Leo —, o rapaz organiza uma expedição à Casa Verde, para dar início ao projeto. Mas os quatro vão ter que abrir uma entrada na parede dos fundos da casa, já que as portas e janelas originais foram emparedadas há muitos anos. No interior sombrio do casarão, uma primeira surpresa: o ambiente está completamente limpo, não se encontra nem um sinal de sujeira, que deveria ter se acumulado ali com o passar dos anos. Porém, outra surpresa maior espera os rapazes atrás de uma porta fechada, onde um letreiro exhibe a palavra "Director". Um enigma que, para ser decifrado, levará Arturzinho, André, Pedro e Leo a tomar contato com o próprio conto de Machado de Assis. Assim, os quatro descobrem *O Alienista*, um texto curto, bem-humorado e gostoso de ler, na opinião deles mesmos, e ao mesmo tempo uma obra que faz uma reflexão profunda sobre a autoridade e o poder. Mas de que modo um texto literário, escrito há mais de cem anos, pode ajudar a explicar os fatos presentes? Contando uma trama marcada pelo mistério, que acaba por envolver quatro jovens da Itaguaí de hoje numa aventura fantástica, Moacyr Scliar — um dos mais importantes escritores brasileiros da atualidade — reconta *O Alienista*, um "clássico" da literatura brasileira. Proporciona, assim, um duplo prazer para o leitor: a oportunidade de conhecer um conto fascinante de um dos maiores autores brasileiros de todos os tempos e também a história de um grupo de adolescentes que, batalhando pelos seus objetivos, descobrem a solidariedade e enriquecem suas vidas.

O EDITOR

Fonte: SCLIAR, Moacyr. *O Mistério da Casa Verde*. São Paulo: Ática, 2019, p. 5.

1. A sinopse lida revela um recurso muito interessante usado pelo autor Moacyr Scliar: a intertextualidade. Escreva com suas palavras o que você entende por intertextualidade.
2. O diálogo intertextual pode ser feito de várias maneiras. Confira algumas delas e depois indique qual ou quais tipos de intertextualidade são usados na escrita de *O Mistério da Casa Verde* de Moacyr Scliar?

Alusão/referência: nessa relação estabelecida entre textos, é feita uma sugestão ou insinuação sobre um determinado lugar, personagem, acontecimento etc. sem haver, no entanto, aprofundamento nele.

Exemplo: Como já dizia o filósofo, o ignorante é quem é feliz de verdade.

Bricolagem: é um texto criado por meio do fragmento de outros textos. Um exemplo é o trecho da música Monte Castelo (Legião Urbana) que faz uso de uma passagem bíblica e de versos do soneto de Camões:

Exemplo: Ainda que eu falasse a língua dos homens
E falasse a língua dos anjos, sem amor eu nada seria
É só o amor, é só o amor
Que conhece o que é verdade
O amor é bom, não quer o mal
Não sente inveja ou se envaidece

Citação: nesse formato, a intertextualidade reproduz parte de um texto referência. É muito comum em textos dissertativos fazerem uso da citação de argumentos de autoridade no intuito de reforçar uma ideia.

Exemplo: Segundo Foucault, "o novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta". Nesses termos, o discurso não está associado ao novo, mas diretamente às suas condições de produção.

Epígrafe: usada no início de uma obra. Ela consiste em um texto de um outro autor no intuito de trazer o pensamento que permeia a obra construída.

Exemplo: "A tarefa não é tanto ver aquilo que ninguém viu, mas pensar o que ninguém ainda pensou sobre aquilo que todo mundo vê". (Arthur Schopenhauer)

Paráfrase: é a reprodução de um texto já existente à maneira própria daquele que o interpreta. Um exemplo é o trecho do Hino Nacional Brasileiro (1909) que parafraseia o trecho do poema "Canção do Exílio" (1843).

Exemplo:
Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores".
(Canção do Exílio)

"Do que a terra mais garrida,
Teus risonhos, lindos campos têm mais flores;
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida no teu seio mais amores.
(Hino Nacional)

Paródia: tem como principal objetivo subverter a ideia do texto original e, por isso, apresenta-se, por vezes, em tons críticos ao seu original.

Exemplo: Se Maomé não vai à montanha, a montanha vai a Maomé (ditado popular).
Se Maomé não vai à montanha, a montanha vai a Maomé (paródia).



LEITURA/INTERPRETAÇÃO

A Leitura se divide em 2 aulas de 50 minutos. O objetivo destas aulas é apresentar trechos de capítulos do livro *O Mistério da Casa Verde*, do autor Moacyr Scliar, para aprofundamento da leitura e da interpretação da obra literária.

AULA 1 - 50 MIN



Passo 1: No capítulo 1 do livro *O Mistério da Casa Verde*, Arturzinho e seus colegas se deparam com a figura de um homem dentro do casarão, levam um grande susto e saem todos correndo. Faça uma leitura em silêncio do capítulo 2 intitulado: "No qual, mais calmos, eles tentam decifrar o mistério da Casa Verde".

CAPÍTULO 2

*No qual, mais calmos,
eles tentam decifrar
o mistério da
Casa Verde*

Por algum tempo ficaram ali, ofegantes, sem poder falar. Finalmente, André bradou, apontando a Arturzinho um dedo acusador:

— Eu disse, cara! Eu disse que essa história ia terminar mal! Todo o mundo sabe que essa tal de Casa Verde é mal-assombrada e que a gente não deveria passar nem perto. Mas você tinha de inventar essa coisa de clube. Porque você pensa que é o maior, que sabe tudo. Viu, cara? Viu no que deu?

Arturzinho não teve como responder: aparentemente André tinha razão.

Pedro Bola, então, não tinha dúvida: era um fantasma, aquilo que eles haviam visto.

Leo, porém, discordava:

— Para mim não era fantasma.

André olhou-o, assombrado com aquela audácia. Desde quando o baixinho ousava contrariá-lo?

Mas Leo repetiu:

— Não era fantasma coisa alguma.

— Ah, não — André, irônico, a custo contendo-se: a vontade que tinha era de dar um tabefe no outro.

— Não era fantasma. E o que era, então? Diga, você que sabe tudo, o que era aquilo? Uma visão, por acaso? Nós quatro tivemos, ao mesmo tempo, uma visão? Foi isso?

— Não. Não era uma visão — Leo, no mesmo tom surpreendentemente calmo.

— Ah, não. E o que era? Pode o amiguinho nos dizer, por favor? Estamos ansiosos por ouvi-lo, senhor professor doutor Leo.

Leo optou por ignorar a gozação. — Era uma pessoa. Um homem. Alguém de carne e osso, como nós.

— Essa não — protestou Pedro Bola. — A Casa Verde está completamente fechada, ninguém poderia ter entrado lá. Além disso, como é que você sabe que era uma pessoa? Você tocou o homem, por acaso?

— Não. Não toquei.

— E então? De onde é que você tirou a certeza de que era alguém como nós?

— Por causa das bananas.

— Bananas? — Pedro Bola não estava entendendo mais nada. — Que bananas, cara? De que você está falando?

— Estou falando — continuou Leo, no mesmo tom calmo — de um prato com bananas que estava sobre aquela mesinha ao lado do homem.

Os outros se olharam, perplexos: ninguém tinha visto banana alguma. Mas Leo insistiu:

— Havia, sim, um prato com bananas maduras. Tenho certeza absoluta.

— Muito bem — disse André, irônico. — Então havia ali um prato com bananas. E daí, espertinho?

— Daí que fantasma não come banana.

Os outros calaram-se, estarelecidos.

— Pensando bem — admitiu Arturzinho —, Leo tem razão. Fantasma não come banana. Aliás, que eu saiba, fantasma não come coisa alguma. Logo, aquele homem que nós vimos lá não era um fantasma. — E para Leo:

— Você tem uma grande cabeça, cara.

Admiração sincera, mas não partilhada por todos. Pedro Bola achava o Leo um garoto encolhido, insignificante. Já André o invejava: Leo era o melhor aluno da classe, tirava sempre notas excelentes. Sempre que podia, André debochava dele, tentava ridicularizá-lo. O que deixava Arturzinho indignado. Sabia que Leo tinha uma existência sofrida. Órfão de pai, fazia o que podia para ajudar a mãe, costureira pobre, a sustentar a casa; além disso, cuidava de uma irmã inválida. E mesmo assim conseguia ler e estudar, o que para Arturzinho parecia uma coisa heroica.

— Mas esperem um pouco — disse Pedro Bola, intrigado. — De fantasma eu não entendo, mas de banana entendo, e muito: como meia dúzia todos os dias. Como é que aquelas bananas foram parar lá? Sei que não tem nenhuma bananeira por perto, uma vez andei olhando aquela área. Logo, o homem deve ter comprado. Mas se comprou em algum lugar...

— ... ele seria uma figura conhecida — completou Leo. — Ninguém poderia esquecer aquele tipo. Vocês repararam nas roupas dele? Ninguém tinha reparado. Todos se lembravam da feroz expressão do desconhecido, mas nas roupas não tinham atentado.

— Ele estava vestido — continuou Leo — como um cavalheiro do século XIX: casaca preta, camisa branca, gravata de laço. Seria impossível uma figura assim andar por aí sem chamar a atenção. Principalmente numa cidade pequena como a nossa.

— Você quer dizer — Arturzinho, intrigado — que o homem nunca sai da Casa Verde?

— É o que eu acho — disse Leo. — Inclusive por causa de um outro detalhe: eu nunca vi um sujeito tão pálido. Aquela cara não vê sol há muito tempo. Aposto que ele...

— Não interessa — interrompeu André. — Eu não quero nada com esse cara. Fantasma ou não, ele já ocupou a Casa Verde. De modo que a ideia do Arturzinho foi para o espaço. Podemos esquecer esse tal de clube.

— Talvez não — disse o Arturzinho.

— Como não? — Estamos partindo da hipótese — continuou Arturzinho — que esse homem quer ficar sozinho, que ele não quer ver ninguém. Mas será que é assim mesmo? Não sei.

— Como? — André não percebia aonde o outro queria chegar.

— Nós não sabemos — continuou Arturzinho. — Ele não disse nada. Nem nós. Não sabemos que tipo de homem ele é. De repente, é um cara até legal... esquisito, mas legal, um cara que não se importará se a gente fizer o nosso clube numa das salas, e que até gostará disso... quem sabe a gente o convida para ser uma espécie de presidente de honra? Eu acho que temos de bater um papo com o sujeito, descobrir quem é, porque se veste daquela maneira... Enfim, temos de ficar amigos dele.

— Essa não! — bradou Pedro Bola, indignado. — Bater um papo com aquele tipo? De jeito nenhum. Eu estou fora. Não volto lá nem amarrado.

— Espere um pouco — disse Leo. — Essa ideia eu não acho de todo má. Arturzinho tem razão: o cara não mandou a gente embora. Aliás, nem falou. Só nos olhou.

— É, só nos olhou — disse André Catavento. — Agora: se olhar matasse, já estaríamos mortos.

— Isso é a sua impressão — disse Arturzinho.

— É a minha também — acrescentou Pedro Bola.

— Bem — disse Arturzinho —, parece que temos um empate de votos. Vamos decidir no cara ou coroa. Cara: nós vamos lá, falar com o homem. Descobrimos quem ele é, o que está fazendo na Casa Verde, perguntamos se topa a ideia do clube. Coroa: esquecemos tudo, fazemos de conta que nada vimos. Tirou do bolso uma moeda, jogou-a para o ar, apanhou-a, mostrou-a a todos: cara.

— Puxa vida, Arturzinho — disse André, despeitado. — Você não gosta de seu apelido, mas cá entre nós, só um xereta como você para ter a ideia de procurar o homem, hein?

— Eu tive a ideia — Arturzinho, triunfante —, mas quem decidiu foi o destino. Você viu.

— Vi — concedeu André. — Mas ainda acho que vamos fazer uma bobagem.

— Ora — disse Arturzinho. — Na pior das hipóteses, vamos ter de correr de novo. Mas no mínimo é uma aventura. Você não gosta de aventuras? Você que só vê filmes de ação? Faça de conta que está num filme: O mistério da Casa Verde.

— Desde que a gente não leve um tiro... — suspirou Pedro Bola. — Não vamos levar tiro algum — garantiu Arturzinho. — Vamos ficar amigos daquele homem. E ele ainda vai cuidar do clube para a gente, vocês vão ver.

Combinaram um encontro para a noite seguinte, à mesma hora. E separaram-se. Arturzinho foi para a confortável casa em que morava com os pais e dois irmãos mais velhos. André permaneceu ali, no apartamento de andar inteiro, do qual — filho único que era — tinha um quarto enorme. Pedro Bola também morava num apartamento com a mãe, divorciada, uma irmã e uma tia. Leo era o que tinha de percorrer um trajeto maior: morava numa casa modesta, num bairro afastado. Quando se deitaram, já madrugada, os quatro pensavam na mesma coisa: no estranho homem da Casa Verde.

Fonte: SCLIAR, Moacyr. *O Mistério da Casa Verde*. São Paulo: Ática, 2019, p. 13-15.

Passo 2: A partir da leitura do capítulo 2, responda:

1. Para Pedro Bola, o que foi visto na Casa Verde era um:

- a. homem
- b. miragem
- c. fantasma
- d. visão

2. Leo tinha certeza de que o que fora visto dentro da Casa Verde não era um fantasma e sim um homem. Como ele chegou a esta conclusão?

3. Como eram as roupas do homem que estava na Casa Verde quando os meninos a invadiram?

4. O que levava Leo a acreditar que o homem da Casa Verde nunca saíra de dentro dela?

5. Como os meninos decidiram se iriam ou não retornar à Casa Verde?

6. Ao término da conversa, os garotos combinaram um encontro para a noite seguinte na mesma hora e cada um seguiu o seu caminho. O que aconteceu com todos eles ao se deitarem? Justifique.

Passo 3: Corrija as questões dadas com seus colegas e com o professor.



Passo 1: Retome a leitura do final da adaptação do conto de Machado de Assis, *O Alienista*, e depois resolva as questões propostas.

ERA DECISIVO. SIMÃO BACAMARTE CURVOU A CABEÇA, JUNTAMENTE ALEGRE E TRISTE, E AINDA MAIS ALEGRE DO QUE TRISTE. ATO CONTÍNUO, RECOLHEU-SE À CASA VERDE. EM VÃO A MULHER E OS AMIGOS LHE DISSERAM QUE FICASSE, QUE ESTAVA PERFEITAMENTE SÃO E EQUILIBRADO.

A QUESTÃO É CIENTÍFICA; TRATA-SE DE UMA DOUTRINA NOVA, CUJO PRIMEIRO EXEMPLO SOU EU. REÚNO EM MIM MESMO A TEORIA E A PRÁTICA.

MAS O ILUSTRE MÉDICO, COM OS OLHOS ACESOS DA CONVICÇÃO CIENTÍFICA, TRANCOU OS OUVIDOS À SAUDADE DA MULHER, E BRANDAMENTE A REPELIU.

SIMÃO!
SIMÃO!

FECHADA A PORTA DA CASA VERDE, ENTREGOU-SE AO ESTUDO E À CURA DE SI MESMO. DIZEM OS CRO- NISTAS QUE ELE MORREU DALI A DEZESSETE MESES, NO MESMO ESTADO EM QUE ENTROU, SEM TER PODIDO ALCANÇAR NADA.

ALGUNS CHEGAM AO PONTO DE CONJETURAR QUE NUNCA HOLIVE OUTRO LOUCO, ALÉM DELE, EM ITAGUAÍ, MAS ESTA OPINIÃO, FUNDADA EM UM BOATO QUE CORREU DESDE QUE O ALIENISTA EXPIROU, NÃO TEM OUTRA PROVA SENÃO O BOATO; E BOATO DUVIDOSO, POIS É ATRIBUÍDO AO PADRE LOPES, QUE COM TANTO FOGO REALÇARA AS QUALIDADES DO GRANDE HOMEM. SEJA COMO FOR, EFETUOU-SE O ENTERRO COM MUITA POMPA E RARA SOLENIDADE.

FIM

1. Ao final do conto de Machado de Assis ficamos sabendo que o Dr. Simão Bacamarte morreu após 17 meses de confinamento na Casa Verde. No enredo de *O Mistério da Casa Verde*, há um homem morando no antigo casarão. Seria possível inferir que esse homem é o alienista Dr. Bacamarte que ainda vive nas dependências da antiga clínica agora em ruínas? Explique.

Passo 2: Para confirmar ou não sua resposta na questão 1 do Passo 1, leia um trecho do livro *O Mistério da Casa Verde*, de Moacyr Scliar, em que Arturzinho conhece Lúcia, uma menina misteriosa que levava alimentação e cuidava do homem (ou fantasma) que vivia no casarão antigo, a Casa Verde. Falando com ela, o menino estava a um passo de descobrir todo o mistério.

CAPÍTULO 5

*No qual Arturzinho
descobre quem é a
garota misteriosa*

[...] — Eu sou o Arturzinho — disse, apresentando-se. E acrescentou, com uma desenvoltura que surpreendeu a ele mesmo:

— Meus amigos me apelidaram de Xereta. Eu não gosto desse apelido, mas você agora deve achar que eles têm razão, que eu sou metido mesmo... Ela riu de novo, disse que se chamava Lúcia.

— E não tenho apelido — acrescentou.

Foram caminhando devagar, conversando. Ela contou que estava cursando o segundo grau numa escola ali perto; que gostava de música e de cinema; que jogava vôlei no time do colégio... Enfim, uma garota como qualquer outra. O que deixava Arturzinho ainda mais intrigado. Aquela era a mesma moça que ele avistara, usando um vestido antiquado, entrar na Casa Verde? Havia um mistério ali.

Nada perguntou, porém, sobre o que vira na madrugada anterior; afoito que era, soube, entretanto, conter-se. Não era o momento. Quando chegaram a casa dela — uma casa comum, modesta, parecida às outras da rua, ele perguntou se ela não gostaria de ir ao cinema naquela noite. Para sua surpresa, grata surpresa, ela disse que sim. Por uma dessas coincidências, era um filme de mistério. História intrigante: uma casa que adquiria vida própria, por assim dizer, e que queria expulsar os moradores.

Quando saíram do cinema, Lúcia tinha mudado. Não queria falar, recusou o convite dele para comerem qualquer coisa, disse que precisava ir para casa. Foram andando, em silêncio. Quando chegaram à rua dela, já às dez da noite, Arturzinho resolveu arriscar:

— Eu sei por que o filme incomodou tanto você. E contou que a vira entrar na Casa Verde pelo alçapão. Falou do homem que lá tinham visto — enfim, relatou tudo o que acontecera. Ela baixou a cabeça e começou a chorar. Chorou muito tempo, um pranto silencioso, sentido. Consternado, Arturzinho não sabia o que dizer. Finalmente, ela falou:

— Aquele homem que você viu lá dentro da Casa Verde... Aquele homem estranho... Aquele homem é meu pai.

Arturzinho estremeceu. Era pai dela, o maluco? Deus, em que confusão ele fora se meter. Mas ela já continuava — e agora falava com menos dificuldade, como se estivesse aliviada por poder partilhar o segredo com alguém.

— Ele é bisneto do doutor Simão Bacamarte. Com certeza você ouviu falar nesse homem...

— O alienista...

— É. O alienista. Aquele, que inspirou o Machado de Assis.

— Mas espere um pouco — Arturzinho, surpreso. — Se eu me lembro bem da história, o doutor Bacamarte não teve filhos.

— Não teve filhos com a dona Evarista, a mulher dele. Mas você deve recordar que, no fim da vida, ele ficou dezessete meses encerrado na Casa Verde, até falecer...

— Verdade.

— Nesse período, ele não teve contato com ninguém, a não ser com a mulher que tomava conta do lugar, uma portuguesa chamada Ana. Essa moça tinha muita pena do doutor; cuidava dele, alimentava-o, vestia-o. Para ela, o doutor Bacamarte não era alienista... nem doente; era um infeliz, um homem solitário, que precisava ser ajudado. Ele acabou se apaixonando por ela. Tiveram um filho, mas disso ele não ficou sabendo, porque morreu antes. Os pais de Ana ficaram furiosos com ela; expulsaram-na de casa. Ela teve de criar o filho sozinha, o que conseguiu; era uma moça muito valorosa. O filho cresceu, tornou-se empregado de uma loja, casou, teve seus próprios filhos... Mas a história do doutor Bacamarte ficou um segredo da família, um segredo que ninguém revelava, e que o pessoal da cidade acabou esquecendo. Suspirou. — O único que não conseguia esquecer era o meu pai. Desde pequeno ele era considerado esquisito, um menino que falava pouco, que fugia das pessoas, e que gostava de ficar no porão da casa dos pais. A figura do doutor Bacamarte estava sempre presente na lembrança dele. Leu *O alienista* não sei quantas vezes, chegava a recitar o livro dormindo. Apesar disso tudo, conseguiu ir levando a vida; abriu uma lojinha de material de escritório, casou. Tiveram uma única filha, eu. Posso te garantir, Arturzinho, que era um pai maravilhoso. Um pouco distante, às vezes, mas muito dedicado. Brincava comigo, e gostava muito de me contar histórias na hora de dormir. Eu tinha medo do escuro, mas quando ele sentava a meu lado, no quarto, abria um livro e lia uma história, aquilo para mim era um conforto, eu às vezes nem escutava o final, adormecia embalada pela voz dele. Mas, você me perguntará, quando é que ele ficou doente? Não sei. Só sei que foi ficando cada vez mais quieto, mais voltado para dentro de si mesmo. Não falava com ninguém, mas às vezes ficava horas resmungando coisas. Lá pelas tantas já não ia trabalhar — minha mãe teve de tomar conta da loja —, passava o dia em casa, lendo o livro do Machado de Assis. E aí começou a rondar a Casa Verde. Ficava horas naquele matagal em que você se escondeu, olhando o lugar. Um dia sumiu. Minha mãe e eu o procuramos por toda parte, até que ela se deu conta: ele deveria estar na Casa Verde. Por sorte, encontramos entre suas coisas uma planta do lugar, feita por ele mesmo, e que mostrava a entrada do alçapão...

— Foi ele quem construiu esse alçapão?

— Não, o alçapão já existia. Não sabemos quem o construiu. É possível que a casa tenha tido outros moradores clandestinos, no passado... Não sei. De qualquer modo, era amigo, esse alçapão. Alguém o fechara com argamassa, que meu pai removeu, e assim teve acesso à Casa Verde. Decidimos usar o mesmo alçapão. Naquela mesma noite fomos até lá, abrimos a portinhola. Havia uns degraus, e depois uma espécie de túnel muito estreito, e de novo uns degraus, pelos quais subimos. Levantamos a tampa de um outro alçapão e aí chegamos a uma sala... e demos com o papai.

Começou a chorar de novo.

— Foi um choque, Arturzinho. Um choque. Nos guardados da família ele tinha arranjado aquela roupa do século passado, e estava lá, sentado numa cadeira velha, à luz de uma vela, naquele lugar imundo, com sujeira por toda parte, e até ratos mortos no chão. Ele nos olhava fixo, sem dizer nada. Minha mãe agarrou-se a ele, implorou que saísse dali, que voltasse conosco para casa. Ele, quieto, imóvel. Finalmente falou... para dizer que não, que não sairia dali, que o mundo estava cheio de loucos, e que ele, o alienista, teria de ficar na Casa Verde... como o bisavô, o doutor Simão Bacamarte. Não houve maneira de convencê-lo. A única coisa que permitiu foi que, daí em diante, limpássemos o local, que lhe lavássemos a roupa e levássemos comida. Mas na primeira vez em que fui fazer isso, ele me expulsou: disse que eu era louca, que estava vestida como os loucos. Tive de arranjar aquele vestido antigo, que você viu, e aí, sim, ele me deixa entrar.

— E quando começou isso?

— Há meio ano. Nós não contamos nada para ninguém. Os vizinhos pensam que ele simplesmente nos abandonou, e não estranham, porque sempre o acharam maluco. E minha mãe prefere que pensem assim.

— Mas por que vocês não pediram ajuda a alguém?

— Pensamos nisso, Arturzinho. Mas meu pai nos ameaçou: se trouxermos uma pessoa de fora ele nunca mais fala conosco. Eu queria ir em frente assim mesmo, consultar um psiquiatra, mas minha mãe teve medo: ela acha que é melhor ir levando, esperando que ele melhore...

Arturzinho não sabia o que dizer. Ficaram em silêncio algum tempo. Por fim, ela disse que precisava entrar, tinha aula na manhã seguinte. Arturzinho pegou-lhe a mão:

— Posso ver você de novo?

Ela sorriu:

— Pode. Deu-lhe o número do telefone, ele se despediu e foi para casa. Tão excitado estava, tão emocionado, que não se conteve: ligou para Leo, contou-lhe o que tinha acontecido.

— E agora, Leo? O que é que a gente faz?

Leo, o inteligente e sábio Leo, não tinha resposta para essa pergunta. Mas prometeu pensar a respeito. Marcaram um encontro para daí a dois dias, na pizzeria.

— Leve o livro — disse Arturzinho. — Eu preciso ler *O alienista*. Preciso mesmo.

Fonte: SCLiar, Moacyr. *O Mistério da Casa Verde*. São Paulo: Ática, 2019, p. 30-33.

Passo 3: Desvendado o mistério sobre a origem do homem que habitava a Casa Verde de Itaguá. Antecipe o desfecho do enredo inferindo o seu final.



4º MOMENTO



PRODUÇÃO TEXTUAL

A Produção Textual se divide em 5 aulas de 50 min. O objetivo destas aulas é experimentar a fruição estética através da produção artística de uma aldravintura, técnica de pintura criada pela escritora, educadora e arteterapeuta Andreia Donadon Leal exercitando a sensibilidade e tendo como base o diálogo entre o livro *O Mistério da Casa Verde* de Moacyr Scliar e o conto *O Alienista* de Machado de Assis.

AULA 1 E 2 - 50 MIN CADA



Passo 1: A arte em diálogo com a educação – produzindo uma aldravintura.

Você já sabe o que é uma aldravintura: técnica de pintura criada por Andreia Donadon Leal em que o uso das cores se faz a partir de movimentos livres, aleatórios e, ao mesmo tempo, precisos. Assim como as aldravias, as aldravinturas não são a reprodução fiel de uma imagem, elas sugerem mais que mostram.

Para o desenvolvimento da próxima atividade seu professor entregará alguns materiais:

1. Tintas de cores variadas (acrílica ou guache).
2. Jornais velhos.
3. Uma folha A4.
4. Um pincel médio de cerdas macias.



Passo 2: Com os materiais em mãos, siga os comandos:

1. Cubra sua mesa com o jornal velho.
2. Coloque a folha A4 sobre o jornal.
3. Pense sobre o tema "loucura", um dos assuntos explorados pela obra *O Alienista* de Machado de Assis e retomado pelo autor Moacyr Scliar no livro *O Mistério da Casa Verde*.
4. Em seguida, escolha cores que possam representar pictoricamente o tema "loucura".
5. Mergulhe a ponta do pincel na cor ou nas cores escolhidas e deixe sua emoção transbordar para o papel através de movimentos livres e aleatórios.
6. Cubra (ou não) todo o espaço em branco da folha. Sinta-se livre para criar.

Passo 3: Para finalizar sua produção artística, faça o que se pede:

1. Dobre a folha ao meio deixando as tintas se misturarem por um curto espaço de tempo.
2. Abra a folha e veja o resultado.
3. Assine e entregue sua pintura ao professor que providenciará um local para que as aldravinturas sequem.



Passo 1: O professor lhe entregará a metade de uma cartolina para que você cole sua aldravintura.

Passo 2: Tendo como base o tema "loucura" e o resultado da produção de sua aldravintura, redija uma aldravia para ser registrada ao lado de sua criação artística.

Passo 3: Quando todas as aldravinturas e aldravias estiverem fixadas na folha da cartolina, você e seus colegas deverão organizar a exposição de suas obras nos murais da escola.

As imagens abaixo são exemplos do resultado de uma oficina de aldravias e aldravinturas ministrada pela professora de Literatura Joseani Adalemar Netto a alunos do 1º ano do Ensino Médio do Colégio Santos Dumont, na cidade de Santos Dumont, Minas Gerais, no ano de 2019.



Fonte: Arquivo Pessoal de Joseani Adalemar Netto.
Oficina Aldravias e Aldravinturas, 2019.

Passo 4: Convide um profissional da área de saúde mental para uma roda de conversa em sua escola. Esse profissional terá muito a contribuir com informações importantes sobre saúde do corpo e da mente e ajudará a desfazer pré-conceitos em relação ao tema "loucura". A partir dos conhecimentos adquiridos com a leitura dos livros *O Alienista* e *O Mistério da Casa Verde*, coloque em discussão questões como a ética profissional, os limites entre a razão e a emoção, o senso comum versus a ciência e a importância da Literatura como crítica sutil ou não da realidade que nos rodeia.



As aulas 4 e 5 serão dedicadas a um bate-papo com um profissional da área de saúde mental. Aproveite a oportunidade para sanar suas dúvidas e contribuir para o bem-estar de todos em sua escola.

Roda de conversa:

Corpo são, mente sã.





MOTIVAÇÃO

AULA 1 - 50 MIN



Passo 2

1. Resposta Pessoal.
2. Resposta Pessoal.
3. Resposta Pessoal.
4. Resposta Pessoal.
5. Resposta Pessoal.

Passo 4

1. A palavra que serve como base para a criação do nome dado à técnica "aldravintura" é "aldrava" assim como na formação do gênero poético "aldravia".
2. Assim como as aldravias dizem muito com poucas palavras, é possível criar uma pintura a partir de seis movimentos livres e precisos que podem dizer muito sobre quem a criou.
3. Não. Segundo Andreia Donadon Leal, as aldravinturas também oferecem a crianças, jovens e adultos que não conhecem sobre "técnicas de desenho, traços bem arrematados ou noção de perspectiva" a terem uma experiência artística e afetiva.

AULA 2 - 50 MIN



Passo 2

Resposta Pessoal.

AULA 3 - 50 MIN



Passo 2

Produção de texto – Resposta Pessoal.

INTRODUÇÃO

AULA 1 - 50 MIN



Passo 1

1. Resposta Pessoal. **Sugestão:** A intertextualidade é o diálogo traçado entre textos, ou seja, "é a relação que se estabelece entre dois ou mais textos por meio de citação, alusão, bricolagem, epígrafe, paráfrase, paródia, pastiche e tradução".

Fonte: <https://mundoeducacao.uol.com.br/redacao/intertextualidade.htm>. Acesso em: 15 fev. 2023.

2. Em todo o texto de *O Mistério da Casa Verde* há alusões e citações que nos levam à história narrada em *O Alienista* de Machado de Assis.

LEITURA/INTERPRETAÇÃO

AULA 1 - 50 MIN



Passo 2

1. Letra C – Fantasma.
2. Leo chegou a essa conclusão por causa de um prato com bananas que estava sobre uma mesinha ao lado do homem, pois quem come bananas são humanos e não fantasmas.
3. Ele estava vestido como um cavalheiro do século XIX: casaca preta, camisa branca, gravata de laço.
4. O fato de que a pele do homem estava pálida, "sem cor", como se ele não tomasse sol há muito tempo.
5. Decidiram no cara ou coroa. Se saísse cara: eles iriam lá e falaria com o homem. Descobririam quem ele era, o que estava fazendo na Casa Verde e perguntariam se ele topava a ideia do clube. Coroa: esqueceriam-se de tudo e fariam de conta que nada viram. O resultado foi "cara".
6. Ao se deitarem, já de madrugada, os quatro pensaram na mesma coisa: no estranho homem da Casa Verde.

AULA 2 - 50 MIN



Passo 1

Resposta Pessoal.

Passo 3

Resposta Pessoal.

PRODUÇÃO TEXTUAL

Todas as atividades de Produção Textual são subjetivas, ou seja, as respostas são pessoais, não havendo sugestões a serem dadas.

O Mistério da Casa Verde e *O Alienista*

Esta Sequência Didática IV diz respeito à aldravipeia - poema que se desdobra das aldravias para compor um novo gênero no imenso universo da poesia. O gênero foi criado por Andreia Donadon Leal na cidade de Mariana, MG. A aldravipeia é um conjunto de 20 aldravias que apresentam uma palavra-chave norteadora da temática, compondo, assim, não a narrativa de uma história, mas a narrativa de uma palavra usada em suas mais variadas acepções.

Objetivos da sequência: Trabalhar questões que envolvem a aprendizagem da intertextualidade como recurso dialógico na construção de um texto. Aprofundar esse estudo apresentando alguns tipos de intertextualidade. Discutir a diferença entre releitura e plágio. Trabalhar a leitura do livro *O Mistério da Casa Verde*, de Moacyr Scliar, que é o foco desta sequência didática, reiterando a intertextualidade entre ele e a obra de Machado de Assis *O Alienista* e ampliando o repertório literário, artístico e linguístico dos alunos envolvidos nesta sequência didática, além de promover um momento de produção autoral através da escrita e da produção de um livro de aldravipeia.

Dados da aula



Público alvo:

Alunos do 9º ano do Ensino Fundamental II

Sequência Didática:

Esta sequência didática se divide em 4 Momentos: Motivação, Introdução, Leitura/Interpretação e Produção de Texto.

Duração das atividades:

9 aulas.



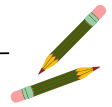
1º MOMENTO



MOTIVAÇÃO

A Motivação se divide em 2 aulas de 50 min. O objetivo destas aulas é aprofundar o estudo da "intertextualidade", suas características, seus usos, sua importância para os efeitos de sentido de um texto e a diferença entre "plágio" e "releitura", tendo como foco principal a leitura do livro *O Mistério da Casa Verde* do autor Moacyr Scliar e o conto de Machado de Assis *O Alienista*.

AULA 1 - 50 MIN



Passo 1: Leia com atenção a tirinha abaixo:



Passo 2: Responda às questões abaixo:

1. A tirinha é um gênero textual que dispõe de três principais características: é composta por uma **sequência de quadrinhos**, possui **histórias curtas** e geralmente faz uma **crítica a valores sociais**. É comum em tirinhas a intertextualidade que se apresenta de várias maneiras: através de alusões, citações, paráfrases ou paródias. Tendo isso em vista, observe novamente os elementos textuais verbais e não verbais da tirinha e responda:

- a. Pelas características físicas dos personagens apresentados na tirinha e suas falas, faça inferências sobre a quem eles se referem fora do discurso ficcional da tirinha. Explique.
- b. Há um terceiro personagem que não aparece fisicamente na tirinha, porém o personagem Deus faz uma menção a ele. Quem é o personagem e em que quadrinho se faz essa alusão? Comente.
- c. Explique o que significa a figura de linguagem "alusão".
2. Qual a crítica que está sendo retratada nesta tirinha?
3. Nos quadrinhos acima, temos a presença de três personagens: Deus, o filósofo Nietzsche e Adão. Em certo momento, Nietzsche confronta Deus acusando-o de ter plagiado a história do deus Hórus e apresenta vários argumentos que comprovam a sua tese. No caso em análise, em qual momento Deus teria realizado o plágio de que é acusado? Justifique com elementos do texto.
4. No terceiro quadrinho, o personagem Deus diz: "Plágio!!! Se alguém plagiou aqui, foram eles!" e Nietzsche responde: "Os egípcios têm mais de 5 mil anos". Explique o porquê de essa resposta de Nietzsche ter causado um incômodo em Deus a ponto de ele bater no filósofo e deixá-lo inconsciente.
5. No segundo quadrinho, Nietzsche faz o seguinte questionamento: "Sabia que plágio é crime?". Após a leitura e interpretação da tirinha, responda com suas palavras: O que é plágio? Se necessário, consulte um dicionário.
6. Marque a opção INCORRETA em relação ao gênero textual "tirinha":
- Possui uma sequência de imagens que constrói uma cena.
 - Apresenta as falas dos personagens em balões ou em onomatopeias, ou seja, a reprodução por escrito de sons e de ruídos do mundo físico.
 - Contém os seguintes elementos da narrativa: enredo, espaço, tempo, personagens e desfecho.
 - Faz uso de um assunto livre, íntimo e sentimental.
 - Combina linguagem verbal com linguagem não-verbal, ou seja, faz uso de uma linguagem híbrida.

Passo 3: Corrija as questões com seus colegas e com o professor.

AULA 2 - 50 MIN



Passo 1: Leia o texto a seguir e responda às questões.

Diferença entre releitura e plágio

Hoje muitos artistas utilizam várias obras, já existentes, para criar suas próprias artes. Mas, onde fica o limite que separa o plágio da releitura numa época de muitos recursos para a cópia? Neste artigo, vamos saber a diferença entre releitura e plágio. Veja o que significa cada um deles.

Releitura é diferente de **cópia**. É uma obra inspirada em outra obra (interpretações de uma obra original), ou seja, é possível identificar a original na qual foi inspirada, portanto releituras estão livres de direitos autorais.

Existem vários exemplos disso na arte clássica e certamente você já viu, como é o caso da pintura, *O Abaporu*, de Tarsila do Amaral, que continua a inspirar muitos artistas ao redor do mundo com suas releituras, como é o caso do artista Romero Britto que também fez uma releitura da obra de Tarsila no estilo *pop-art* [...]: as cores fortes e os padrões geométricos.

Outras mídias caracterizadas por realizar releituras são: desenho infantil, paródias, *reality shows* ou até mesmo adaptações de séries, como a releitura coreana de "La Casa de Papel".

Já o **plágio** é o uso de uma propriedade intelectual de qualquer natureza (texto, música, obra de arte, obra audiovisual etc.) sem colocar os devidos créditos ao autor [...]. Segundo o Dicionário, é "assinar ou apresentar como seu (obra artística ou científica de outrem)".

Fonte: <https://interacaomarcaspatentes.com.br/diferenca-entre-releitura-e-plagio>. Acesso em: 16 fev. 2023. Adaptado.

1. Analise as imagens abaixo e escreva se elas são consideradas releitura ou plágio:

a.



b.



c.



d.



e.



Passo 2: Realize a correção das atividades propostas com seus colegas e com o professor. Se possível, utilize o momento da correção para a realização de uma discussão sobre o tema:

Como evitar o plágio nos trabalhos acadêmicos?



ALÉM DA SALA DE AULA



INDICAÇÃO DE FILME QUE TRATA DO TEMA: "FILMES FAMOSOS QUE FORAM ACUSADOS DE PLÁGIO"

Filme: *As Aventuras de Pi*



Fonte: <https://br.web.img3.acsta.net/medias/nmedia/18/91/30/40/20328542.jpg>. Acesso em: 16 fev. 2023.

Sinopse: Pi Patel (Suraj Sharma) é filho do dono de um zoológico localizado em Pondicherry na Índia. Após anos cuidando do negócio, a família decide vender o empreendimento devido à retirada do incentivo dado pela prefeitura local. A ideia é se mudar para o Canadá, local no qual poderiam vender os animais para reiniciar a vida. Entretanto, o cargueiro em que todos viajam acaba naufragando devido a uma terrível tempestade. Pi consegue sobreviver em um bote salva-vidas, mas precisa dividir o pouco espaço disponível com uma zebra, um orangotango, uma hiena e um tigre de bengala chamado Richard Parker.

Fonte: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-54343/> Acesso em: 16 fev. 2023. Adaptado.

Plágio: Essa produção de Ang Lee é baseada no romance de 2001 do escritor canadense Yann Martel. A obra de Martel, porém é acusada de ser um plágio do livro *Max e os Felinos* do brasileiro Moacyr Scliar. Na época, o escritor canadense disse que se baseou em uma crítica sobre *Max e os felinos* e não no livro em si. No próprio livro, ele faz um agradecimento a Scliar.

Fonte: <https://www.bol.uol.com.br/listas/18-filmes-famosos-que-foram-acusados-de-plagio.htm>. Acesso em: 16 fev. 2023. Adaptado.

Filme: *Frozen - Uma Aventura Congelante*



Fonte: <https://coolturalblog.files.wordpress.com/2014/01/frozen-poster.jpg>. Acesso em 16 fev. 2023.

Sinopse: A caçula Anna (Kristen Bell/Gabi Porto) adora sua irmã Elsa (Idina Menzel/Taryn Szpilman), mas um acidente envolvendo os poderes especiais da mais velha durante a infância fez com que os pais as mantivessem afastadas. Após a morte deles, as duas cresceram isoladas no castelo da família até o dia em que Elsa deveria assumir o reinado de Arendell. Com o reencontro das duas, um novo acidente acontece e ela decide partir para sempre e se isolar do mundo, deixando todos para trás e provocando o congelamento do reino. É quando Anna decide se aventurar pelas montanhas de gelo para encontrar a irmã e acabar com o frio.

Fonte: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-203691/> Acesso em: 16 fev. 2023. Adaptado.

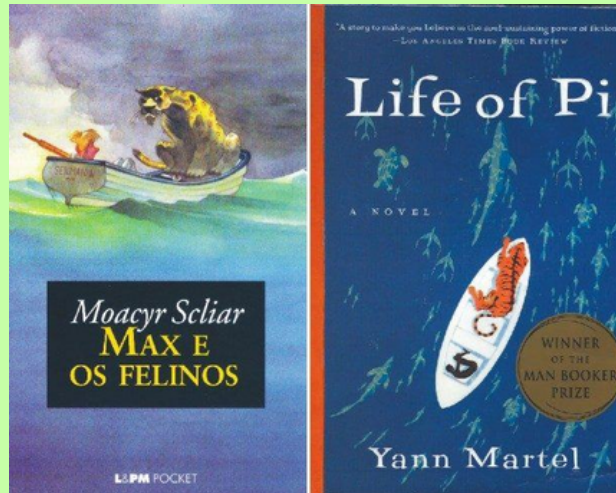
Plágio: A famosa animação da Disney *Frozen - Uma Aventura Congelante* (2013) foi acusada de plágio pela criadora do curta-metragem *The Snowman* (2012) Kelly Wilson. Ela entrou com uma ação em 2014 alegando que a animação da Disney tinha semelhanças substanciais com seu curta. O estúdio acabou fazendo um acordo para evitar a briga na justiça.

Fonte: <https://www.bol.uol.com.br/listas/18-filmes-famosos-que-foram-acusados-de-plagio.htm>. Acesso em: 16 fev. 2023. Adaptado.

CURIOSIDADE

Seria *As Aventuras de Pi* plágio do livro brasileiro *Max e Os Felinos*?

O autor Moacyr Scliar fala sobre o caso



Fonte: https://cinemacomrapadura.com.br/imagens/2013/01/max_pi-615x488.jpg. Acesso em: 16 fev. 2023.

Todo ano surgem polêmicas sobre plágios. De preferência, se o filme é popular, surgem vários indícios de plágio. Lembra de *Avatar*, filme dirigido por James Cameron? Depois que foi lançado e conseguiu se tornar o filme com maior bilheteria de todos os tempos, surgiram várias fontes de onde o Cameron poderia ter se inspirado para fazer o filme. Falaram que os *Navi's* eram parecidos com os personagens dos quadrinhos *Timespirits*, que o enredo era o de *Pocahontas* e que o roteiro era igual ao de *Dança com Lobos*. Sendo ou não sendo, a verdade é que o filme se tornou um fenômeno mundial.

Atualmente está acontecendo uma polêmica semelhante, mas agora envolvendo um autor brasileiro. O novo filme de Ang Lee, *As Aventuras de Pi*, é espetacular (nota 10/10 [...]), mas a sua história aparentemente não é totalmente original. De acordo com o jornal britânico *The Guardian*, o livro *Life of Pi* (2001) escrito pelo canadense Yann Martel (49 anos), no qual o filme é baseado, é um plágio do livro brasileiro *Max e Os Felinos*, obra do gaúcho Moacyr Scliar (75 anos, já falecido) lançado em 1980 no Brasil e em 1990 no Reino Unido.

O próprio Moacyr falou sobre o assunto há alguns anos. Leia:



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=UVzqqDsoADk>. Acesso em: 16 fev. 2023.

Life of Pi ganhou o Prêmio *Man Booker* em 2002 e na época da premiação, Martel foi acusado de plágio por sua história ter muitos pontos similares a um conto do livro escrito por Moacyr. Nele, um adolescente judeu foge da Alemanha nazista em um barco e, após o seu naufrágio, ele encontra-se perdido no oceano dividindo um bote com um jaguar. Já o livro de Martel, *Pi* é filho do dono de um zoológico na Índia. Após anos cuidando do negócio, a família decide vender o empreendimento devido à retirada do incentivo dado pela prefeitura local. A ideia é se mudar para o Canadá, local no qual poderiam vender os animais para reiniciar a vida. Entretanto, o cargueiro em que todos viajam acaba naufragando devido a uma terrível tempestade. Pi consegue sobreviver em um bote salva-vidas, mas precisa dividir o pouco espaço disponível com uma zebra, um orangotango, uma hiena e um tigre de bengala. Posteriormente, Martel admitiu ter se baseado na mesma premissa do livro brasileiro e inseriu uma nota de agradecimento no prefácio de sua obra.

E aí? Eu acredito que, apesar das premissas semelhantes, as histórias são bem diferentes. Enquanto o livro do brasileiro tem caráter totalmente político, o livro do canadense vai pelo lado mais espiritualizado e de descoberta interior. Premissas semelhantes, destinos diferentes. Mas, se o canadense realmente se inspirou no livro do brasileiro, teria que reconhecer (e fez isso anos depois) e creditar. Assunto encerrado. Não existe processo contra inspiração. Se você ler os dois livros, verá que são obras completamente diferentes.

O fato é que o autor Moacyr Scliar se mostrou uma GRANDE PESSOA. Que postura fantástica. Exemplar. Ganhou muitos admiradores com essa posição sobre o caso. Ele poderia querer aparecer, mas com certeza o caso fez com que muita gente fosse atrás do seu clássico livro. Descanse em paz, Moacyr.

Fonte: <https://cinemacomrapadura.com.br/colunas/acme/288250/seria-as-aventuras-de-pi-plagio-do-livro-brasileiro-max-e-os-felinos/> Acesso em: 16 fev. 2023. Adaptado.



Fonte: <https://m.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/05/1887928-literatura-de-moacyr-scliar-vai-alem-do-judaismo-dizem-escritores.shtml>. Acesso em 23 fev. 2023.

2º MOMENTO



INTRODUÇÃO

A Introdução se divide em 3 aulas de 50 min. O objetivo destas aulas é apresentar a importância da temática "intertextualidade" presentes no livro *O Mistério da Casa Verde*, do autor Moacyr Scliar, que é o foco desta sequência didática, ampliando o repertório linguístico e literário do aluno.

AULA 1 - 50 MIN



Passo 1: Leia com atenção o texto a seguir:

Intertextualidade

A intertextualidade é um recurso de diálogo realizado entre textos, ou seja, é a influência e relação que um estabelece sobre o outro. Assim, determina o fenômeno relacionado ao processo de produção de textos que faz referência (explícita ou implícita) aos elementos existentes em outro texto, seja em nível de conteúdo, forma ou de ambos: forma e conteúdo.

A grosso modo, a intertextualidade é o diálogo entre textos de forma que essa relação possa ser estabelecida entre as produções textuais que apresentem diversas linguagens (visual, auditiva, escrita), sendo expressa nas artes (literatura, pintura, escultura, música, dança, cinema), propagandas publicitárias, programas televisivos, provérbios, charges, dentre outros.

Tipos de Intertextualidade

Há muitas maneiras de realizar a intertextualidade sendo que os tipos de intertextualidade mais comuns são:

- **Paródia:** subversão da ideia do texto anterior que aparece geralmente, em forma de crítica irônica, de caráter humorístico. Do grego (*parodês*) a palavra "paródia" é formada pelos termos "para" (semelhante) e "odes" (canto), ou seja, "um canto (poesia) semelhante à outra". Esse recurso é muito utilizado pelos programas humorísticos.
- **Paráfrase:** recriação de um texto já existente mantendo a mesma ideia contida no texto original, entretanto, com a utilização de outras palavras. O vocábulo "paráfrase", do grego (*paraphrasis*), significa a "repetição de uma sentença".
- **Epígrafe:** recurso bastante utilizado em obras, textos científicos, desde artigos, resenhas, monografias, uma vez que consiste no acréscimo de uma frase ou de um parágrafo que tenha alguma relação com o que será discutido no texto. Do grego, o termo "*epígrafhe*" é formado pelos vocábulos "*epi*" (posição superior) e "*graphé*" (escrita). Como exemplo, podemos citar um artigo sobre Patrimônio Cultural e a epígrafe do filósofo Aristóteles (384 a.C.-322 a.C.): "*A cultura é o melhor conforto para a velhice*".

- **Citação:** Acréscimo de partes de outras obras numa produção textual de forma que dialogue com elas; geralmente vem expressa entre aspas e itálico, já que se trata da enunciação de outro autor. Esse recurso é importante haja vista que sua apresentação sem relacionar a fonte utilizada é considerado "plágio". Do latim, o termo "citação" (*citare*) significa convocar.
- **Alusão:** Faz referência aos elementos presentes em outros textos. Do latim, o vocábulo "alusão" (*alludere*) é formado por dois termos: "ad" (a, para) e "ludere" (brincar).

EXEMPLOS

1. PARÓDIA:

Original: Se Maomé não vai à montanha, a montanha vai a Maomé. (ditado popular)

Paródia: Se Maomé não vai à montanha, a montanha vaia Maomé. (paródia)

Fonte: [https://www.normaculta.com.br/parodia-e-parafrase/#:~:text=Exemplos%20de%20par%C3%B3dia%3A,\(par%C3%B3dia\)](https://www.normaculta.com.br/parodia-e-parafrase/#:~:text=Exemplos%20de%20par%C3%B3dia%3A,(par%C3%B3dia).). Acesso em: 16 fev. 2023. Adaptado.

2. PARÁFRASE:

Original:

Canção do Exílio, Gonçalves Dias

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Paráfrase:

Canto de regresso à pátria, Oswald de Andrade

(...)
Minha terra tem palmares
Onde gorjeia o mar
Os passarinhos daqui
Não cantam como os de lá.

Fonte: <https://mystudybay.com.br/blog/parafrase/?ref=1d10f08780852c55>. Acesso em: 16 fev. 2023.

3. EPÍGRAFE: "O mais corajoso dos atos ainda é pensar com a própria cabeça" (Coco Chanel)

Fonte: <https://regrasparatcc.com.br/estrutura/epigrafes-para-trabalhos-academicos/> Acesso em: 16 fev. 2023.

4. **CITAÇÃO:** Segundo Scliar, "a palavra mais importante para uma pessoa é o nome dela, não é verdade? Se você não sabe o nome do homem, isso quer dizer que você não está pensando nele como uma pessoa, está pensando nele como um maluco, como um alienado, como um "alien". E isso é a primeira coisa que precisa mudar."

Fonte: SCLIAR, Moacyr. *O Mistério da Casa Verde*. São Paulo: Ática, 2019, p. 36.

5. **ALUSÃO:** Este é um presente de grego.

Explicando a alusão: A expressão faz alusão ao cavalo de madeira repleto de soldados escondidos que os gregos enviaram aos troianos como se fosse um presente por ocasião da Guerra de Tróia.

Fonte: <https://www.figuradalinguagem.com/alusao/> Acesso em: 16 fev. 2023. Adaptado.

Outras formas de intertextualidade são o **pastiche**, o **sample**, a **tradução** e a **bricolagem**.

Fonte: <https://www.todamateria.com.br/intertextualidade/> Acesso em: 16 fev. 2023. Adaptado.

Passo 2: Responda às questões:

1. Após a leitura do texto acima, responda com suas palavras: O que é a "Intertextualidade"? Apresente três exemplos de como ela pode ocorrer.
2. Apresente argumentos que comprovem a afirmação a seguir: "Intertextualidade e plágio são duas coisas completamente diferentes".
3. A intertextualidade ocorre de duas formas: implícita e explicitamente. Leia as frases abaixo e preencha as lacunas com a resposta correta. Se a frase fizer referência à intertextualidade implícita, escreva "implícita" na lacuna, caso faça referência à intertextualidade explícita, escreva "explícita".
 - a. Não é necessário que o leitor possua um vasto conhecimento para perceber a presença deste tipo de intertextualidade. _____.
 - b. Possui uma relação indireta com o texto de origem. _____.
 - c. Facilmente identificada. _____.
 - d. É necessário que o leitor possua um conhecimento prévio para que seja capaz de perceber o diálogo que está sendo instaurado entre a obra originária e o novo texto. _____.
 - e. O leitor não precisa ter muita atenção ao analisar este tipo de texto. _____.
 - f. O leitor precisa interpretar, deduzir, analisar e conhecer a história ou o contexto que está sendo referenciado. _____.
 - g. Diretamente ligada ao texto fonte. _____.

Passo 2: Corrija as questões dadas com seus colegas e com o professor. Utilize este momento para esclarecer todas as dúvidas que surgiram no momento da realização da atividade.

AULA 2 - 50 MIN



Passo 1: Continue verificando seus conhecimentos e respondendo às questões:

1. Marque a alternativa que melhor represente o tipo de intertextualidade utilizado nos textos abaixo:

I.

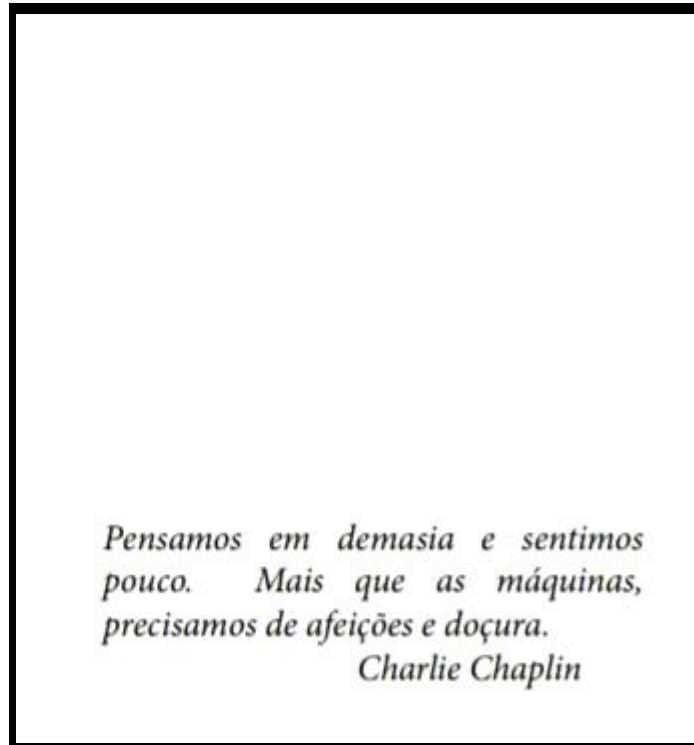
Minha terra tem macieiras da Califórnia
onde cantam gaturamos de Veneza. [...]
Eu morro sufocado em terra estrangeira.
Nossas flores são mais bonitas
nossas frutas são mais gostosas

mas custam cem mil réis a dúzia.
Ai quem me dera chupar uma carambola de verdade
e ouvir um sabiá com certidão de idade!

Fonte: MENDES, Murilo. "Canção do exílio". In: *Poesia completa e Prosa*. Vol. único. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 1994.

Paródia Paráfrase Epígrafe Citação Alusão

II.



Fonte: <https://www.todamateria.com.br/normas-abnt-trabalhos/> Acesso em: 16 fev. 2023.

Paródia Paráfrase Epígrafe Citação Alusão

III.

Segundo Milan Kundera, "nunca se pode saber o que se deve querer, pois só se tem uma vida e não se pode nem compará-la às vida anteriores nem corrigi-la nas vidas posteriores."

Fonte: <https://beduka.com/blog/materias/portugues/o-que-e-intertextualidade/> Acesso em: 16 fev. 2023. Adaptado.

Paródia Paráfrase Epígrafe Citação Alusão

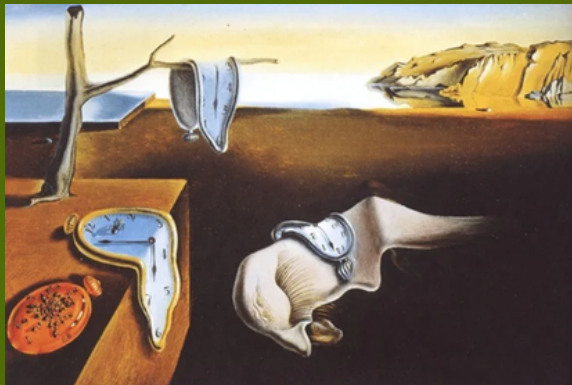
IV.

"Meu computador foi invadido por um Cavalo de Tróia."

Fonte: <https://beduka.com/blog/materias/portugues/o-que-e-intertextualidade/> Acesso em: 16 fev. 2023.

Paródia Paráfrase Epígrafe Citação Alusão

V.



Fonte: <https://cdn.culturagenial.com/imagens/clocks-cke.jpg>. Acesso em: 16 fev. 2023.



Fonte: <https://i.pinimg.com/736x/15/ec/0b/15ec0b6250df4a376d0e5a2982376156--simpsons-art-salvador-dali-paintings.jpg>. Acesso em: 16 fev. 2023.

() Paródia () Paráfrase () Epígrafe () Citação () Alusão

Passo 2: A bricolagem é uma das várias formas da intertextualidade e ocorre por meio da "colagem" de diversos textos. Ela é constituída a partir de fragmentos e, por isso, aproxima-se do conceito de hipertexto. É um tipo de intertextualidade muito utilizado na música e na pintura.

Analise a imagem abaixo:



Fonte: <https://i.pinimg.com/originals/7e/82/0c/7e820ca1d9b2a08928552091ac60702e.jpg>. Acesso em: 16 fev. 2023.

Responda:

Por que a animação *Shrek* pode ser considerada uma bricolagem?

Passo 3: Corrija as questões com os colegas e com o professor. Anote o que for necessário em seu caderno para reforçar o conteúdo e usá-lo em outras atividades.

Passo 4: Tarefa para casa:

Escolha um dos três textos abaixo e deixe sua imaginação fluir. Reescreva-os usando como estratégia de releitura um dos recursos de intertextualidade: a paródia, a paráfrase ou a bricolagem.

TEXTO 1 - Pintura de Frida Kahlo

Pies para que los quiero



Fonte: <https://www.ressonancias.com/wp-content/uploads/2017/12/frida-kahlo-diario-pies-para-que-os-quiero.jpeg>. Acesso em: 16 fev. 2023.

TEXTO 2 – Poema de Hilda Hilst

Lobos? São Muitos

Hilda Hilst

Mas tu podes ainda
A palavra na língua
Aquietá-los.
Mortos? O mundo.
Mas podes acordá-lo
Sortilégio de vida
Na palavra escrita.
Lúcidos? São poucos.
Mas se farão milhares
Se à lucidez dos poucos
Te juntares.
Raros? Teus preclaros amigos.
E tu mesmo, raro.
Se nas coisas que digo
Acreditares.

Fonte: https://www.pensador.com/melhores_poemas_de_hilda_hilst/ Acesso em: 16 fev. 2023.

TEXTO 3 - Música de Rita Lee

Ovelha Negra

Levava uma vida sossegada
Gostava de sombra
E água fresca
Meu Deus!
Quanto tempo eu passei
Sem saber!
Uh! Uh!...

Foi quando meu pai
Me disse:
"Filha, você é a Ovelha Negra
Da família"
Agora é hora de você assumir
Uh! Uh! E sumir!...

Baby Baby
Não adianta chamar
Quando alguém está perdido
Procurando se encontrar
Baby Baby
Não vale a pena esperar
Oh! Não!
Tire isso da cabeça
Ponha o resto no lugar
Ah! Ah! Ah! Ah!
Tchu! Tchu! Tchu! Tchu!
Não!
Oh! Oh! Ah!
Tchu! Tchu! Ah! Ah!...
Levava uma vida sossegada

Gostava de sombra
E água fresca
Meu Deus!
Quanto tempo eu passei
Sem saber!
Han!! Han!...

Foi quando meu pai
Me disse:
"Filha, você é a Ovelha Negra
Da família"
Agora é hora de você assumir
Uh! Uh! E sumir!...

Baby Baby
Não adianta chamar
Quando alguém está perdido
Procurando se encontrar
Baby Baby
Não vale a pena esperar
Oh! Não!
Tire isso da cabeça
Ponha o resto no lugar
Ah! Ah! Ah! Ah!
Tchu! Tchu! Tchu! Tchu!
Não!
(Ovelha Negra da Família!)
Tchu! Tchu! Tchu!
Não! Vai sumir!...

Fonte: <https://www.kboing.com.br/rita-lee/ovelha-negra/> Acesso em: 16 fev. 2023.

AULA 3 - 50 MIN



Passo 1: Corrija as questões da Aula 2 com seus colegas e com o professor.

Passo 2: Apresente para seu professor e para os colegas o resultado da releitura feita por você dos textos indicados na Atividade para casa da Aula 2, Introdução.

ALÉM DA SALA DE AULA



INDICAÇÃO DE FILME QUE TRATA DO TEMA:
"FILMES FAMOSOS QUE FORAM ACUSADOS DE PLÁGIO"

Filme: *O Rei Leão*



Fonte: <https://cinemacomrapadura.com.br/imagens/2014/06/20140610-poster-rei-leao-615x903.jpg>. Acesso em: 16 fev. 2023.

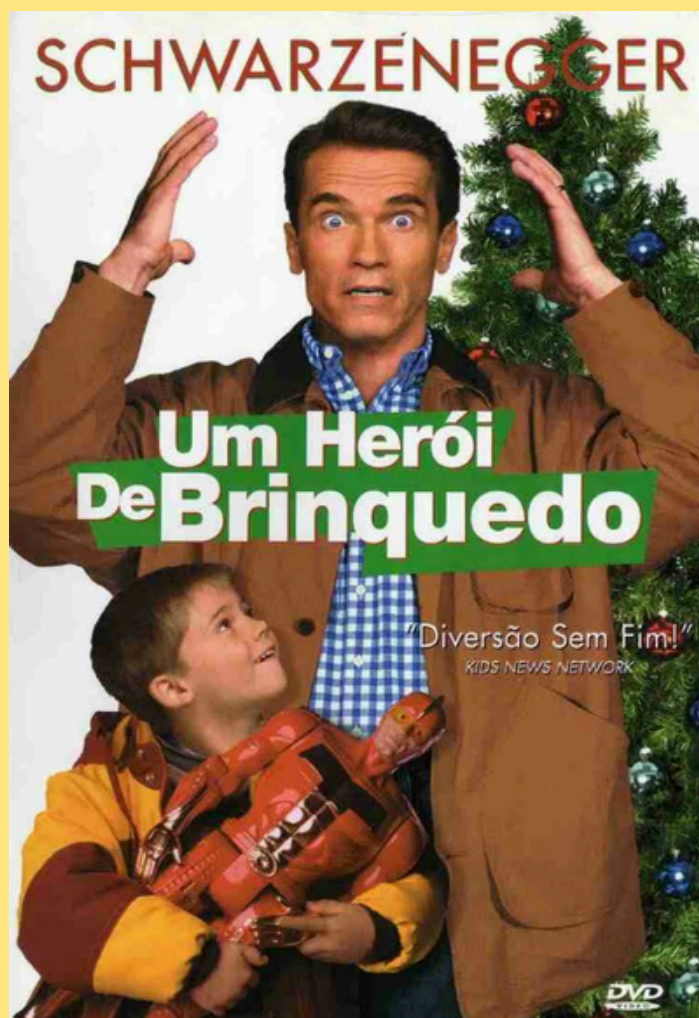
Sinopse: Clássico da Disney, a animação acompanha Mufasa (voz de James Earl Jones), o Rei Leão, e a rainha Sarabi (voz de Madge Sinclair), apresentando ao reino o herdeiro do trono, Simba (voz de Matthew Broderick). O recém-nascido recebe a bênção do sábio babuíno Rafiki (voz de Robert Guillaume), mas ao crescer é envolvido nas artimanhas de seu tio Scar (voz de Jeremy Irons), o invejoso e maquiavélico irmão de Mufasa, que planeja livrar-se do sobrinho e herdar o trono.

Fonte: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-10862/> Acesso em: 16 fev. 2023.

Plágio: Uma das animações mais famosas da Disney, *O Rei Leão* (1994) também foi acusado de plágio. Para muitas pessoas, o filme é muito parecido com *Kimba, o Leão Branco*, anime criado pelo japonês Osamu Tezuka. A Disney e os diretores de *O Rei Leão*, no entanto, sempre negaram qualquer inspiração no desenho japonês.

Fonte: <https://www.bol.uol.com.br/listas/18-filmes-famosos-que-foram-acusados-de-plagio.htm>. Acesso em: 16 fev. 2023.

Filme: *Um Herói de Brinquedo*



Fonte: <https://br.web.img2.acsta.net/medias/nmedia/18/95/31/11/20395807.jpg>. Acesso em: 16 fev. 2023.

Sinopse: Um homem de negócios (Arnold Schwarzenegger) chega atrasado na aula de caratê do seu filho que recebeu a faixa azul. Para tentar compensar, ele promete ao menino que lhe dará qualquer coisa que ele peça no Natal. O garoto então pede o "Turbo Man", o brinquedo sensação do momento e sonho de todas as crianças. Acontece que já é véspera de Natal e o brinquedo não existe em lugar nenhum pelo fato de todos os estoques estarem esgotados. Ele então se propõe a cumprir a promessa, não importando o quanto isto lhe custe, mas, além de se meter em uma série de complicações, ainda tem de ser mais esperto que um carteiro que tem o mesmo objetivo dele e igualmente obstinado no seu intento.

Fonte: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-16135/> Acesso em: 16 fev. 2023.

Plágio: Em 2001, a Fox teve que pagar US\$ 19 milhões para o professor de Detroit Brian Webster depois que ele acusou o estúdio de ter copiado sua ideia ao produzir o filme *Um Herói de Brinquedo* (1996) estrelado por Arnold Schwarzenegger. A Justiça aceitou as alegações de Webster de que a Fox roubou a ideia para o filme depois de ler o roteiro que o professor havia enviado para o estúdio.

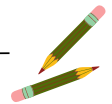
Fonte: <https://www.bol.uol.com.br/listas/18-filmes-famosos-que-foram-acusados-de-plagio.htm>. Acesso em: 16 fev. 2023.



LEITURA/INTERPRETAÇÃO

A Leitura se divide em 2 aulas de 50 minutos. O objetivo destas aulas é apresentar a importância das temáticas "intertextualidade" e "homenagem" presentes no livro *O Mistério da Casa Verde* do autor Moacyr Scliar que é o foco desta sequência didática.

AULA 1 - 50 MIN



Passo 1: Realize a leitura do capítulo 4 da obra *O Mistério da Casa Verde* intitulado "No qual as coisas começam a se esclarecer".

CAPÍTULO 4

*No qual
as coisas
começam a
se esclarecer*

Voltando para a Casa Verde, Arturzinho encontrou, junto à árvore, um preocupado Leo:

— Onde é que você se meteu, Arturzinho? Cheguei aqui, não encontrei você, me apavorei... achei que o homem tinha sequestrado você...

— Sequestrado, nada! — Arturzinho, excitadíssimo. — Eu estava dando uma de detetive, cara! E você não imagina o que aconteceu!

Um instante de suspense, e revelou, triunfante:

— Descobri quem traz a comida para o maluco. É uma garota, e lindíssima, cara! Disparado a garota mais bonita da cidade!

— Não diga! — Leo, encantado. — Bom, eu achava que alguém deveria existir... E você diz que é uma garota? Será a filha dele?

— Não sei — disse Arturzinho. — Uma coisa me chamou a atenção: estava vestida à moda antiga, com um vestido comprido, mangas longas...

— Interessante — disse Leo. — Provavelmente uma roupa da mesma época daquela que o homem usa. Será que ela quer manter o cara na sua ilusão? E por que faria isso?

— Só há uma maneira de descobrir — disse Arturzinho, decidido. — Vamos falar com ela. Contamos o nosso projeto, pedimos a sua ajuda. Já pensei até na proposta que faremos. É assim: ele nos cede uma sala para o nosso clube. Em compensação, a gente ajuda o homem, na limpeza da casa, na conservação e em outras coisas. Se ele quiser uma pizza, por exemplo, a gente traz a pizza. Não precisa ficar dependendo só da garota.

Estava tão entusiasmado que Leo teve de contê-lo: — Calma, Arturzinho, calma. Você está indo longe demais. Você nem sabe qual será a reação dessa garota...

— Quanto a isso, você pode deixar comigo. Modéstia à parte, eu sei falar com uma menina. E estou ansioso por falar com ela.

— Você parece muito interessado — disse Leo, irônico. — E não é só por causa do homem ou da Casa Verde...

Arturzinho teve de admitir que estava, sim, impressionado com a garota:

— Ela é linda, Leo. E não tenho a menor ideia de quem seja. E eu achava que conhecia todo o mundo em Itaguaí, imagina só. Mas isso não será problema: sei onde ela mora, é só ir até lá. Olhou o relógio: — Mas todas essas coisas nós vamos fazer depois. Agora eu vou dormir. Estou podre, cara. Essa de passar a noite acordado foi de matar... E você também pode ir. Avise o André e o Pedro Bola que eles não precisam vir. E marque um encontro às seis, na pizzaria do Marcolino.

Foi para casa, encontrou o pai que estava saindo para o hospital, e que o mirou com estranheza:

— Onde é que você andou, Arturzinho?

— Na casa do André, onde mais? Eu avisei que ia dormir lá, não avisei?

— Avisou. Só que, quando você dorme na casa dos seus amigos, não volta antes do meio-dia. E agora são sete da manhã. Você não está aprontando alguma, está?

— Não estou. — Riu. — E se estivesse? De vez em quando a gente precisa viver uma aventura, não é mesmo?

— É — suspirou o pai. — Bem, agora vá descansar um pouco. Você está um caco, rapaz. Vá dormir.

Arturzinho entrou, foi direto à geladeira, estava morrendo de fome. Comeu quatro sanduíches, tomou meio litro de leite — e então foi se deitar: naquele dia havia reunião dos professores, as aulas tinham sido suspensas. Cansado, dormiu a sono solto. Acordou sobressaltado: seis e quinze da tarde.

— Que horror! O pessoal lá me esperando e eu aqui, dormindo! Correu até a pizzaria, e, de fato, os amigos já estavam lá, à espera.

— Leo contou que você tem grandes novidades — disse André, não sem uma ponta de despeito, que Arturzinho preferiu ignorar.

— Verdade. Acho que temos como descobrir o segredo da Casa Verde — disse, e em seguida contou o que acontecera.

— Quer dizer que tudo depende dessa garota — concluiu André. — E como é ela?

— Um avião — disse Arturzinho. — Uma das meninas mais bonitas que já vi.

— É? — André, os olhos brilhando.

— Calma, André — protestou Arturzinho. — O negócio não é namorar. O nosso negócio é fazer um clube na Casa Verde.

— Uma coisa não impede a outra — observou André, com um sorriso safado.

— Escuta, André... — começou Arturzinho, mas antes que aquilo se transformasse num bate-boca, Leo resolveu intervir:

— Eu também tenho novidades.

Mostrou o livro que tinha sob o braço. O desenho da capa mostrava um homem de expressão feroz, cabeleira e barbas grisalhas. Usava pincenê, casaca e uma gravata de laço, e apontava para o provável leitor um dedo ameaçador.

— Mas é igual ao homem da Casa Verde! — disse Pedro Bola, assombrado.

— O que não é de estranhar — disse Leo. — Olhem o nome do livro.

— O alienista — disse Arturzinho. — Espera um pouco, Leo: alienista... O maluco lá não falou nisso? Não disse que era um alienista?

— Disse. E é por isso que este livro vai nos esclarecer muito sobre ele.

— Mas o que é um alienista? — quis saber André. — Era o nome que se usava antigamente para o médico que cuidava dos loucos.

— Espera um pouco: o cara disse que é um médico que cuida de loucos? Mas ele tem mais cara de maluco do que de médico...

— Um pouco como o personagem do livro — ponderou Leo.

Pedro Bola olhava a capa interessado: — É do Machado de Assis — disse. — Esse eu conheço, a professora Isaura falou nele. Não prestei muita atenção, mas é um cara do século passado, não é isso?

— É — disse Leo. — Este livro é de 1882.

— Espere um pouco — protestou André. — Você quer me dizer que um livro de mil oitocentos e tantos vai explicar por que o maluco se meteu na Casa Verde?

— Explicar, talvez não. Mas acho que vai ajudar a entender o que está se passando. Inclusive porque ele conta a história da Casa Verde.

— Mas como é que a gente não sabia desse livro? — perguntou Arturzinho.

— A gente, não — corrigiu Leo. — Você não sabia. Como o Pedro Bola disse, está na lista dos livros indicados pela professora Isaura. Aliás, uma grande indicação: o livro é muito bom.

— Mas você já leu? — Pedro Bola, assombrado.

— Já. O livro é curto. E é ótimo de ler. O Machado de Assis sabe contar uma boa história em poucas páginas.

— Então dê uma de Machado — propôs André, que não era muito chegado a livros. — Conte para nós o que você leu.

— Vamos fazer uma coisa melhor: vamos conversar com a professora Isaura sobre o livro. Ela disse que está à nossa disposição no colégio. Estava em reunião, mas, assim que terminasse poderia nos atender.

— E o que estamos esperando? — disse Arturzinho. — Vamos lá.

A reunião estava no fim quando chegaram. A professora veio ao encontro deles. Baixinha, morena, olhos buliçosos, Isaura era extremamente popular entre os alunos. Fã incondicional de Machado de Assis, não perdia uma oportunidade para falar aos alunos (ou a quem quisesse ouvir) sobre as obras do escritor:

— Vamos lá, pessoal. Estou à disposição de vocês.

Foram para uma sala vazia, sentaram-se todos.

— Muito bem — disse ela. — O Leo me contou que o grupo de vocês está interessado em saber mais sobre O alienista, do Machado de Assis, é isso?

— É — confirmou Arturzinho. — Essa coisa da Casa Verde, a gente tem discutido muito sobre aquele lugar.

— Então vamos lá. Primeiro vamos falar um pouco sobre o Machado de Assis, que é tão importante para a cidade.

— Ele morou aqui em Itaguaí? — quis saber Arturzinho.

— Não, o Machado era do Rio de Janeiro. Criou-se lá, no subúrbio, menino pobre. Além disso, era mulato, e naquela época estavam em moda teorias racistas sustentando que os mulatos eram inferiores. Quer dizer: sofreu muito, ele. Mas foi em frente, tornou-se jornalista e escritor.

— E a troco de que escreveu um livro sobre loucura?

— Esse era um tema que o interessava muito. Já havia aparecido em outros livros, como *Quincas Borba*. Mas nesta obra é o tema central. Pediu o livro ao Leo, abriu-o.

— O Machado de Assis começa assim: "As crônicas da vila de Itaguaí dizem que em tempos remotos vivera ali um certo médico, o doutor Simão Bacamarte, filho da nobreza da terra e o maior dos médicos do Brasil, Portugal e das Espanhas".

— Bacamarte... Bacamarte... Não é uma arma antiga? — perguntou Pedro Bola.

— É. Mas vocês já vão ver que o Machado escolheu esse nome de propósito para o doutor. Depois de estudar na Europa... naquele tempo o Brasil era governado por Portugal... ele veio para a vila de Itaguaí, casou com uma moça chamada Evarista e começou a trabalhar. Aos poucos, foi-se interessando pela doença mental. Não era um assunto muito popular, digamos assim.

Conta o Machado: "A vereança de Itaguaí, entre outros pecados de que é arguida pelos cronistas, tinha o de não fazer caso dos dementes. Assim é que cada louco furioso era trancado em uma alcova, na própria casa, e não curado, mas descurado, até que a morte o vinha defraudar do benefício da vida; os mansos

andavam à solta pela rua". O doutor Bacamarte então teve a ideia de construir um lugar para os malucos. Para isso, ele pretendia conseguir verba da câmara de vereadores.

— E os itaguaienses, o que disseram? — perguntou Pedro Bola.

— Ficaram curiosos, mas não gostaram muito da ideia. Diz o Machado: "A ideia de meter os loucos na mesma casa, vivendo em comum, pareceu em si mesma sinal de demência". Até o vigário sugeriu à dona Evarista, mulher do Bacamarte: "Veja se seu marido dá um passeio ao Rio de Janeiro". Tinha esperança de que, com a viagem, o alienista mudasse de ideia. Mas o doutor era persistente. Foi à câmara, defendeu o projeto, conseguiu até um imposto especial: quem quisesse colocar penachos decorativos nos carros funerários teria de pagar uma quantia. E aí começou a construção da casa dos loucos.

— A Casa Verde...

— É. A Casa Verde. "Inaugurou-se com imensa pompa; de todas as vilas e povoações vizinhas, e até remotas, e da própria cidade do Rio de Janeiro, correu gente para assistir às cerimônias, que duraram sete dias." Logo começaram a chegar os doentes. "Eram furiosos, eram mansos, eram monomaníacos, era toda a família dos deserdados do espírito." O doutor Bacamarte estudava cada caso. O objetivo dele era, diz Machado, "... estudar profundamente a loucura, os seus diversos graus, classificar-lhe os casos, descobrir enfim a causa do fenômeno e o remédio universal".

— Espere um pouco — interrompeu Arturzinho. — Que história é essa, "remédio universal"? Quer dizer que o doutor Bacamarte queria um remédio que curasse todos os tipos de doenças mentais? Será que o cara não estava exagerando?

— Estava. Agora: ele acreditava no que fazia. Machado conta que o homem se dedicava mesmo: "... analisava os hábitos de cada louco, as horas de acesso, as aversões, as simpatias, as palavras, os gestos, as tendências". Trabalhava tanto, que a mulher, a dona Evarista, se chateou. Diz o Machado: "A ilustre dama, no fim de dois meses, achou-se a mais desgraçada das mulheres; caiu em profunda melancolia, ficou amarela, magra, comia pouco, e suspirava a cada canto. Não ousava fazer-lhe nenhuma queixa ou reproche, porque respeitava nele o seu marido e senhor, mas padecia calada, e definhava a olhos vistos". O doutor Bacamarte simplesmente mandou que ela fosse passar uns tempos no Rio de Janeiro. Podia fazer isso, porque estava ganhando muito dinheiro.

— O homem era fogo, então — disse André.

— Era mesmo. Muito pior foi quando ele começou a achar que em Itaguaí havia muito mais loucos do que parecia no início. Como disse ao farmacêutico Crispim Soares: "A loucura, objeto dos meus estudos, era até agora uma ilha perdida no oceano da razão; começo a suspeitar que é um continente". Ele queria "ampliar o território da loucura". Para isso, era preciso separar a razão da maluquice: "A razão é o perfeito equilíbrio de todas as faculdades; fora daí insânia, insânia e só insânia". E a partir daí foi recolhendo as pessoas à Casa Verde.

O primeiro foi o Costa, pessoa estimada em Itaguaí. Rico, que acabou empobrecido: emprestava dinheiro a todos, sem juros; muitos simplesmente ficavam devendo. O doutor Bacamarte achou que esse comportamento era anormal, coisa de louco, e trancou o Costa na Casa Verde. Uma prima do homem veio procurá-lo com uma explicação para o caso: o dinheiro não durava porque o pai do Costa tinha sido amaldiçoado por um homem a quem negara um pouco d'água. O doutor Bacamarte, ouviu a história e não teve dúvida: recolheu a prima do Costa também.

— E o pessoal da cidade? — perguntou Arturzinho. — Qual foi a reação deles?

— A primeira versão foi que se tratava de vingança: o alienista teria tido uma paixão secreta pela tal prima, que o rejeitara, com apoio do indignado Costa. Mas a versão não pegou, porque, diz Machado, "... a austeridade do alienista, a vida de estudos que ele levava, pareciam desmentir uma tal hipótese". Depois disso, outra pessoa conhecida foi internada: o Mateus, um homem muito rico, que construía uma bela casa, e que tinha o costume de ficar na janela, com "atitude senhoril", como se quisesse ser admirado. Ouvindo falar da história, o alienista foi até a casa de Mateus, "viu-o à janela, passou cinco, seis vezes por

diante, devagar, parando, examinando as atitudes, as expressões do rosto". Com isso, fez o diagnóstico: Mateus foi recolhido à Casa Verde.

— Mas era um pavor, aquilo! — Pedro Bola, impressionado.

— Era. O pânico foi crescendo. Conta o Machado: "O terror acentuou-se. Não se sabia quem estava são, nem quem estava doido. As mulheres, quando os maridos saíam, mandavam acender uma lamparina a Nossa Senhora; e nem todos os maridos eram valorosos, alguns não andavam fora sem um ou dois capangas. Positivamente o terror. Quem podia emigrava".

— E os caras da vila? Não faziam nada? — Bem, lá pelas tantas eles se rebelaram. Quem comandou a revolta foi o barbeiro Porfírio Caetano das Neves e tinha muita gente no movimento. O que eles queriam era botar abaixo a Casa Verde. Ouçam só: "O barbeiro declarou que iam dali levantar a bandeira da rebelião, e destruir a Casa Verde; que Itaguaí não podia continuar a servir de cadáver aos estudos e experiências de um déspota; que muitas pessoas estimáveis, algumas distintas, outras humildes mas dignas de apreço, jaziam nos cubículos da Casa Verde..."

— E o alienista? — perguntou Arturzinho. — Fugiu?

— Que nada. O homem era teimoso. Enfrentou aquela multidão, fez um discurso. Ouçam só o que ele disse: "Meus senhores, a ciência é coisa séria e merece ser tratada com seriedade. Não dou razão de meus atos de alienista a ninguém, salvo aos mestres e a Deus. Se quereis emendar a administração da Casa Verde, estou pronto a ouvir-vos; mas se exigis que me negue a mim mesmo, não ganhareis nada. Poderia convidar alguns de vós em comissão dos outros a vir ver comigo os loucos reclusos; mas não o faço, porque seria dar-vos razão do meu sistema, o que não farei a leigos nem a rebeldes".

— O barbeiro deve ter ficado por conta — observou André.

— Ficou. Fez um pronunciamento: "Meus amigos, lutemos até o fim! A salvação de Itaguaí está em vossas mãos dignas e heroicas. Destruamos o cárcere de vossos filhos e pais, de vossas mães e irmãs, de vossos parentes e amigos, e de vós mesmos. Ou morreréis a pão e água, talvez a chicote, na masmorra daquele indigno". Mas o objetivo dele não era só destruir a Casa Verde. Ou seja: não era o mocinho da história, assim como o alienista não era o bandido. Os personagens de Machado são seres humanos, complexos como todas as pessoas. Diz ele: "Foi nesse momento decisivo que o barbeiro sentiu despontar em si a ambição do governo; pareceu-lhe então que, demolindo a Casa Verde e derrocando a influência do alienista, chegaria a apoderar-se da câmara, dominar as demais autoridades e constituir-se senhor de Itaguaí".

— O homem era um ditador em potencial — comentou Leo.

— Verdade. E o movimento crescia. Cresceu tanto que as autoridades tiveram de enviar à vila um destacamento militar. Mas na hora do enfrentamento os soldados começaram a passar para o lado dos revoltosos. O barbeiro foi até a câmara e lá assumiu o poder: os vereadores foram direto para a cadeia. Porfírio se proclamou "Protetor da vila em nome de Sua Majestade, e do povo". Lançou uma proclamação contra a "câmara corrupta e violenta" e foi muito aplaudido. O barbeiro então foi à casa do alienista, que o recebeu e disse que não tinha meios de resistir à rebelião: "Só uma coisa pedia, é que o não constrangesse a assistir pessoalmente à destruição da Casa Verde".

Agora: o que acham vocês que o barbeiro fez?

— Expulsou o Bacamarte — disse Pedro Bola.

— Mandou prendê-lo — sugeriu André.

— Nada disso. Ele veio com um papo conciliador: "Engana-se Vossa Senhoria em atribuir ao governo intenções vandálicas"... quer dizer, intenções de destruir coisas. E continuou: 'Com razão ou sem ela, a opinião crê que a maior parte dos doidos ali metidos estão em seu perfeito juízo, mas o governo reconhece que a questão é puramente científica".

— Questão científica: exatamente como dizia o alienista! — admirou-se Arturzinho.

— É. Exatamente como dizia o alienista. O barbeiro queria o doutor Bacamarte como aliado.

— O negócio dele era político...

— Era. O alienista também é isso, uma fábula política. Mas, continuando: com o apoio do barbeiro, que agora comandava Itaguaí, o doutor Bacamarte não perdeu tempo, continuou metendo mais gente na Casa Verde. Isso provocou grande indignação. Os itaguaienses pensavam que estavam livres do alienista, mas, ao contrário, viram que ele estava com mais poder. E protestaram. O barbeiro quis voltar atrás, fechando o hospício e mandando embora o doutor, mas já era tarde. Foi deposto, aliás, por outro barbeiro, João Pina, que o acusou de estar "vendido ao ouro de Simão Bacamarte". Nisso, conta Machado, chegou uma força enviada pelo vice-rei e restabeleceu a ordem, acabando com a revolta. A partir de então, o doutor Simão Bacamarte tinha o poder nas mãos. Começou internando o barbeiro Porfírio e vários outros rebeldes. Depois foi o presidente da câmara de vereadores. Foi "uma coleta desenfreada", diz o Machado. Acabou metendo a própria mulher, a dona Evarista, no hospício. O padre Lopes, assustado, perguntou ao alienista o que tinha acontecido. Simão Bacamarte contou que a mulher tinha uma dúvida: não sabia que colar usar no baile da câmara: "Alta noite, seria hora e meia, acordo e não a vejo; levanto-me, vou ao quarto de vestir, acho-a diante dos dois colares ensaiando-os ao espelho, ora um ora outro. Era evidente a demência; recolhi-a logo". E a Evarista não foi sozinha: àquela altura quatro quintos dos itaguaienses já estavam na Casa Verde. Mas de novo o alienista surpreendeu a todos. Mandou soltar todos os internados.

— Mas por quê? — estranhou Pedro Bola.

— Ele disse o seguinte: se o número de loucos era tão grande, o normal era ser maluco. Como explicou na carta que mandou à câmara: "... se devia admitir como normal e exemplar o desequilíbrio das faculdades", ou seja, das faculdades mentais, da mente. Para a Casa Verde só iriam as pessoas "que se achassem no gozo do perfeito equilíbrio das faculdades mentais". E o doutor trataria dessas pessoas. O objetivo era fazer com que ficassem perturbadas, para voltar à normalidade, isto é, à maluquice. Machado dá um exemplo: "Suponhamos um modesto. Ele aplicava a medicação que pudesse incutir-lhe o sentimento oposto". Medicação aí não é injeção ou comprimido; "Às vezes bastava uma casaca, uma fita, uma cabeleira, uma bengala para restituir a razão ao alienado". Quer dizer: com enfeites, o cara ficava curado da modéstia. E aí não precisava ficar na Casa Verde. Que, no fim de cinco meses e meio estava vazia: todos "curados", entre aspas.

— Então o alienista conseguiu o que queria? — perguntou André.

— Aparentemente sim. Mas então se deu conta de que, na verdade, aquelas pessoas já eram perturbadas antes: "Os cérebros bem-organizados que ele acabava de curar eram desequilibrados como os outros". O único que era cem por cento sadio era ele, o alienista. "Simão Bacamarte achou em si os característicos do perfeito equilíbrio mental e emocional"; ele era inteligente, paciente, leal, tolerante. Chegou a reunir um conselho de amigos, perguntou se tinha algum vício, algum defeito. Não, foi a resposta unânime, ele era perfeito. Portanto, ele era o único que tinha de ir para a Casa Verde. Foi o que fez, apesar dos pedidos da mulher e dos amigos. Conta Machado: "Fechada a porta da Casa Verde, entregou-se ao estudo e à cura de si mesmo. Dizem os cronistas que ele morreu daí a dezessete meses, no mesmo estado em que entrou". E aí termina a história.

Sorriu: — Agora vocês já sabem por que muita gente aqui em Itaguaí não gosta da Casa Verde.

Os garotos agradeceram à professora Isaura e saíram. Tão impressionados estavam, que ficaram parados na frente do colégio, por uns bons cinco minutos, sem dizer palavra.

— Que coisa — murmurou Pedro Bola, por fim. — Que coisa. O alienista trancando todo o mundo na Casa Verde... Parece história de terror. Pode ser inventada, mas está muito bem contada.

— Muito bem — disse André.

— Nós temos a história do Machado de Assis, e que eu, aliás, estou ansioso para ler. E isso eu que não sou de muita leitura, hein? Mas é que fiquei curioso... Agora: o nosso homem lá da Casa Verde... gente, esse cara também deve ter uma história muito estranha. Acho que nem o Machado de Assis imaginaria um tipo desses. Vocês viram, a história dele termina quando o alienista morre. Como é que ia imaginar um

cara se trancando na Casa Verde tantos anos depois? E a troco de que o sujeito pensa que é o doutor Simão Bacamarte? Isso eu não consigo entender.

— Podem deixar comigo — Arturzinho, misterioso. — Em dois dias garanto a vocês que tenho a resposta para esta pergunta.

— Ah, é? — André, debochado. — E como, pode-se saber? Consultando um adivinho?

— Isso eu resolvo. Tenho os meus métodos. Piscou o olho para Leo, que se limitou a sorrir. Sabia muito bem por que Arturzinho não queria falar da garota: tinha medo de que André corresse atrás dela. A rivalidade entre os dois se estendia às garotas, e mais de uma vez tinham brigado por causa disso.

André suspeitou de algo: — Está bem, sabidinho. Mas aposto um CD como você não consegue.

Arturzinho topou. Combinaram novo encontro para daí a três dias, no mesmo lugar.

— Você já sabe — avisou André. — Ou traz a resposta ou traz um CD. Que eu vou escolher.

— Não: você é que vai comprar o CD que eu escolher. E pode ir preparando a grana, porque não será barato.

Feito o desafio, separaram-se. André e Pedro Bola queriam voltar à pizzaria. Mas Arturzinho alegou que precisava dormir cedo. Tinha um compromisso na manhã seguinte.

Fonte: SCLIAR, Moacyr. *O Mistério da Casa Verde*. São Paulo: Ática, 2019, p. 22-29.

AULA 2 - 50 MIN



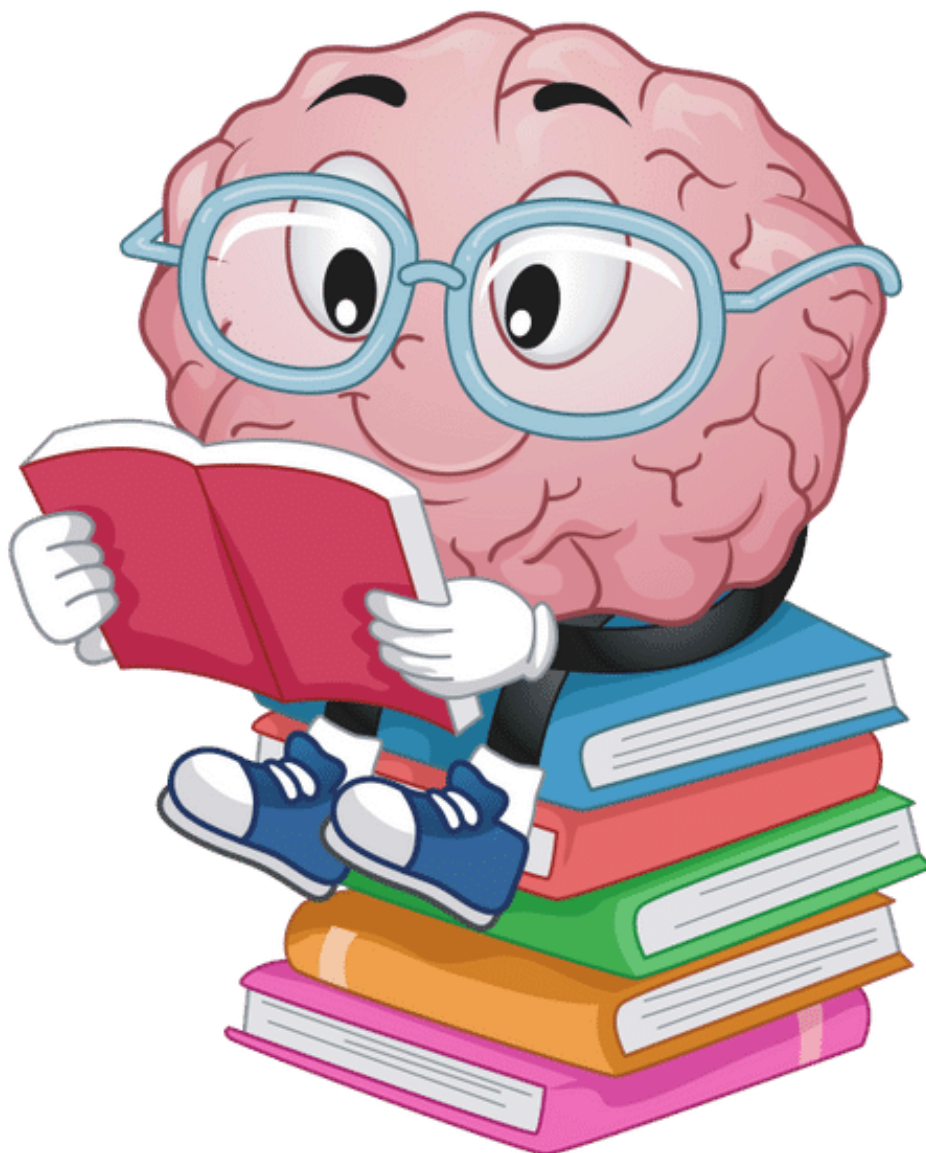
Passo 1: Após a leitura do capítulo 4 da obra *O Mistério da Casa Verde* do autor Moacyr Scliar, responda:

1. O capítulo "No qual as coisas começam a se esclarecer" possui várias referências à obra *O Alienista* de Machado de Assis, inclusive trechos retirados do texto original. Seria este capítulo considerado um plágio? Justifique.
2. Vimos nas aulas anteriores que há muitas maneiras de realizar a intertextualidade, como, por exemplo, fazendo uso da paródia, da paráfrase, da epígrafe, da citação e da alusão. Há a presença de alguma dessas formas de intertextualidade no capítulo 4. Quais? Explique com trechos do texto em análise.
3. Na frase: "Diz o Machado: 'A ideia de meter os loucos na mesma casa, vivendo em comum, pareceu em si mesma sinal de demência'." Temos um dos 6 tipos de intertextualidade estudados. Escreva o nome desta forma de intertextualidade e explique como ela ocorre.
4. Com o livro *O Alienista* em mãos, os meninos, personagens de *O Mistério da Casa Verde*, procuram a professora Isaura para conhecer mais sobre essa história. Para entendermos um pouco mais a escolha dos meninos em procurar a professora Isaura, registre suas características físicas e psicológicas tendo como base a leitura do capítulo, depois comente qual dessas características é a mais relevante para a escolha dos meninos.
5. Antes de a professora Isaura falar sobre o livro *O Alienista*, propôs contar um pouco sobre a vida do autor Machado de Assis. Segundo a professora, quem foi Machado de Assis? Busque sua resposta na leitura do capítulo em estudo.
6. Ao falar sobre Machado de Assis, a professora também fala de outra obra famosa do autor, *Quincas Borba*. Que tipo de intertextualidade fica expressa nessa passagem do texto?
7. Por que a professora Isaura fez alusão ao livro *Quincas Borba* durante a conversa com os alunos interessados em conhecer o conto *O Alienista*?

Passo 2: Relembre um pouco da história contada em *O Alienista* através da leitura do capítulo 4 e conheça um pouco mais do enredo da obra *O Mistério da Casa Verde* de Moacyr Scliar compreendendo, interpretando e respondendo às questões a seguir:

1. O que fez com que o pai de Artuzinho desconfiasse que o filho estava aprontando alguma coisa?
2. O que os itaguaienses disseram quando Dr. Bacamarte anunciou que construiria um lugar para aprisionar "os loucos"?
3. Qual era o objetivo do Dr. Bacamarte ao estudar cada um dos casos e tipos de "loucura" presentes nas pessoas que viviam na Casa Verde?
4. Quais foram as quatro pessoas conhecidas que o Dr. Bacamarte internou na Casa Verde? Quais os sintomas que elas apresentaram?
5. Ao término da história, descobrimos que o Alienista mandou soltar todas as pessoas que estavam presas na Casa Verde e decidiu que ele era o único que deveria ir para lá. O que levou Bacamarte a chegar a esta conclusão?

Passo 3: Realize a correção da atividade com seu professor e com os colegas. Aproveite o momento para compartilhar o que achou da leitura do capítulo em análise e se ficou interessado em ler *O Alienista* de Machado de Assis.



4º MOMENTO



PRODUÇÃO TEXTUAL

A Produção Textual se divide em 2 aulas de 50 min. O objetivo destas aulas é trabalhar a escrita poética aldravipeia, gênero criado pela escritora Andreia Donadon Leal que consiste em um conjunto de 20 aldravias no qual uma palavra-chave torna-se fio condutor do texto.

AULA 1 - 50 MIN



As sequências didáticas estudadas até aqui se dedicaram à leitura, compreensão e interpretação de duas obras da nossa Literatura Brasileira – *O Alienista* de Machado de Assis e *O Mistério da Casa Verde* de Moacyr Scliar – cuja temática principal é a "loucura". A partir desse tema, muitas atividades foram desenvolvidas em diálogo com outros gêneros textuais e literários, tanto na leitura quanto na escrita autoral. Neste momento, convidamos você a se aventurar na escrita de um livro diferente: o **livro de uma página só**. Para cumprir essa tarefa, siga os passos abaixo:

Passo 1: Você já conhece o gênero **aldravia**, poema composto por seis versos univoculares, criado em Mariana, MG, no ano de 2010. Conheceu o gênero **ex-libris**, marca de proveniência do século XIX, e o amálgama entre ele e a aldravia, criação de um novo gênero chamado **ex-AldraviLIBRIS**. Entrou em contato com a arte da **aldravintura**, técnica de pintura que valoriza o instante, o fluxo de consciência, a conexão com o lado afetivo através de pinceladas soltas, aleatórias e livres.

Agora é a vez de você compor, de forma autoral, uma **aldravipeia**: conjunto de 20 aldravias que se conectam entre si por uma palavra-chave ou por um eixo temático que perpassa todas as aldravias desse conjunto elegendo a **palavra**, em todas as suas possíveis acepções, como um objeto capaz de se transfigurar em matéria física ou metafísica ressignificando suas propriedades polifônicas em favor da poesia.

A partir desta introdução faça o que se pede:

- 1- Rememore a história e o tema "loucura" tratados na obra *O Alienista* de Machado de Assis que foram amplamente revistos durante a leitura dos capítulos do livro *O Mistério da Casa Verde* de Moacyr Scliar.
- 2- Leia as trovas (composição minimalista tal como as aldravias, porém estruturalmente diferentes) abaixo para refletir poeticamente sobre o tema da "loucura".
- 3- Eleja uma palavra-chave retirada dos capítulos dos livros estudados nas sequências didáticas OU das trovas abaixo para a construção de sua aldravipeia. Lembrando que a palavra-chave deverá aparecer em todas as 20 aldravias criadas por você.
- 4- Explore os campos semânticos da palavra-chave escolhida, seus mais variados significados, seus sinônimos e a transforme no seu principal objeto poético para falar da "loucura".
- 5- Não se esqueça destes detalhes: cada aldravia possui apenas 6 palavras-verso.

OBS.:

- As palavras não são escritas com letra maiúscula (salvo nomes próprios);
- Não há necessidade de pontuação;

- Nomes compostos podem figurar como uma única palavra no verso;
- Evite o uso de preposições, pronomes, artigos, afinal eles podem ocupar o lugar de uma palavra mais relevante para o poema e prejudicar a qualidade de seu verso;
- Por fim, privilegie o uso da metonímia na construção de seu poema aldráxico.

TROVAS

**Loucura é quando se sente
tão sem abrigo, acuado,
que, mesmo dentro da gente,
qualquer refúgio é negado.**

Trova cedida por Arlindo Tadeu Hagen.
Autor do livro *Retrato 4x7* e co-autor em várias
outras antologias literárias.

**Loucura se manifesta,
às vezes, dentro da gente.
Cuidado, pois não se atesta
ser louco ao ser diferente.**

Trova cedida por Déa Araújo.
Autora do livro infantil *Tem um Bichinho
no meu Poema*.

**Loucura, sabe-se bem,
ataca a torto e a direito!
E, mentalmente, ninguém
é cem por cento perfeito!**

Trova cedida por Fernando Antônio
Belino.
Autor dos livros *Sonetos e outros poemas
e Verso e Prosa em movimento*.

Passo 2: Depois de lidas as instruções do Passo 1, comece a produção de sua aldraviepeia.

Passo 3: Peça orientação ao seu professor e reescreva seu poema quantas vezes forem necessárias até que ele esteja pronto para ser registrado no livro de uma página só.

AULA 2 - 50 MIN



Passo 1: Depois que sua aldraviepeia estiver escrita, é hora de pensar na estrutura do livro. Leia:

O livro de uma página só

A capa, o título, o nome do autor (ou dos autores), o prefácio, a dedicatória e os agradecimentos são alguns elementos que compõem a estrutura de um livro. Será que todos esses elementos caberiam em apenas uma página?

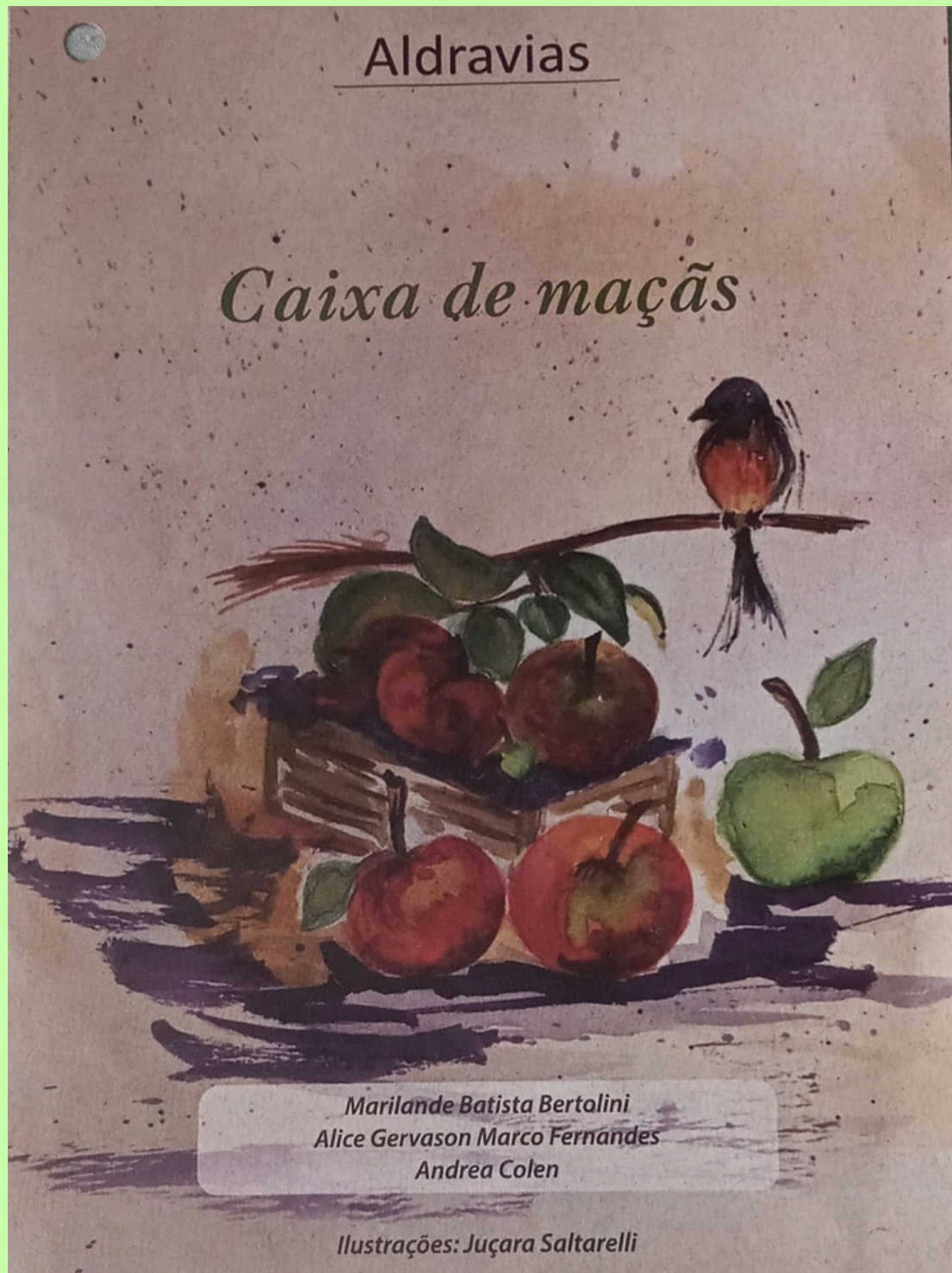
Esse foi o desafio que as poetisas aldravianistas Marilande Batista Bertolini, Alice Gervason Marco Fernandes e Andrea Colen enfrentaram para elaborar uma obra compacta no tamanho, mas imensa quanto ao seu conteúdo.

E não é que conseguiram?

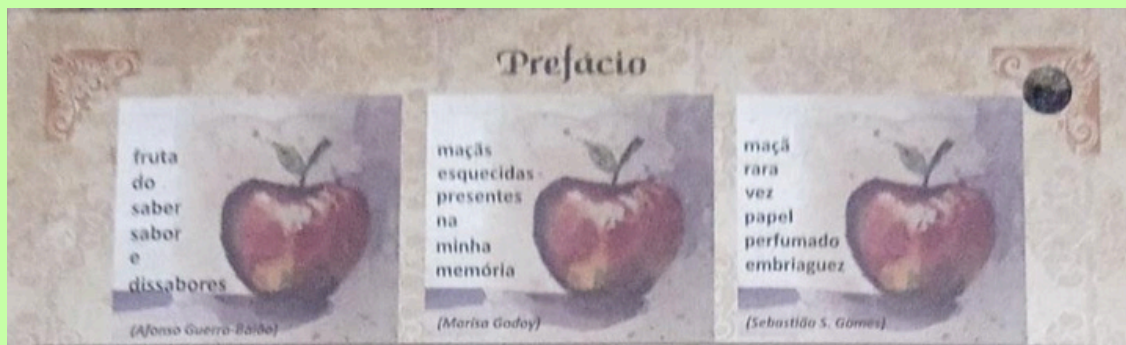
Seguindo a tendência minimalista das aldravias, as autoras esbanjaram sensibilidade e criatividade ao se apropriarem do tema das maçãs para a produção desse minilivro, digamos assim, com seus poemas aldráxicos. Ainda fizeram ilustração da capa e a apresentação de como surgiu a inspiração para falar sobre essa fruta tão gostosa que é a maçã.

Para matar a sua curiosidade, veja a frente e o verso do livro *Caixa de maçãs*:

CAPA DO LIVRO CAIXA DE MAÇÃS



VERSO DO LIVRO CAIXA DE MAÇÃS



A estória da caixa de maçãs era uma estória de poucas vozes. Nosso tio e dois colegas dele que também eram motoristas é que lembravam... as maçãs vinham embrulhadas em papel de seda azul e traziam paladares de longe, eram importadas e caras. Traziam histórias da Bíblia e da Ciência, e estórias de princesas, de circo, de parques e jardins, de crianças com febre, tortas de maçã das revistas em quadrinhos e dos desenhos animados e, também, das nossas viagens de ônibus de volta pra casa: O camarada encontrou uma caixa de maçãs esquecida há muitos dias no porta-mala do ônibus. Levou-a para sua casa dizendo à família que aquelas frutas eram raras, saborosas, importantes e custavam caro como um tesouro. Como algumas maçãs do fundo da caixa já estavam estragando, resolveram ir aproveitando as que já estavam passadas... Então foram experimentando as maçãs sempre assim: passadas, murchadas... Sempre assim: deixando as boas, as vermelhas, rubis, lindas de encher os olhos.... para depois. E comeram uma caixa de maçãs passadas.



Fonte: Arquivo pessoal de Joseani Adalemar Netto.

Passo 2: Agora que você já sabe como o livro de apenas uma página foi elaborado, pense como será o seu. Faça um esboço da sua obra e depois de bem pensado, coloque-o em prática. Em relação a ilustrações, peça auxílio a seu professor de Artes. Ao professor de Informática, peça orientações de como fazer a diagramação da página do livro. Quanto aos aspectos textuais, conte com o apoio e com a orientação de seu professor de Língua Portuguesa. Mãos à obra!

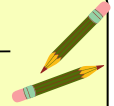
Passo 3: Assim que você e seus colegas tiverem com seus livros prontos e impressos, organizem um pequeno evento de autógrafos para a divulgação dos trabalhos. Convide sua família, amigos e toda a comunidade escolar para compartilhar esse momento literário.





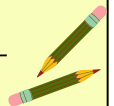
MOTIVAÇÃO

AULA 1 - 50 MIN

**Passo 2**

1. a) O homem de barba comprida se refere ao filósofo Nietzsche e o homem de barba branca e de túnica se refere a Deus.
b) A alusão se faz no último quadrinho. Assim que Deus golpeia Nietzsche, ele chama por Adão, personagem bíblico retratado no livro Gênesis como o primeiro homem a habitar o plano terrestre.
c) Segundo o dicionário online, alusão é uma "menção ou citação; referência feita de maneira vaga ou indireta sobre algo ou alguém. É uma palavra ou frase que tem o intuito de mencionar, de citar algo ou alguém que não está presente".
Fonte: <https://www.dicio.com.br/alusao/> Acesso em: 17 fev. 2023.
2. A tirinha faz uma crítica ao plágio e inclusive deixa claro que plagiar é um crime.
3. O plágio em questão está relacionado à história do nascimento de Jesus. Assim como Hórus, Jesus também nasceu de uma virgem no dia 25 de dezembro e voltou da morte após 3 dias.
4. Se os egípcios possuem mais de cinco mil anos de existência, a cultura e a história deste povo veio antes do nascimento de Jesus. Seguindo o calendário atual, Jesus teria 2023 anos, ou seja, 2.977 anos a menos que Hórus. O personagem Nietzsche acusa Deus de ter copiado a história de Hórus para a criação de Jesus. Sendo assim, Deus ficou com medo de que Nietzsche revelasse seu "segredo" (o plágio) e decidiu nocauteá-lo para poder se livrar desse crime.
5. Plágio é a apropriação indevida de um produto intelectual (texto, obra artística, imagem, etc.) de uma pessoa sem lhe atribuir o devido crédito. Há três principais tipos de plágio: direto, indireto e o autoplágio.
6. (X) Faz uso de um assunto livre, íntimo e sentimental.

AULA 2 - 50 MIN

**Passo 1**

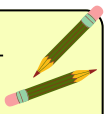
1. a) Plágio.
b) Releitura.
c) Plágio.
d) Releitura.
e) Releitura.

Passo 2

Discussão em sala de aula – Resposta Pessoal.

INTRODUÇÃO


AULA 1 - 50 MIN



Passo 2

1. A intertextualidade é o diálogo que ocorre entre dois ou mais textos, podendo ocorrer por meio da utilização da paródia, da alusão, da bricolagem, dentre outros.
2. A intertextualidade é um recurso dialógico utilizado entre textos, ou seja, é a influência de um texto sobre outro. Na produção textual, a intertextualidade pode ser expressa de forma explícita ou implícita em relação aos elementos existentes no texto usado como referência, ou seja, pode ser expressa através do conteúdo, da forma ou de ambos. O plágio, por sua vez, é o uso indevido de uma propriedade intelectual de qualquer natureza em que não é dado ao autor do texto original os créditos devidos, configurando-se como uma cópia, um crime contra os direitos autorais.
3. a) Explícita.
b) Implícita.
c) Explícita.
d) Implícita.
e) Explícita.
f) Implícita.
g) Explícita.

AULA 2 - 50 MIN



Passo 1

- I- Paródia.
- II- Epígrafe.
- III- Citação.
- IV- Alusão.
- V- Paráfrase.

Passo 2

Porque a animação *Shrek* foi construída a partir da utilização de diferentes contos de fadas, como *Os Três Porquinhos*, *Pinóquio* e *Chapeuzinho Vermelho*. Foi montado um texto a partir da utilização de fragmentos de outros textos.

Passo 4

Tarefa para casa – Resposta Pessoal.

AULA 3 - 50 MIN



Passo 2

Apresentação da tarefa para casa – Resposta Pessoal.

LEITURA/INTERPRETAÇÃO

AULA 2 - 50 MIN



Passo 1

1. Não. Na narrativa de Scliar, em todo momento, são feitas referências a Machado de Assis. Ele não plagiou os trechos da obra *O Alienista*, fez somente citações. É um dos tipos de intertextualidade que estudamos: citação. Sendo assim, Scliar está homenageando e não plagiando Machado de Assis.
2. Citação e Alusão.
Citação: "O terror acentuou-se. Não se sabia quem estava são, nem quem estava doido. As mulheres, quando os maridos saíam, mandavam acender uma lamparina a Nossa Senhora; e nem todos os maridos eram valorosos, alguns não andavam fora sem um ou dois capangas. Positivamente o terror. Quem podia emigrava."
Alusão: Em todos os momentos que "A Casa Verde" é mencionada.
3. Citação. Ela ocorre quando há o acréscimo de partes de outras obras numa produção textual de forma que haja diálogo entre as duas. Geralmente vem expressa entre aspas e em itálico, já que se trata da enunciação de outro autor.
4. Isaura era uma mulher baixinha, morena, olhos buliçosos, muito popular entre os alunos e fã incondicional de Machado de Assis. A professora era fã de Machado de Assis, por isso ela deveria conhecer bem as obras e a vida desse autor, o que faria com que os meninos compreendessem melhor o mistério que sempre rondou a Casa Verde na cidade de Itaguaí.
5. Machado de Assis foi um jornalista e escritor muito importante para a cidade de Itaguaí. Nascido nos subúrbios do Rio de Janeiro, era um menino pobre e mulato que havia sofrido muito com teorias racistas que defendiam que os mulatos eram inferiores. Além disso, escreveu muitos livros famosos como *O Alienista* e *Quincas Borba*. Em ambos há a presença de um tema que muito lhe interessava: "a loucura".
6. Ao mencionar o livro *Quincas Borba*, a professora Isaura faz uso de um recurso da intertextualidade que é conhecido como alusão.
7. Nas palavras da professora Isaura, Machado de Assis se interessava pelo tema da "loucura" presente tanto em *O Alienista*, obra de interesse dos alunos, quanto em *Quincas Borba*, outra obra do autor Machado de Assis.

Passo 2

1. O fato de ele ter chegado em casa às sete da manhã, já que Artuzinho quando dormia na casa dos amigos não voltava antes do meio-dia.

2. Ficaram curiosos, mas não gostaram muito da ideia.
3. O objetivo dele era, diz Machado: "[...] estudar profundamente a loucura, os seus diversos graus, classificar-lhe os casos, descobrir enfim a causa do fenômeno e o remédio universal".
4. O primeiro foi o Costa: homem rico que acabou empobrecendo por emprestar dinheiro para as pessoas e não cobrar juros. Para Bacamarte, esse comportamento era coisa de louco e por isso ele foi trancado na Casa Verde. A segunda foi a prima do Costa: ela explicou para Bacamarte que o dinheiro do primo não durava porque o pai do Costa tinha sido amaldiçoado por um homem a quem negara um pouco d'água. Por conta dessa história, Bacamarte recolheu a moça também. O terceiro foi Mateus: homem muito rico que construía uma bela casa e que tinha o costume de ficar na janela com "atitude senhoril", como se quisesse ser admirado. Bacamarte foi conferir se essa história era verdadeira e ao comprovar que Mateus ficava na janela, analisou suas atitudes e expressões faciais e concluiu que ele também deveria ser recolhido para a Casa Verde. E, por último, sua própria esposa, dona Evarista: não conseguia escolher qual colar usar no baile da câmara. Por conta disso, uma certa noite, Bacamarte acordou, não encontrou sua esposa, levantou-se e foi procurá-la, então ele a achou diante do espelho experimentando os colares, ora um, ora outro. Para Bacamarte, o fato de a mulher estar ensaiando na frente do espelho de madrugada era motivo suficiente para levá-la para a Casa Verde e assim o fez, pois, segundo ele, ela estava demente.
5. O Dr. Bacamarte concluiu que se o número de loucos era tão grande, o normal era ser maluco. Sendo assim, para a Casa Verde só iriam as pessoas "que se achassem no gozo do perfeito equilíbrio das faculdades mentais". O objetivo era fazer com que ficassem perturbadas para voltar à normalidade, isto é, à "maluquice". Assim, o alienista concluiu que o único que era cem por cento sadio era ele, visto que era inteligente, paciente, leal, tolerante. O alienista reuniu um conselho de amigos, perguntou se tinha algum vício, algum defeito. Não, foi a resposta unânime, ele era perfeito. Portanto, ele era o único que tinha de ir para a Casa Verde. Foi o que fez, apesar dos pedidos da mulher e dos amigos. Conta Machado: "Fechada a porta da Casa Verde, entregou-se ao estudo e à cura de si mesmo."

PRODUÇÃO TEXTUAL

Todas as atividades de Produção Textual são subjetivas, ou seja, as respostas são pessoais, não havendo sugestões a serem dadas.

ANOTAÇÕES

A series of horizontal lines for writing, with a large, light gray outline of a house in the center.





INSTITUTO FEDERAL
SUDESTE DE MINAS GERAIS

Campus-
Juiz de Fora

ISBN: 978-65-00-75969-3

100



9 786500 759693